a «revolução cultural» vista de perto

alexei jelokhovtsev

editorial estampa

A «REVOLUÇÃO CULTURAL» VISTA DE PERTO

ALEXEI JELOKHOVTSEV

A «REVOLUÇÃO CULTURAL» VISTA DE PERTO

Distribuidor no Brasil:

Livraria Martins Fontes
Praça da Independência, 12
Santos — S. Paulo

Editorial Estampa

Tradução de Judite Reis

Capa de Soares Rocha

Todos os direitos para esta edição, estão reservados
por Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 1977

ÍNDICE

1. Viagem à China 9
2. Nas vésperas da catástrofe 21
3. O início do movimento 67
4. Os primeiros dias do novo poder 93
5. A vida sob a ordem nova 115
6. Triunfo e decadência do «grupo de trabalho» 133
7. Os pogroms de Agosto 157
8. O reino dos «guardas vermelhos» 183
Posfácio 219

1. VIAGEM A CHINA

Como me tornei sinólogo. Primeiros amigos chineses. Trabalho de investigação. O visto de entrada. Conversa com um ferroviário chinês. A fronteira.

Chamam-se sinólogos os especialistas da língua e da literatura chinesas, assim como da cultura, da história, da economia, em resumo, da vida da China. Todos os sinólogos gostariam de ir à China, mas isso não é fácil. Preparava-me para fazer essa viagem em fins de 1965.

A sinologia não é uma profissão muito comum: a necessidade de especialistas nesta matéria é limitada e o tema, difícil. Nem toda a gente é capaz de armazenar na memória milhares de hieróglifos. Quando frequentava a faculdade, acontecia por vezes estudantes abandonarem de bom grado, e mesmo com um sentimento de alívio, este estudo para se dedicarem à geologia, à medicina ou à indústria. Conservei com muitos deles excelentes relações de amizade desde o período em que frequentámos o primeiro ano do Instituto de Línguas Orientais de Moscovo.

Há na U. R. S. S. famílias em que a sinologia passa de pai para filho, em que as crianças seguem a carreira do pai, se, por exemplo,

este vive na China já há alguns anos. Essas crianças aprendem a língua, observam o modo de vida deste país e depois decidem consagrar-se ao estudo da China. Além disso, os documentos e as bibliotecas constituídas pelos pais podem ser-lhes de grande utilidade. Quanto a mim, tornei-me sinólogo um pouco acidentalmente.

A minha família achava que eu tinha aptidões linguísticas, porque a minha paixão pelos romances me levara a aprender inglês. No segundo ano, lia correntemente nessa língua e frequentava um curso preparatório de Inglês no Instituto de Línguas Estrangeiras de Moscovo. Queria tornar-me tradutor de Inglês e dizia-se no curso que tinha todas as probabilidades de ter êxito no exame de aptidão à faculdade dos tradutores. Quando saí da escola com a medalha de ouro (prémio de excelência), não hesitei um instante na escolha da minha profissão; a China não entrava nessa altura no círculo das minhas preocupações.

Mas, chegada a hora, a minha mãe opôs-se resolutamente e proibiu-me que me inscrevesse na faculdade de inglês. «Conheces suficientemente o inglês para te servires dele eventualmente — dizia-me ela. — A faculdade seria demasiado fácil para ti, tornar-te-ias vaidoso, indolente, preguiçoso e nunca farias nada de bom! Na vida, o essencial é aprender a trabalhar, o resto vem por si.»

Fiquei desanimado e confuso, porque nunca tínhamos tido conflitos. Todos os meus esforços para a persuadir foram vãos e sentia no fundo que a minha mãe tinha razão, que as suas apreensões tinham fundamento. E tinha vergonha de confessar que o trabalho me amedrontava, que era partidário do menor esforço, e a ideia de que os meus pais o pudessem adivinhar era-me insuportável.

Levei ao Instituto de Línguas Orientais de Moscovo o meu diploma dos estudos secundários com a menção excelente que, nessa época, dispensava do exame de aptidão a qualquer estabelecimento de ensino superior.

A admissão implicava uma entrevista preliminar, de que me recordo perfeitamente. Havia três pessoas: o professor Boldyrev, director do Instituto, Boris Issaienko, um grande conhecedor da língua chinesa que tinha regressado da Manchúria, e um professor de árabe.

— Quer então vir estudar connosco? — perguntou Boldyrev. — Leia!

Estendeu-me o **Daily Wooker**, nessa altura o quotidiano do Partido Comunista da Grã-Bretanha, jornal que eu conhecia bem e lia frequentemente.

— Devo ler o texto inglês ou traduzi-lo? — perguntei ingenuamente. Não esperava que me interrogassem em inglês, língua que aprendera com outro fim.

— Leia primeiro — diz Boldyrev.

Li rapidamente, porque no curso tinham aperfeiçoado a minha pronúncia.

— E agora traduza.

Comecei a traduzir não aquilo que lera, mas mais adiante, directamente, não conhecendo ainda a existência do termo «traduzir com o livro aberto».

— Ficamos com ele — interrompeu-me Boldyrev. — Um orientalista deve conhecer uma língua ocidental antes de começar os seus estudos superiores. Mas saiba que tem ainda de aprender o francês e o alemão e sozinho, sem

programa, se quiser ser um verdadeiro especialista. A título de excepção, pode escolher a faculdade.

— A minha mãe quer que me inscreva na faculdade onde ensinem a língua mais difícil — balbuciei, apanhado desprevenido.

Compreendi então que me comportara como uma criança, mas os orientalistas tomaram-me a sério e debateram entre si:

— Não há nada mais difícil que os verbos na língua árabe e além disso cada país tem o seu dialecto e há ainda a língua e a literatura clássica. Fica connosco — diz o professor de árabe.

— Bom, então calo-me — diz Boldyrev ironizando.

— Não há nada mais difícil que os hieróglifos, sejamos justos — diz Issaienko triunfante.

O professor de árabe não replicou, mas Boldyrev lembrou:

— De acordo, vocês têm os hieróglifos, mas os japoneses também os têm!

— Eles têm os hieróglifos chineses, só que são mais pequenos — retorquiu Issaienko.

— Em contrapartida, não podem comparar a gramática japonesa com a vossa!

— A gramática chinesa está apenas mais mal estudada e por isso é ainda mais difícil!

Mas Boldyrev não desistiu e declarou, dirigindo-se a mim.

— Em resumo, escolha entre as faculdades de chinês ou de japonês.

— Prefiro o chinês — disse eu. — A revolução acaba de triunfar lá!

— Que sabe da revolução chinesa? — perguntou Issaienko.

— Vi os filmes **A Grande Vitória do Povo Chinês** e **A China Libertada** e li o livro de Iermachev **Luz sobre a China.**

— Não é muito — comentou Issaienko.

★

Os dois primeiros anos foram para mim um pesadelo hieroglífico. O ritmo de ensino era rápido, o cérebro não estava ainda habituado e a memória tinha de se adaptar. Mas no terceiro ano aprendia já facilmente a lição quotidiana, quinze a vinte hieróglifos, no metro, quando ia para o Instituto. Aparentemente, tinha queda para os hieróglifos.

Foi no Verão de 1957, durante o Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, em Moscovo, que tomei pela primeira vez conhecimento com amigos chineses. A delegação chinesa era muito numerosa, havia poucos intérpretes e recorreu-se aos serviços dos estudantes. Acolhi os hóspedes chineses na fronteira e viajei com eles durante cinco dias, atravessando quase todo o país. Recordarei sempre o Festival de Moscovo como uma festa maravilhosa na minha juventude. Passei-o com os hóspedes chineses, a flor da jovem geração do país. Os músicos e os artistas da Ópera de Pequim, os responsáveis das Juventudes Comunistas, os violinistas e os pianistas, a melhor condutora de tractores de Heilungkiang; todos se tornaram meus amigos. Falavam, discutiam, cantavam, divertiam-se e foram muito simples e naturais para comigo.

Quatro meses mais tarde, com um grupo de estudantes estagiários, pisei pela primeira vez a terra chinesa na estação de Mantcheuli. A

minha agenda estava cheia de moradas e números de telefone: tinha quase tantos conhecimentos e amigos em Pequim como em Moscovo. O meu coração estava ainda em festa após o festival e esperava que os seus dias luminosos tivessem um prologamento na China.

Não encontrei os meus amigos em Pequim. Muitos tinham partido, tinham desaparecido, precisamente os que simpatizavam mais com a União Soviética e comigo. Mesmo o comportamento e o carácter dos que ficaram tinha mudado. Começara na China uma luta contra os elementos de «direita» e lançando o anátema sobre a burguesia, os maoístas desfaziam-se dos amigos da União Soviética. Para o estudante sinólogo noviço que eu era na altura, a vida política de Pequim e a própria atmosfera da sociedade chinesa permaneceram incompreensíveis, estranhas, enigmáticas. As manobras dos maoístas eram ainda muito subtis nessa época...

O desaparecimento de alguns dos meus amigos espantava-me e não compreendia a prudência cautelosa dos outros.

★

Passei nos exames de fim do curso, mas o meu desejo de ser enviado à China continuava um sonho. Não havia lá trabalho para mim: as relações sino-soviéticas começavam a deteriorar-se. Entrei para o Instituto de Sinologia da Academia das Ciências da U. R. S. S. e dediquei-me ao estudo da China. Dois anos mais tarde, tinha já um tema de investigação: o conto na China medieval. Consagrei-lhe oito anos de trabalho e espero continuar ao longo da minha

vida, nem que seja de vez em quando. Os meus trabalhos levaram à publicação, em 1969, do livro **Huapen, Conto Citadino da China Medieval.**

Tendo esgotado tudo o que saíra na U.R.S.S. sobre este tema, senti a necessidade premente de rever a China. Sentia-me culpado por não ter sabido prever, durante os meus anos de estudante, aquilo de que me iria ocupar concretamente e por ter negligenciado livros cuja leitura se me tornara tão indispensável.

Além disso, a falta de prática fazia-se sentir: começava a esquecer a língua falada, já não compreendia os diálogos dos filmes chineses e fazia cada vez menos traduções vivas: a última vez que trabalhara fora para o encenador chinês Tchang Chui-hua (**A Jovem dos Cabelos Brancos**) em 1961. Depois disso, deixaram de vir delegações chinesas à U. R. S. S. e não tinha quase ninguém com quem me exercitar na tradução.

A China tornara-se-me indispensável como o ar que respirava: sem estar nesse país, perdia a pouco e pouco a minha qualificação profissional e, privado da literatura das bibliotecas de Pequim, o meu trabalho de investigação ressentiu-se.

★

No dia 2 de Fevereiro de 1966, após cerca de um ano de esforços, tomava o expresso internacional Moscovo-Pequim.

O comboio começou a andar suavemente, deixando na gare os meus familiares envolvidos em espessas peles. Ligou-se o rádio nas

carruagens. Os instrumentos eram iguais aos nossos, mas a música era muito diferente...

Assim que, na bruma invernal, ultrapassámos Zagorsk, com os seus zimbórios multicores e as suas cruzes douradas, um ferroviário, um chinês já de certa idade, entrou no compartimento: uma equipa chinesa ocupava-se do comboio. Trazia um uniforme do mesmo corte do dos funcionários do Partido na China: um casaco com dois bolsos aplicados no peito e um colarinho subido abotoado até acima. Só a cor era mais escura que o azul vulgar, aproximando-se do negro.

— Para onde vão? Os vossos bilhetes, fazem favor — disse em russo separando as sílabas.

— Bom dia! Vamos para Pequim estudar — respondi eu em chinês, por mim e pelos meus companheiros.

— Sejam bemvindos! — exclamou na língua materna e o seu rosto iluminou-se com um sorriso. — Vão ao nosso país para aprender chinês? Por quanto tempo?

— Dez meses.

— Fala muito bem o chinês. Compreendo tudo, palavra por palavra — disse ele com a delicadeza e a amabilidade próprias deste povo.

— Estudei durante seis meses em Pequim, em 1958 — respondi —, mas começo a esquecer por falta de treino. Aprendi chinês na U. R. S. S. — acrescentei logo, como para justificar a pronúncia desagradável ao ouvido, sem qualquer musicalidade, com a qual falo chinês e que nunca consegui corrigir.

— Não! Não! É a segunda vez que vem ao nosso país e vai ficar a falar ainda melhor

— disse o ferroviário com muita gentileza. — Vão mesmo estudar para Pequim?

Acenei afirmativamente. Ficou de repente sério e disse, sem arvorar o habitual sorriso exigido pela etiqueta chinesa:

— Ultimamente tem vindo muito pouca gente ao nosso país...

— Sim, não me foi fácil obter esta licença. Tive de esperar sete anos. Deveria ter partido no ano passado, para o começo das aulas universitárias, mas só agora, em Fevereiro, o consegui fazer.

Escutou-me atentamente e disse para me consolar:

— Tem ainda muito, muito tempo...

Falámos do tempo que fazia em Pequim. Tinha medo que o Verão fosse muito quente. Ignorava que esta seria uma das raras conversas que me seria dado ter com um chinês durante os longos meses da minha estada na China.

Na fronteira da R. P. C., um jovem funcionário da alfândega chinesa verificou os nossos passaportes. Estava de pé, no enquadramento da porta, com outros dois atrás. Um estrangeiro não prevenido teria tomado este jovem por um simples chinês, mas eu percebi que ele tinha sido escolhido pela sua beleza, uma beleza particular, viril, militar, típica do teatro clássico chinês. Era elegante, alto, bem constituído, com sobrancelhas espessas, negras, arqueadas, grandes olhos para um chinês, uma larga cara oval com traços regulares. «Um pouco de maquilhagem e ficava bom para o palco», pensei eu. O funcionário da alfândega lia os passaportes lentamente, tão lentamente que eu acabei por sorrir.

— São só quatro? Onde está o quinto — perguntou subitamente.

Com efeito em princípio devíamos ser cinco jovens sinólogos que iriam estagiar em Pequim, mas o marido de uma das nossas colegas estava muito doente e ela decidiu não o deixar. O funcionário da alfândega parecia estar bem informado. «Trabalha bem, a administração chinesa», pensei eu.

Após as formalidades aduaneiras, convidaram-nos a passar à sala de espera.

Durante o caminho, o amável funcionário da alfândega teve tempo de me contar que estudara no Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim, que o emblema que havia na estação era composto pelos hieróglifos estilizados da palavra «operário» e simbolizava a classe operária, que «tudo mudara» na China desde 1958, ano em que lá passara vários meses, e, segundo ele, para melhor.

Há em Pequim novos edifícios na praça de Tien An Men: o Palácio da Assembleia Popular Nacional e o Museu de História. Edifícios magníficos, que vocês ainda não viram. Muitas coisas mudaram em Pequim.

Declarei que veria com muito interesse a nova praça, os novos edifícios e tudo o resto. Estava também curioso por ver de que modo «tudo mudara» e o que haviam trazido essas mudanças ao modo de vida.

Assim que nos aproximámos da estação, o guarda calou-se, facto a que não dei importância na altura.

Instalados num canto da sala de espera, lembrando a entrada de um cinema de bairro, examinámos o local. Havia um busto de gesso de Mao Tsé-tung, sobressaindo do vermelho

do veludo que revestia uma parede. Trouxeram-nos chá, aliás muito a propósito, porque a estação estava mal aquecida ou talvez nem estivesse. Havia jornais e revistas sobre uma mesa comprida e luxuosa no centro da sala.

Esperámos algumas horas antes que nos convidassem a voltar ao comboio.

2. NAS VÉSPERAS DA CATÁSTROFE

A estação de Pequim. Anfitriões e vizinhos. Recepção oficial. Primeira disputa. O decano da Faculdade. Breves encontros. Distracções cinematográficas. As Festas de Maio.

Já perto de Pequim, o comboio perdeu-se entre montanhas nuas, áridas, de um castanho amarelado. Túneis curtos alternavam com becos, as primeiras carruagens tornavam-se as últimas e vice-versa. Por fim desembocámos numa planície. O rádio dava uma música solene. Atravessámos a toda a velocidade os arredores e afrouxámos antes de entrar na estação de Pequim, cujo edifício novo, vasto e imponente, com a primeira escada rolante da cidade levando ao primeiro andar, fora construído há pouco tempo.

A estação de Pequim era um motivo de orgulho, como tudo o que fora construído nos anos difíceis, os anos de fome. Tal como nas estações que tínhamos atravessado, havia pouca gente na gare. Fomos acolhidos por colegas que estudaram em Pequim, por compatriotas do consulado e da embaixada. Tínhamos conhecido alguns deles em Moscovo, no Instituto, e isso impregnava o encontro de uma atmosfera de alegria e de cordialidade. Havia também representantes das universidades chinesas.

Levantando a cabeça, distingui, por detrás dos vidros enormes do primeiro andar da estação, onde se encontrava a sala de espera, dezenas de pares de olhos atentos e curiosos. Os viajantes chineses observavam-nos, chegando mesmo a parar na galeria envidraçada que levava às gares mais afastadas. Tínhamos a impressão de nos encontrarmos na vitrina de uma exposição.

— Não têm muitas vezes a ocasião de ver estrangeiros — diz um empregado da embaixada notando o meu embaraço.

Entrámos no posto de controle, onde as formalidades se concluíram em cinco minutos, dirigindo-nos em seguida para a saída que dava para a praça. Os representantes das universidades convidaram-nos a entrar num carro.

★

A minúscula carripana, visivelmente de origem europeia, mas Deus sabe de que marca e de que ano, ia cheia. Além do condutor, havia Lida, minha companheira de viagem, também sinóloga, duas pessoas que vieram receber-nos e eu próprio. Foi necessário enfiar ainda duas malas entre as nossas pernas, de modo que era impossível mexermo-nos. Tinha a meu lado um jovem chinês cujos traços do rosto eram bastante grosseiros. Travámos conhecimento. Ele chamava-se Ma e era originário de Tsinhua, uma cidade da província meridional de Tchekiang. Estava-me afecto na qualidade de «fu-tao», palavra difícil de traduzir: ia seu meu consultante e meu intermediário nos contactos com os particulares e os estabelecimentos, viveria no mesmo quarto que eu, velaria para

que a minha estada e os meus estudos se realizassem em condições normais. Em resumo, estaria em toda a parte e sempre a meu lado. Era agora um costume na China. Até me regozigei: ia finalmente viver com um chinês, aperfeiçoar-me a falar a língua. Só era pena que fosse de Tchekiang: o dialecto da província não se podia comparar à língua-padrão de Pequim. É certo que Ma falava muito bem porque vivia na capital há mais de dez anos. Contou-me que fora no Outono à província para ver os seus familiares e que aproveitara para «rever os seus conhecimentos do dialecto».

A nossa segunda companhia era a fu-tao de Lida que se chamava Lin. Tinha traços bem mais finos que os de Ma, era simpática e fazia-se muito «intelectual». Originária de Nanquim, Lin, consciente dos seus encantos, tinha uma atitude altiva e distante. Pareceu-me até no primeiro contacto que tinha algo contra nós, mas verifiquei felizmente que esta impressão provinha da minha susceptibilidade.

A Universidade Pedagógica ficava na «Rua exterior do novo caminho», que é como se deve traduzir Sin-tsie-koy wai ta-tsie. O rectângulo da velha Pequim, cujos lados estão precisamente orientados para as quatro partes do mundo, está cercado de uma poderosa muralha. Tornando-se capital em 1949, Pequim conhecera um crescimento rápido que ultrapassou largamente os limites das suas muralhas. Abriram-se novas portas na muralha e uma delas tinha dado o nome a uma rua animada. A Universidade tinha sido transferida do centro da cidade para aí também depois de 1949. Uma parte dos edifícios com as salas de aula estava inacabada e a faculdade de química

ficara nas ruelas de Pequim. A entrada principal também ainda não estava pronta e tinha sido concebida de forma estranha, oblíqua, apoiando-se no edifício administrativo de cinco andares.

Entrámos pela porta lateral sul e seguimos por uma estreita alameda asfaltada, ao longo da qual se estendiam anfiteatros, canteiros de flores, o edifício administrativo cinzento-claro e a faculdade de astronomia, coroada por um observatório, e continuámos sempre a direito até um grande painel dominado pelo perfil de Mao Tsé-tung e coberto de palavras de ordem. Tendo virado e percorrido uma complicada rede de alamedas, desembocámos sob o alpendre de betão armado de uma casa de três andares construída com tijolo escuro. Estudantes vietnamitas do primeiro ano estavam à entrada.

O meu quarto era no primeiro andar, ao lado do gabinete que se ocupa dos estudantes estrangeiros. As paredes, horrivelmente nuas, tinham inúmeros traços de pregos e pioneses deixados pelos anteriores locatários. Era oblonga, com o chão de cimento e uma janela alta, tendo uma parte só um caixilho de vidro e a outra uma grade. Explicaram-me que era por causa dos mosquitos.

A janela deixava entrar o ar, as quatro resistências do calorífero só aqueciam de manhã e à noite, de modo que a temperatura era muito irregular. Compreendendo que os vietnamitas deviam ser servidos com privilégios, enquanto que, por medida de economia, talvez nem aquecessem as casas chinesas, não me queixava, embora às vezes pensasse nos apartamentos bem aquecidos de Moscovo. Colo-

quei a cama junto da janela, afastando a mesa do frio. Do outro lado da janela ficavam a cama e a mesa de Ma. Junto da porta, do lado dele estava uma prateleira de livros, e do meu um bengaleiro.

Vimos entrar um homem idoso, baixo, que se deslocava de uma forma estranha, de lado. Apresentou-se: Wang do gabinete dos estrangeiros. Ma informou-me imediatamente que o camarada Wang tratava da nossa economia. Este perguntou quais as nossas necessidades. Após inspeccionar rapidamente o quarto, pedi-lhe um candeeiro de secretária. Soube mais tarde que nem mesmo os estrangeiros tinham direito a esse luxo; no entanto, Wang arranjou-me um candeeiro depois de muitos esforços e de muito tempo.

Depois de nos conhecermos, pedi a Wang que escrevesse o seu nome e o seu apelido, o que é um costume na China. Os seus hieróglifos distorcidos traíam uma manifesta falta de instrução.

Começámos a conversar. Wang contou-me que era natural da Manchúria, tinha participado na guerra de guerrilhas e depois combatido no exército popular de libertação. A vida não lhe tinha dado a possibilidade de estudar, era quase analfabeto e o posto que ocupava era para ele a coisa mais querida no mundo. Não tinha filhos. A mulher e ele, para mostrarem, na altura, a sua fidelidade à política de limitação da natalidade, tinham renunciado a eles. A simplicidade de Wang comoveu-me. Por seu turno, testemunhou-me desde o princípio simpatia e gentilezas. Como todos os homens do povo, conhecia bem o teatro clássico chinês e gostava de falar dele sem testemunhas.

As condições em que se vivia em Pequim não eram habituais para um estrangeiro. Em parte nenhuma se podia encontrar um lugar onde se isolar. Havia sempre alguém a nosso lado, era necessário mostrar-se sempre ostensivamente delicado, saber controlar-se, sorrir sempre.

A habitação para estrangeiros era um edifício novo, construído com material duro, mas não era destinada nem ao isolamento nem à meditação e os seus locatários estavam sempre expostos a todos os olhares. Na parede ao longo da qual se encontrava a cama do meu fu-tao, tinham cortado um rectângulo para uma estante, tendo o cuidado de deixar umas fisgas que deviam permitir ouvir tudo o que se dizia no meu quarto. Os outros estudantes viviam exactamente do mesmo modo, o meu quarto não era excepção. As paredes estavam construídas de modo a ouvir o que se dizia e ninguém se espantava com isso. A desconfiança recíproca, como cedo me pude convencer, era habitual, mas só mais tarde soube que a espionagem e a delação eram também comuns. Com medo de serem acusados de esconder algo, todos falavam nas reuniões de si próprios e de tudo, nada era poupado pela discussão pública, desde cada palavra pronunciada ou expressão do rosto até à satisfação das necessidades naturais. Para um estrangeiro, é impossível imaginar o que se passa lá.

Este rectângulo cuidadosamente recortado na parede do meu quarto ficou para sempre gravado na minha memória.

Os meus vizinhos da esquerda, com os quais pretendi tomar conhecimento, eram membros do pessoal do mesmo gabinete dos estrangeiros. Acolheram-me com a habitual delicadeza chinesa, falaram do tempo, dos costumes nacionais. Mas cedo verifiquei que os locatários desse quarto mudavam frequentemente. Quase ninguém passava lá duas noites seguidas. Era aparentemente uma espécie de local de serviço. Uma tal vizinhança, devido àquele orifício na parede, não tinha naturalmente nada de agradável. Consolava-me pensando que isso era devido à desconfiança recíproca e não à desconfiança em relação a mim.

★

Deram-nos quinze dias para nos adaptarmos e instalarmos. Depois convidaram-nos, a Lida e a mim, a ir ao gabinete discutir o nosso plano de estudos.

O gabinete ficava no mesmo andar e fomos recebidos pela directora Tchao. Agradecemos-lhe a participação que tivera no nosso acolhimento e na nossa instalação e em seguida trocámos algumas frases de cortesia. Tchao comunicou-nos que era um membro antigo do Partido Comunista Chinês e vivera muito tempo em Yen-ngan, residência da direcção do P. C. C. durante a guerra contra o Japão.

— A directora Tchao é uma revolucionária eminente! — bajulou o meu fu-tao Ma.

— Oh, não, não passo de uma simples mulher idosa — protestou modestamente Tchao.

No entanto, soubemos no decurso da conversa que o neto dela estava no jardim de infância do parque Pei-hai, que ficava num dos mais antigos palácios de Pequim, por cima do lago do parque central, onde só eram admitidos os filhos dos funcionários particularmente

merecedores do Partido e do Governo. Este estabelecimento exemplar foi bem descrito pelos jornalistas ocidentais, pois é uma visita obrigatória.

Passámos em seguida ao nosso plano de estudos. Lida, como se tratava da sua primeira estada na China, embaraçada, falou em chinês timidamente. Se para ela a organização dos estudos não levantava qualquer problema, eu já tive algumas dificuldades: ficou estabelecido que eu estagnara na China quase por descuido. Há oito anos que estudava os contos, as novelas, o folclore, etc., da Idade Média chinesa. Mas, ao traduzir o documentação que dizia respeito ao meu tema, o tradutor chinês utilizara, para traduzir o termo «prosa literária», em vez da palavra «siao-cho» a palavra «san-wen», o que singifica «prosa clássica de estilo elevado», escritos históricos e ensaios, epístolas, o que era totalmente diferente. Comuniquei o meu desapontamento. Tchao ouviu as minhas objecções e em seguida declarou friamente:

— As novelas e contos antigos de que se tem ocupado são obras de má qualidade, a sua ideologia é perniciosa, não são estudadas aqui na Universidade e ninguém quererá ser o seu director de investigações.

Tinha todas as razões para protestar. Sabia bem que o professor Wang Ku-lu, eminente especialista na matéria, trabalhara até à sua morte precisamente nesta Universidade e parecia-me incrível que não tivesse deixado discípulos.

— Ninguém se ocupa agora de obras tão más — disse firmemente Tchao. — Se soubéssemos que você se ocupava disso, não o teríamos convidado.

Esta ameaça não dissimulada devolveu-me toda a minha lucidez. Porque, se fossem verificar os documentos e concluir que se tratava de um erro de tradução, teriam aí um excelente pretexto para me porem na fronteira sem discussão! Mesmo duas semanas na China não tinha sido mau, mas eu queria trabalhar e, submisso, perguntei o que me queriam propor.

Tchao reflectiu e aconselhou-me que me ocupasse da história da prosa «san-wen» e da língua chinesa antiga com o professor Ko. Conhecia este nome de artigos científicos. Era um famoso erudito da geração média. Que oportunidade única, ter por director de estudos uma tal sumidade! No entanto, pedi um prazo para reflexão. Após ter pesado os prós e os contras, dei graças à sorte por aquela inexactidão na tradução.

O meu consentimento pareceu razoável à directora Tchao e o nosso segundo encontro foi bem mais cordial. Tchao insistia no programa por eles preparado e eu aceitei. Pela minha parte pedi-lhe que pusesse à minha disposição, complementarmente, materiais não só para os meus estudos, mas também para as minhas investigações individuais sobre o tema em que trabalhara durante tanto anos. Tchao prometeu reflectir no assunto.

Aquando do nosso terceiro encontro, tomei conhecimento com o professor Ko, vice-decano da faculdade de Filologia, que na realidade dirigia todas as investigações sobre literatura, porque o decano ocupava-se de linguística; o segundo vice-decano, que viria ainda a conhecer, era um funcionário do partido e não um

erudito. Felizmente o professor Ko era do Norte e por isso compreendia-o facilmente. Durante a entrevista, ofereci-lhe as provas dos meus artigos após ter reflectido durante todo o serão com Ma sobre a melhor maneira de traduzir os seus títulos em chinês. Os artigos produziram uma boa impressão no professor Ko, que me felicitou, e no gabinete também me testemunharam menos desconfiança. A frieza e as precauções diminuíram, relativamente, é óbvio.

Durante a quarta entrevista, o professor Ko anunciou-me solenemente que a administração consentia pôr à minha disposição, «na medida do possível», os materiais sobre o tema «siao--cho» para as minhas investigações pessoais. Nem sequer fizeram alusão a consultas, eram-me recusadas; a decisão tinha ultrapassado as minhas expectativas. Fora incontestavelmente tomada sob a influência do professor Ko, que era um verdadeiro erudito. Agradeci-lhe, mas sublinhando significativamente que estava suficientemente preparado para trabalhar neste tema e que podia passar sem consultas chinesas. O professor Ko não respondeu. Ma dois meses mais tarde disse-me que estava pronto a dar-me consultas também sobre os contos medievais. Infelizmente só uma vez pude aproveitar os seus conhecimentos.

O professor Ko explicou-me uma vez por que razão os contos da Idade Média eram perniciosos: afirmam que na vida do homem não há nada mais belo que o amor, o que é muito mau e reaccionário. O amor, segundo parece, obceca a juventude e desvia-a da revolução. Isto era de tal modo absurdo e ridículo na boca de um erudito, que não pude conter-me e disse sorrindo:

— Deve considerar-me um garoto, mas eu já trabalho há oito anos, sou casado e pai de dois filhos... Os contos sobre as entrevistas de amor não me podiam depravar... Talvez tenha um ar muito jovem?

O professor Ko sentiu-se manifestamente pouco à vontade e compreendi pela expressão do seu rosto que não estava interessado no assunto e que só devido às suas funções tinha de se interessar por aquelas hipocrisias de conveniência. Fiquei confuso com a minha falta de tacto: o professor compreendia perfeitamente de que se tratava!

O meu trabalho organizou-se pouco a pouco. Talvez não interessasse directamente às minhas pesquisas, mas a minha formação especial tirava grande proveito dele. Procurava fazer com que o meu trabalho com o professor nunca se interrompesse, e às vezes pedia-lhe que me concedesse mais tempo. Era assim que frequentemente estávamos juntos quatro horas em vez de duas. Ele não era nada formalista! Mas a sua fidelidade ao regime estabelecido era irrepreensível.

Bileter, um estudante suíço da Universidade de Pequim, contara-me que na China muitas recolhas e estudos sobre a literatura clássica foram postos no índice. Com efeito, eram interditos ao grande público e editados com tiragens insignificantes trazendo a menção «para uso interno». Estes livros eram inacessíveis aos estrangeiros e parecia que desde 1959 se tinha deixado de estudar a civilização antiga na R. P. C. Tinha realmente cessado em grande parte a publicação de obras desta época. Interroguei Ko sobre os materiais que tinha a cer-

teza de existirem, mas ele respondia sempre de forma evasiva.

Utilizava também largamente o catálogo dos artigos que tratam da cultura e da história chinesa antiga, publicados nas revistas e jornais no período de 1911 a 1949, mas, por muito estranho que isso pareça, o mesmo catálogo que abarca o período decorrido desde a formação da república popular (1949-1962) era classificado entre os «materiais para uso interno», ainda que só contivesse a lista dos artigos publicados na R. P. C. Perguntei um dia a explicação ao professor Ko, que me respondeu num tom oficial:

— A qualidade do catálogo não permite uma larga difusão, razão por que é editado só para uso interno.

É óbvio que eu compreendia que havia ali sérias razões políticas: a cultura e as tradições antigas chinesas eram atacadas, mas ele parecia não querer falar nisso. A evolução dos acontecimentos iria confirmar as minhas conjecturas.

Um dia queixava-me a Ma da situação imprópria em que se encontram os estrangeiros no seu país. Já lá estava há um mês e, exceptuando ele próprio e as personalidades oficiais, ninguém me falava. Era vexante viver na China e não poder contactar com os chineses, não ouvir a língua viva chinesa, não a falar.

— O camarada Ko e eu falamos contigo e isso é suficiente — respondeu-me. — Podes também ouvir rádio...

— Mas por que razão é proibido falar aos estrangeiros?

— Nós, os chineses, somos muito delicados. As pessoas não querem importunar-te... — respondeu ele.

— Mas isso é um mal-entendido! Eu vim também para adquirir prática na língua falada. Não me posso contentar em discutir contigo e com o camarada Ko. Não poderei frequentar cursos?

— O nível dos teus conhecimentos é demasiado elevado para que possas assistir aos cursos com os estudantes na Universidade — declarou ele juntando um elogio à recusa.

— Mas eu não falo dos conhecimentos — insistia eu. — É importante que eu ouça de que modo o encarregado do curso fala chinês. É disso que tenho verdadeiramente necessidade...

— Examinaremos essa questão.

Em Março autorizaram-me finalmente a frequentar os cursos de história da literatura destinados aos estudantes chineses do quinto ano. Os de literatura da época da dinastia Yuan, quando a China era governada por conquistadores descendentes de Gengis Khan, eram particularmente interessantes. Os professores pagavam geralmente tributo às ideias de Mao Tsé-tung, ao sociologismo e ao nacionalismo vulgares, um tributo não muito pesado, como vim a compreender mais tarde, aquando da «revolução cultural». Mas o mais importante nesses cursos era que se inculcava o respeito pelos talentos do passado, liam-se e explicavam-se magníficos extractos; os estudantes iniciavam-se na verdadeira literatura.

O auditório reagia com vivacidade, estava atento e era espontâneo. O mínimo laço que se estabelecesse entre o curso e a realidade

chinesa, o estado actual da literatura, criava uma incrível excitação entre os estudantes.

Um dia, o professor Li, ao falar da literatura chinesa da época da dominação mongol, declarou categoricamente:

— A situação no país era na altura complexa, a luta política e a luta de classes também, a literatura era igualmente complexa e... rica!

Esta última palavra, pronunciada após uma pausa significativa, teve o efeito de uma descarga eléctrica. Sorrisos cúmplices apareceram em muitos rostos e os jovens cochicharam em voz baixa. Creio que na altura ninguém pensava que a «revolução cultural» iria começar dois meses mais tarde.

Começaram a trazer-me livros e revistas científicas da biblioteca. As grandes colecções encadernadas estavam cobertas de pó e as fichas de leitura, amarelecidas, conservavam a virgindade original. O meu fu-tao recordava-me invariavelmente, quando mas entregava, que todas aquelas revistas, publicadas antes da libertação, eram extremamente perniciosas. Tinha mais privilégios que os próprios chineses, a quem nunca teriam sido dadas tais revistas. Mas havia sempre um fundo fechado, inacessível para mim. Aprendera por experiência a encomendar os livros por listas, porque geralmente a minha encomenda era satisfeita apenas em 10 por cento.

Autorizaram-me igualmente a frequentar a biblioteca da Universidade de Pequim. Oh, não era simples! Encomendava um livro ao meu fu-tao, que consultava o professor Ko. Uma vez obtida a sua assinatura, dirigia-se ao gabinete, onde redigia uma carta especial sobre

um formulário com carimbo e assinatura. Eram necessários quinze dias para obter o aval de todos.

Depois, munido de um papel e acompanhado, é evidente, pelo fu-tao, dirigia-me à biblioteca da Universidade de Pequim. Entregavam-me os livros no dia seguinte, mas somente aqueles que estavam indicados na requisição e nada mais; por consequência, mesmo com a melhor boa vontade não se podia fazer grande coisa. Mas assim que o incunábulo xilográfico vinha finalmente para a mesa, Ma manifestava o mais vivo interesse. Professor e especialista da língua antiga, nunca vira ainda textos originais: os livros «perniciosos» eram estritamente interditos às pessoas como ele. Que dizer então dos estudantes do curso e do simples homem da rua! Após a revolução, os monumentos da velha cultura chinesa permaneceram-lhe assim sagrados e inacessíveis, inspirando-lhe uma veneração semimística. Antes da libertação, tinham pertencido durante séculos a poucos iniciados, sendo considerados tesouros: após a libertação uma parte foi proclamada «perniciosa» e de novo interdita. A lista negra aumentava gradualmente; tinha-se a impressão de que alguém pretendia, pura e simplesmente, apagar o passado.

★

O feliz começo do meu trabalho deu-me coragem. Via com prazer aumentar o número de livros na estante. Em breve foi necessário pedir outra e o amável Wang não se fez rogado.

Mas o êxito traz a imprudência. Num dia

em que estava de excelente humor, perguntei a Ma:

— Estou na China há mais de um mês e não consigo perceber por que razão os nossos países socialistas não se conseguem entender...

E o meu Ma, geralmente educado e atencioso, enfureceu-se. A sua boca fez um esgar, levantou-se de um salto e, fechando os punhos, vociferou:

— A vossa clique revisionista vendida traiu a revolução e a China! A ajuda soviética é uma pura mentira, uma ficção! Blablabla para os imbecis! Não nos deixaremos enganar nem subornar! Não nos podemos entender com traidores! Nunca teremos nada de comum com eles! Vivemos pobremente, mas fazemos a revolução, não a vendemos em nome do «bem-estar geral».

Estava estupefacto por aquela explosão de ódio. Já conhecíamos há muito a demagogia da imprensa chinesa, mas uma página impressa é uma coisa e a palavra viva de um homem que vive a nosso lado é outra bem diferente. Tirava, é certo, todo o seu verbalismo dos jornais; eu compreendia perfeitamente que a «traição à revolução» e outros «slogans» bombásticos, lançados pelos líderes de Pequim, não passavam de camuflagem. Este rio de calúnias era indispensável para que na China ninguém sonhasse viver melhor. Ora só era possível seguir essa política desencadeando uma histeria anti-soviética. Assim, todas as iniciativas tomadas para normalizar as relações sino-soviéticas não tinham qualquer possibilidade de êxito. A propaganda chinesa pretendia que a fome e as privações trazidas ao povo chinês pela política

aventureirista de Mao Tsé-tung se deviam à ruptura das relações de amizade, de que responsabilizavam a União Soviética. O lobo a querer passar por cordeiro. Um processo tão velho como o mundo. Quanto ao facto de a U. R. S. S. ter concedido uma grande ajuda à China durante muitos anos, nem uma palavra.

Tudo isto eu ouvi igualmente no discurso irritado de Ma. Só fórmulas, nem uma palavra sua! O pathos histérico era também, como é óbvio, prescrito de cima.

Fiquei estupefacto e triste por ouvir aquilo da boca de um homem que ganhara a minha simpatia. Foi como um duche frio que, de um só golpe, pôs tudo no seu lugar. A amabilidade e a delicadeza tão atraentes nos chineses desapareceram; tinha diante de mim um inimigo. Era a primeira lição que recebia e que nunca esqueceria.

— Falei da amizade dos nossos países sem pensar que isso te iria irritar — disse calmamente, aproveitando uma pausa que ele fez para recobrar o fôlego.

Isto acalmou-o.

— Durante muito tempo, na China — disse ele acalmando-se progressivamente —, citámos a União Soviética como exemplo para o nosso povo. A União Soviética deixou de poder servir de exemplo. O nosso futuro será outro. Somos nós os verdadeiros revolucionários. A revolução é eterna!

— Li há pouco tempo — respondi eu —, num jornal albanês, um artigo que tratava da questão de saber quem é digno de governar a U. R. S. S. e quem não o é. Isto é uma ingerência brutal nos nossos assuntos. Não vai ajudar a normalizar as nossas relações.

Ma voltou a expor entusiasticamente as palavras de ordem da propaganda chinesa.

Era inútil prosseguir a conversa. Disse-lhe que eram horas de tomar o pequeno-almoço e saí. No caminho para o restaurante reflecti no que acabara de se passar. Como saber, na realidade, o que ele pensava? Mas poderá um homem falar sinceramente sabendo que há um magnetofone do outro lado da parede?

É evidente que não. O magnetofone vigiava sobretudo a sua fidelidade ao regime, como é óbvio. Eles sabiam bem o que eu próprio pensava do seu dogmatismo oficial. Consequentemente, as vociferações do meu interlocutor destinavam-se sobretudo à sua própria salvaguarda. «Um trabalho que não lhe invejo!» pensei, para me consolar, sentindo mesmo um certo orgulho por ser tão «perigoso».

Depois desta história, tornei-me muito mais prudente nos meus discursos, resolvido a não voltar a falar de política.

★

Cerca de um mês e meio após a nossa chegada, Ma disse-me subitamente:

— O camarada Liu, que é vice-decano, vai recebê-lo assim como a camarada Lida. Quer falar convosco acerca dos vossos estudos e da vossa vida. Não o pôde fazer antes porque estava muito ocupado.

— O camarada Liu? É especialista de quê? Que escreveu ele?

— É responsável político, um revolucionário de longa data, mas sabe bastante de cultura e ciência.

Lembrei-me do militante político Tch'en, que conhecera em Moscovo em 1959. Após a Libertação fora colocado na direcção do cinema chinês. Cultivara-se rapidamente, tornando-se um bom conhecedor de arte, e escrevera uma série de artigos. Era para mim o exemplo de um homem que em pouco tempo se desenvolvera intelectualmente, trabalhando com êxito num posto totalmente novo para ele. Pequeno e com pouco cabelo. Tch'en, sofrendo de hipertensão devido ao excesso de trabalho, permanecia dias inteiros sem sair do seu quarto do hotel em Moscovo. Levava-lhe medicamentos e conversava muito com ele. Tch'en era simples e sociável.

Liu recebeu-nos à hora marcada, o que já era bom sinal, numa sala a cheirar a tabaco, arranjada para sala de aulas. Era um homem idoso, de estatura média, cabelos grisalhos, ossos largos, robusto, um camponês com movimentos que revelavam força e energia e grandes dentes separados e amarelecidos. Convidando-nos a sentar, continuou a passear na sala, talvez por força de hábito. Só um homem sentindo-se senhor absoluto podia permitir-se semelhante indelicadeza em presença de convidados, sobretudo de estrangeiros, na China civilizada e respeitadora dos costumes. Já habituado aos costumes do país, fiquei espantado.

Esforçava-me sempre por tirar o máximo de lucro dos meus encontros oficiais, fazia uma série de propostas e fazia perguntas. Interroguei Liu sobre o seu próprio trabalho de cientista. Liu, para mostrar a sua erudição, falou com entusiasmo. Mas este dirigente da faculdade de filologia ignorava tudo de literatura. Os seus conhecimentos, no que diz respeito ao

romance **O Sonho na Sala Vermelha,** por exemplo, não passavam do capítulo das peças que vira no teatro. Para o dispor bem em relação a mim, tratava-o como colega.

— Mas compreende — dizia eu — que um sábio não pode trabalhar sem os textos originais, é um investigador.

— Mas para quê estudar o que é «pernicioso»? — replicava ele, sorrindo, como para mostrar que me compreendia. — Mao Tsé-tung ensina-nos que...

Seguia-se uma citação.

— Aqui, na China, eu não começo, continuo um trabalho já começado. Vós próprios haveis publicado, em 1958, os livros que servem para o meu trabalho. Depois, a situação mudou na China...

— Sim, a situação mudou! — disse ele com um ar feliz, porque, apesar de tudo, não podia contradizer-me constantemente.

— A situação muda rapidamente na China — continuei eu — e eu ainda não acabei o meu trabalho. Ao escolher os materiais, não os divido em bons e maus, procuro apenas os que não existem na U. R. S. S....

Liu consentiu finalmente em examinar o meu pedido. Com Lida foi mais difícil. Pediu alguém que lhe ensinasse a moderna língua falada e Liu recusou, dizendo que não tinham nenhum especialista para isso. Era apenas um pretexto: tinham encontrado um para Bak-nin.

— Qualquer chinês o pode fazer. Por exemplo, o camarada Ma — disse eu, apontando para o meu fu-tao. — Temos realmente falta de prática de conversação.

Em vez de responder directamente, Liu começou subitamente a dissertar sobre um tema

na moda: «não ter medo das dificuldades, não temer a morte», que, como um refrão, era repetido nos jornais chineses durante toda a Primavera. Enervava-me este heroísmo verbal, sendo constantemente espicaçado por «slogans»-encantamentos. Como se as fanfarronices, as cantilenas mil vezes repetidas pudessem incitar à lealdade!

Expliquei-lhe que os soviéticos não receavam as dificuldades.

— É ridículo exortarem-nos ao trabalho, a nós, que aprendemos milhares de hieróglifos chineses. Se vocês não têm facilidade de os aprender, que dizer então dos estrangeiros? Escolhemos uma profissão árdua e sabemos trabalhar!

Tudo isto era justo, mas sentia-me pouco à vontade, porque não estava no meu carácter elevar a voz; tinha a impressão de que Liu conseguira fazer com que eu usasse uma linguagem que me era estranha.

Desejando-nos bom êxito, disse:

— Vocês trabalham bem, mas é necessário também saber descansar. Mao-Tsé-tung ensina-nos que é necessário não só trabalhar, mas também descansar, fazer desporto...

Lida e eu deixámos a sala cheia de fumo acompanhados de citações de Mao Tsé-tung.

Lida, que não obtivera o que pretendia, conseguiu pouco tempo depois mudar para o Instituto da Língua Chinesa para seguir, com os estudantes, um programa bem preciso.

★

Ia ver, uma vez por semana, os meus camaradas de viagem no bairro mais ocidental de

Pequim, no Instituto da Língua Chinesa. Aí só estudavam estrangeiros e entrava-se lá muito mais livremente que em qualquer outro lado.

Numa noite de Abril, acompanhava, ao sair do Instituto, o meu amigo Lionia. Saindo de uma sombria e estreita ruela, apanhámos um grande autocarro Skoda. Os nossos encontros, que não podiam ser frequentes, subiam-nos o moral, sobretudo a mim, porque, após a partida de Lida, ficara só na Universidade Pedagógica. Conversámos durante todo o caminho e, chegados a um cruzamento, continuámos a discutir com animação. Os passageiros que desceram connosco desapareceram no escuro. De súbito, alguém surgiu da noite e parou diante de nós. Era um jovem pálido e magro. Procurando as palavras, perguntou em russo:

— São soviéticos?...

Respondemos-lhe em chinês, felizes porque um dos milhões de habitantes da capital chinesa decidira finalmente abordar-nos. Era já tarde e combinámos com Li, era esse o seu nome, tornar a encontrarmo-nos para falar mais detalhadamente de tudo o que nos interessava, a ele e a nós.

Reencontrámo-nos uma semana depois e passeámos durante muito tempo. A roupa já muitas vezes lavada e desbotada traía a pobreza do nosso novo conhecimento. Errávamos nas ruas sem levantar suspeitas aos olhos dos transeuntes que o tomavam por um guia afecto a estrangeiros, como era corrente na China. E, de facto, era-o, mas um guia não previsto pelo regulamento.

A história daquele jovem ensinou-nos mais

sobre a vida chinesa que tudo o que tínhamos aprendido desde a nossa chegada.

Li estudara dois anos na Universidade popular até ao dia em que, num impulso de sinceridade juvenil, expusera no corredor o seu descontentamento pela orientação anti-soviética de Mao. Seguiu-se uma condenação oficial, a expulsão da faculdade e uma campanha de reeducação. Talvez se devesse a isso a sua hipertensão e o facto de a vista diminuir. Depois de sair do hospital, só lhe restava uma possibilidade: fazer um trabalho manual para ser reeducado. Construía estábulos e depósitos de tijolo. Tinha de atravessar toda a cidade e em seguida tomar o comboio para os arredores. Era muito fatigante e difícil. Vivia toda a semana numa habitação colectiva de operários, rodeado de gente que o tomava por um perigoso criminoso de estado; partia no sábado, à noite, para passar o domingo com a mãe. Recebia apenas vinte e dois yuans por um mês de trabalho duro.

Este intelectual doente sentia-se um pária no trabalho. Só descansava em sua casa, ouvindo Rádio Moscovo em três línguas.

— Estamos agora em pleno movimento pelas «quatro purgas» (1), todas políticas, bem enten-

(1) Varrer as «quatro velharias» (cultura, ideias, costumes e hábitos antigos), movimento que se desenvolveu na China aquando da polémica aberta com o P. C. U. S. pela «pureza» da nova orientação dos dirigentes chineses. Tratava-se de uma «depuração» geral dos «pecados» políticos, ideológicos, económicos e dos quadros indesejáveis. No decurso deste movimento, foram destituídos concussionários e arrivistas, mas o objectivo essencial era o de reprimir todos os que mostravam simpatia pela União Soviética.

dido — contava ele. — Duas vezes por semana há reuniões após o trabalho, duram muito tempo, porque todos querem provar a sua «pureza». É melhor falar. Mas eu fico calado, só falo quando sou notado pelo secretário do partido. Estou cansado e só... O culto de Mao Tsé-tung pesa muito no coração dos intelectuais chineses. É triste e amargo...

Repetia muitas vezes estas palavras.

— Nunca teríamos podido prever o que se passa actualmente... Este culto esmaga e leva a China à ruína. Em nome do culto esquece-se o marxismo, o leninismo, o povo. As pessoas honestas, aquelas que pensam, estão amarguradas.

Sentia-se em Li um terrível vazio interior. Para não se embrutecer totalmente, começara a estudar as concepções pedagógicas de Makarenko (²).

— Makarenko também reeducava os homens, mas enobrecia-os! Preparava para o trabalho ladrões e outros delinquentes, que se tornavam operários e engenheiros. E aqui? Sabem o que é a educação chinesa, a reeducação? Não, aqui não se elevam as almas. O essencial é esmagar o homem, torná-lo submisso, apagado. Entre nós não se eleva o povo ao nível da intelectualidade, não, esmaga-se a intelectualidade que existia, é destruída.

— Não está a ser muito pessimista? — perguntei eu prudentemente. — Apesar de tudo,

(²) Makarenko, A. S. (1888-1939), eminente pedagogo soviético, dirigente de colónias educativas para jovens. Baseava-se na força educadora da colectividade, associava estudo e trabalho, confiança e exigência.

há milhares de pessoas que recebem instrução na China.

— Não podem ser classificados de intelectuais. Não sabem pensar — diz Li. — Não são muito úteis, mas podem esmagar os que pensam, e fá-lo-ão. Não é intelectual aquele que aprendeu simplesmente a ler e adquiriu alguns conhecimentos. Para o ser, é preciso ainda aprender a pensar, ora isso não é fácil... Cá são considerados intelectuais todos os que saíram da escola. Mas não sabem e sobretudo não querem pensar. Para quê? Nas reuniões, cada um repete as mesmas frases de medo que a língua não se cansa de repetir. Oh, como é embrutecedor! E a cantilena idiota que é estudar as obras de Mao! Aprendemos um pequeno artigo cinco, dez vezes. É necessário repetir cem vezes a mesma proposição. Era assim que outrora os **siu-ts'ai** aprendiam os cânones de Confúcio (³).

— E os operários? Que pensam os seus companheiros de trabalho?

— Muitos deles estão enganados e acreditam em Mao — diz Li. — Para eles, todos os condenados são contra-revolucionários ou traidores... A mim, não me consideram completamente normal... Depois, adivinhando o meu pensamento, prosseguiu: «Muito de bom se fez após a libertação, sobretudo antes de 1957. Em 1958 já começou a andar mal e

(³) Para se ser funcionário imperial na China feudal, era necessário passar num exame que incidia sobre os livros sagrados do confucionismo. Os **siu-ts'ai** eram aqueles que tinham passado nas primeiras provas, mas esperavam ainda uma colocação. Muitos ficavam **siu-ts'ai** durante toda a vida.

depois foi a catástrofe. Vocês devem saber que os nossos dirigentes responsabilizaram a União Soviética pela fome dos dois anos seguintes!»

— É falso — gritei indignado. — A U. R. S. S. ajudou a China a industrializar-se, às vezes privando-se a si própria...

— Eu sei isso, mas os outros ignoram-no. Eu sei que são calúnias. Mas com que objectivo? Quem tem interesse em isolar a China? O que está por detrás disso? Há muitas coisas que não compreendo e tenho medo quando reflito nelas.

Caminhámos em silêncio. De súbito, perguntou-me com uma emoção não fingida:

— Acredita que os imperialistas americanos ataquem a China?

— É pouco provável — respondi —, porque a política que a China segue actualmente convém-lhes. Se acreditasse na eminência de uma guerra, não teria vindo.

— Também penso assim — disse ele. — Queria apenas saber a sua opinião; a quem a posso pedir? Recusamo-nos a ajudar o Vietname conjuntamente com a U. R. S. S., queremos utilizar a vitória do Vietname contra a U. R. S. S. Ora, como vocês ajudam este país, não o conseguiremos. É por isso que não haverá acções comuns. Eu creio na unidade de acção e na sinceridade de Rádio Moscovo — acrescentou ele interceptando o meu olhar. — Aqui está-se pronto a denegrir qualquer posição que emane da U. R. S. S.

— Sim, é muito mau que os nossos países estejam desunidos — disse eu. — Se isso não acontecesse, julgo que os americanos não teriam ousado desencadear uma agressão contra o Vietname.

— Talvez — suspirou ele.

E voltou a falar dos erros económicos. As pessoas sofriam com as desgraças do país, e o pai dele, especialista em economia, embora não tivesse sido perseguido, não pudera suportar os erros trágicos dos anos sessenta, que o mataram.

De tempos a tempos, Li recordava-se do seu papel de guia e falava-me de Pequim. Conhecia, aliás, muito mal a Antiguidade.

Reencontrámo-nos ainda duas vezes.

As festas de Maio aproximavam-se.

— Só nos voltaremos a ver depois das festas, exactamente daqui a duas semanas — disse Li ao partir.

Não o voltaria a ver.

Será que não queria correr riscos? Ou ter-me-ia dito tudo o que tinha no coração? Ou teria sido notada alguma coisa?

★

la agora mais vezes ao cinema. Menos para me distrair que para me habituar a compreender a língua falada.

O espectador chinês é tão sensível ao belo como qualquer outro. Formavam-se bichas intermináveis diante dos cinemas quando passou o filme **A Primavera Começa em Fevereiro,** filme verdadeiramente artístico, romântico e humano, dizia-se. Ouvi falar dele, mas não o vi: foi condenado e proibido.

Seja o que for que se pense do cinema chinês, era a única realidade para centenas de milhões de pessoas. Não viam nenhum outro,

porque não se projectam filmes estrangeiros na China.

Eis, por exemplo, **A Guerra Subterrânea,** um dos «bons» filmes que vi, isto é, que respondia às exigências da propaganda. Tinha, aliás, excelentes actores, familiares, que faziam já há muitos anos filmes de guerra e aventuras. O tema também não tinha nada de novo: a guerra contra o Japão, as mesmas personagens. Poderia ser uma comédia se não tivesse objectivos mais sérios. O filme mostrava uma guerra alegre, divertida, semelhante a um jogo. Os inimigos, os soldados japoneses, caíam como soldadinhos de chumbo. Eram mortos com tudo: estacas, bastões de bambu, azagais, pedras. Faziam-se saltar minas debaixo deles, eram atirados para as valas e fossas, eram trespassados, cortados, mortos a tiro, enquanto que «marionnettes» aterrorizadas em uniformes japoneses gritavam desesperadamente, galopavam, entregavam a alma. A guerrilha era um jogo em que toda a gente podia participar. Utilizando passagens subterrâneas, surgiam heróis de toda a parte, emergindo de galerias de **loess** (*) muito limpos, sem um grão de poeira. A guerra do povo nas galerias subterrâneas era uma coisa divertida, em que a vitória era fácil! Era esta a ideia mestra, tratando de maneira optimista a guerra popular segundo as fórmulas de Mao Tsé-tung, cujas citações ocupavam o «écran» durante muito tempo.

(*) Loess ou «terra amarela» — tipo de solo muito comum na China do Norte, especialmente na planície do rio Hoang-hó. Deve a sua fertilidade à riqueza em calcário. — **(N. do T.)**

Nada de humano, nada de humanista. Em vez disso, banhos de sangue, transes mortais, agonias. Um japonês era trespassado de lado a lado com um golpe de azagaia. Torce-se de dor, os olhos saem-lhe das órbitas e expira. Tudo isto em grande plano. As crianças acabam com os inimigos feridos: bastou que um japonês ferido levantasse a cabeça para que um jovem herói se precipitasse sobre ele para o matar! Um outro não pode levantar-se, geme e umas crianças apressam-se a acabar com ele... Tudo isto é cómico, mas para ver esta comédia é necessário ter nervos sólidos e o hábito da crueldade.

Havia muitos jovens na sala, que jubilavam triunfantes. Já não acontecia o mesmo aos chineses mais velhos, que viveram a verdadeira guerra contra o Japão. Não tivera nada de divertido!

— Participou na guerra de libertação? — perguntei eu, à saída, a um deles.

— Sim. Olhou-nos atentamente, primeiro a mim e depois ao meu fu-tao.

— Foi semelhante ao que mostraram no filme?

— Não muito — disse ele e, logo a seguir, acrescentou: — Na região onde eu combati, era um bocado diferente!

Mas não deixou de resumir a ideia mestra do filme:

— É um verdadeiro filme, ensina que não se deve ter medo da guerra. A guerra do povo leva sempre à vitória. Só os revisionistas descrevem os horrores da guerra. O nosso filme mostra que o povo não deve temer a guerra.

Via os filmes chineses quase sempre na televisão do meu andar, com os empregados do

gabinete, raramente nas salas da cidade e muitas vezes, aos sábados, com os estudantes chineses. O cinema ao sábado tinha lugar na «cantina do norte». O bilhete custava duas vezes menos que na cidade e a entrada era gratuita para os vietnamitas e para mim: éramos hóspedes. As sessões eram organizadas pelo comité sindical e a União dos estudantes enviava homens de serviço. Todos os espectadores chegavam com as suas cadeiras. Os chineses levavam geralmente tamboretes baixos e nós, os estrangeiros, arrastávamos pesadas cadeiras. Ma ensinou-me a enfiar a cadeira no ombro para a transportar mais facilmente.

Os estudantes acolhiam-nos afavelmente e reservavam-nos lugares no centro da sala. É certo que os vietnamitas não vinham muitas vezes e, assim que apagavam as luzes, os estudantes chineses apressavam-se a ocupar o lugar vazio, deslocando ruidosamente os tamboretes. Ma estava sempre ao meu lado, vigiando para que ninguém me falasse. Mas eu instalava-me na extremidade e, às vezes, na obscuridade da sala, alguém vinha sentar-se junto de mim e conversar amavelmente comigo. Um dia, quando apagaram as luzes, uma jovem, que viera com a mãe, deslocou-se para se aproximar do «écran» e ficou a meu lado.

— Você é soviética! Deve parecer-lhe estranho ver estes filmes — perguntou ingenuamente.

A mãe interviu imediatamente com um gesto e murmurou:

— Atenção, ele não está só...

Eu respondi evasivamente:

— Sim, é estranho. Só aqui se podem ver assim!

Antes do filme, passavam geralmente diapositivos com máximas de Mao Tsé-tung que não tinham nada a ver com o filme. Em seguida vinha um documentário ou um filme de divulgação científica. Havia alguns curiosos, por exemplo sobre a emulação do pessoal dos serviços: cozinheiros cortavam legumes, carniceiros decepavam carcassas e vendedores embalavam a mercadoria com uma velocidade incrível. Ou então o filme sobre a electricidade do campo, com acidentes divertidos para prevenir as pessoas.

Imediatamente antes do filme, novamente um diapositivo com máximas de Mao, sobre fundo vermelho, mas mais próximas do tema do filme.

Estes filmes eram classificados de «bons». Mas também vi alguns «maus».

A imprensa condenou severamente **O Sol Vermelho,** porque este filme sobre a Libertação mostrava um inimigo que combatia bem.

Antes de no-lo mostrarem, fizeram um longo discurso aos estrangeiros. Interceptaram-nos numa alameda, convidaram-nos a sentar nas cadeiras que trazíamos e um colaborador do gabinete, Siui, explicou-nos o carácter nocivo do filme em presença de pelo menos três colegas. As suas frases eram fórmulas tiradas dos jornais.

— O povo chinês libertou-se graças às ideias geniais do presidente Mao. Neste filme, não se vêem retratos do nosso guia bem-amado, não se ouve uma única das suas palavras. É uma deformação infame e uma calúnia contra a revolução chinesa e o exército popular de libertação.

Com efeito, no filme, e não se pode deixar de admirar os seus autores, não há nenhum busto, nem fotografia, nem retrato de Mao Tsé-tung e as personagens não citam uma única vez as suas fórmulas...

Tinha sido convidado para ver **O Sol Vermelho** na nossa Universidade e isso com uma segunda intenção, porque antes disso fora a Pei-ta, isto é, à Universidade de Pequim, ver **As Irmãs no Palco,** filme igualmente não aprovado. Tinha-se em geral a impressão, na Primavera de 1966, que só nos mostravam filmes não aprovados, que não havia outros.

Em Pei-ta, o filme foi projectado na cantina dos estudantes, um enorme local parecido com um hangar, com duas filas de janelas.

Antes do filme tinha havido um concerto de artistas amadores estudantes: um coro interpretara uma canção consagrada a Mao Tsé-tung, em seguida uma peça coreográfica representara a guerra dos vietnamitas contra os yankees e, por fim, em apoteose, o grupo coreográfico e o coro, em conjunto, glorificaram de novo o timoneiro. A encenação era formidável e a coreografia muito moderna: rapazes e raparigas, escolhidos um a um, muito bem feitos, belos, com fatos desportivos modelando bem o corpo. Nos pontos altos do hino ao timoneiro, os bailarinos dirigiam-se a um gigantesco perfil dourado de Mao Tsé-tung, que ocupava todo o palco, só deixando espaço para as bandeiras vermelhas. Neste fundo vermelho, o perfil emitia uma radiação dourada e os bailarinos estendiam as mãos para aquele homem-sol, caíam de joelhos, formando grupos pitorescos que assumiam poses diferentes. As vozes do coro subiam num crescendo frenético,

mergulhando-os no êxtase, atingindo o delírio no palco um grau inimaginável. Eu sufocava na sala em adoração. Era como o frenesi de um culto pagão, só faltava o holocausto humano! Parecia ora adoração do sol ora o culto do trovão e do fogo, ou ainda o esquecimento de si mesmo perante a vontade do céu, e os exorcismos mágicos estavam presentes nesta arte cheia de colorido e expressiva à sua maneira, graças ao encanto e à força da juventude.

Após este espectáculo, mostraram-nos o filme **As Irmãs no Palco,** uma verdadeira obra de arte, um grande êxito do cinema chinês. Estava ainda em projecção, mas só muito dificilmente poderia ser visto em Pequim. Os espectadores, aproveitando a obscuridade, aplaudiam frequentemente, apesar do que dizia a propaganda nos jornais. Mas a reacção das pessoas politicamente preparadas, como os estudantes da Universidade de Pequim, era estranha e mesmo assustadora.

Havia no filme o seguinte episódio. Uma velha actriz, despedida porque se tornara inútil, suicida-se. Os seus colegas, indignados, acusam o empresário pouco escrupuloso da sua morte. Uma das actrizes exclama: «É desumano!» Aqui os estudantes chineses desataram a rir! É difícil de compreender. É verdade que o P. C. C. já há seis anos que inculca na juventude o ódio a noções como o humanismo, o amor da humanidade. É isto que explica a reacção dos estudantes chineses perante o tratamento cruel infligido a uma velha: para eles o humanismo não passa de uma idiotice, há muito dissipada pelas «ideias do presidente Mao».

Os autores do filme tinham cometido um crime monstruoso: mostraram uma personagem honesta, um revolucionário entusiasta e enérgico, que não se referira uma única vez ao grande guia Mao Tsé-tung! Os crimes deste género não ficam impunes na China. Os militantes clandestinos de Xangai representados no filme também não eram «autênticos». «Não são comunistas, porque não pensaram uma única vez no guia!» vociferaram os críticos chineses gritando calúnia, traição, etc.

Será que o público chinês vai ver os «bons filmes»?

Sim, porque não há mais nada para ver e os chineses são apaixonados por espectáculos, são para eles uma festa. Na China as salas estão sempre cheias: mesmo as peças e os filmes artificiais, anti-artísticos, impregnados do culto de Mao, não chegam para desencorajar o espectador chinês. Além disso, as «expedições culturais» ao teatro e ao cinema foram erigidas em sistema e é perigoso não participar...

★

Começaram as festas de Maio.

Levaram-nos à Grande Muralha e ao célebre reservatório de água de Chi-san-ling. O dia estava esplêndido, cheio de sol. A muralha, serpenteando de forma bizarra na montanha, parecia uma obra sobrenatural sob o céu azul. No ar límpido agrupavam-se os cumes das montanhas, nitidamente recortados, enquanto que um véu de areia cobria os vales.

O reservatório de água que contornámos cerimoniosamente estava seco, ainda que Mao Tsé-tung tivesse empunhado simbolicamente a

pá nesta obra nacional em que trabalharam dezenas de milhares de pessoas. A fonte estava seca e o motor puxava trazendo um líquido turvo sobre um dique grandioso, majestoso, símbolo de um trabalho inútil. Passeávamos com os vietnamitas sobre o parapeito e todos os colaboradores chineses que nos acompanhavam enervavam-se quando eu perguntava a razão da seca. Ficaram particularmente perturbados quando eu declarei:

— Sim, um grande entusiasmo animava os construtores, mas parece que não encontraram especialistas competentes para fazer os cálculos com exactidão.

Após o lago de Chi-san-ling, fomos visitar o magnífico palácio-túmulo subterrâneo do imperador dos Ming, recentemente aberto ao público. Os guias começavam por pedir desculpa pelo facto de toda aquela magnificência estar exposta ao público: era, explicavam eles, para inculcar o «ódio de classe». Mas eu só votava em todos a curiosidade por este monumento do passado e nada mais.

No regresso, os vietnamitas, alegres depois do almoço, entoaram canções que aprenderam nas lições de chinês consagradas a Mao Tsé-tung, ao «Oriente Vermelho», à unidade, aos soldados-heróis.

— E agora, vamos cantar para ti! — gritaram-me de súbito.

E os amigos vietnamitas cantaram canções soviéticas: **Moscovo, minha Cidade,** depois **Katiucha,** em seguida todos entoaram **Noites de Verão em Moscovo** e o seu melhor solista cantou a canção dos cosmonautas e **Sim, Amo a Vida.** Para terminar voltaram a cantar **Vasta é a minha Pátria,** a primeira parte em russo.

Os chineses que nos acompanhavam não sabiam que fazer. Olhavam uns para os outros interrogativamente, falavam em voz baixa, agitavam-se, mas por fim decidiram não intervir. Estavam sentados, com olhar ausente, mostrando ostensivamente como lhes era penoso e desagradável ouvir aquelas canções e como era indelicado cantá-las na sua presença. No entanto, quando as vozes subiam, o jovem professor chinês sentado a meu lado segredou-me confidencialmente em russo:

— Também eu compreendo. Outrora aprendi o russo.

Estremeci de surpresa: até ali tínhamos todos falado apenas chinês. Olhei-o e vi que estava comovido. A nossa conversa ficou por aqui, mas fiquei feliz por ver que, no fundo, o meu vizinho tinha ficado com boa impressão da União Soviética.

O autocarro acelerou. Toda a gente estava visivelmente fatigada. Já não se cantava. Deslocando-se como por acaso, os chineses acabaram por me cercar por todos os lados, separando-me dos vietnamitas. Eu estava demasiado fatigado para reagir. Observava como os empregados do gabinete e os professores procuravam distrair-se.

— Organizemos uma reunião-farsa — propôs Ma.

Houve alguém que aconselhou um debate sobre a questão de saber se eram os homens ou as mulheres que deviam ocupar o lugar mais importante na vida.

Já não me lembro do que disse o primeiro orador em favor dos homens, mas, assim que um jovem interveio em favor das mulheres, todos se animaram. A sua argumentação era a seguinte:

— As mulheres assimilam melhor e mais depressa as obras do presidente Mao que os homens. São elas que devem ganhar!

— Muito bem! É exacto! Muito justo! — aprovaram todos em uníssono.

Ma, com um largo sorriso, prosseguiu:

— E isso porque o espírito das raparigas orienta-se mais depressa para a via justa. Não se dispersam, marcham resolutamente para a frente.

— É verdade, é verdade, muitas vezes os homens desviam-se do seu caminho, perdem-se, as suas ideias são menos precisas — diz um chinês sentado a meu lado com a cara marcada pela varíola.

No princípio de Maio de 1966, os chineses ainda eram capazes de ser impertinentes e arriscavam-se a brincar com as ideias do presidente Mao.

O plano das manifestações propostas pelo gabinete por ocasião das festas previa a nossa presença num serão de estudantes chineses, mas os convites foram anulados devido a um atentado político cometido num armazém para estrangeiros. O meu fu-tao, informado da história durante um seminário especial, alarmou-se e pediu que a minha protecção fosse reforçada. Trouxeram-me Wang, chefe-adjunto do gabinete, o maior e o mais vigoroso dos colaboradores do gabinete (não confundir com o modesto ecónomo; o nome Wang é muito vulgar na China).

Toda a colónia estrangeira de Pequim estava em alvoroço. Um jovem diplomata da R. D. A. foi o primeiro a pôr-me ao corrente. Estudara

em Moscovo e viera depois aperfeiçoar a língua em Pequim. Falava um russo excelente. A vítima fora Liussia Malova, esposa de um funcionário da embaixada da R. D. A. Era essa a razão por que, dando-se muito bem com a família, soubera antes de mim.

Eis o que se tinha passado. Um desconhecido entrara no armazém a que os chineses não têm geralmente acesso. Aproximara-se de uma mulher loura (Liussia Malova) e dera-lhe uma machadada, visando a base da nuca. A mulher do diplomata alemão esperava uma criança. Um sexto sentido avisara-a do perigo. Virara-se precisamente na altura em que ele ia vibrar o golpe e isso salvara-a. O machado atingira-a na cara. Ela caiu. O assassino quis acabar com ela a pontapé. Felizmente não conseguiu atingi-la no ventre. Os vendedores e os empregados do armazém olhavam a cena com indiferença. Um homem fora em socorro da mulher. Não um «herói da época de Mao Tsé-tung» educado no espírito das ordens de Mao Tsé-tung («não temer as dificuldades, não temer a morte»), mas um africano, membro de uma delegação governamental. Interveio, salvando assim a mulher grávida de uma morte certa, e ele próprio ficou ferido. Quando ele caiu, o assassino tinha deixado o armazém sem qualquer dificuldade. Ninguém tentara prendê-lo no exterior. Só muito mais tarde foi preso.

Falei a Ma desta história.

— Foi o primeiro ataque contra amigos estrangeiros em Pequim depois da libertação — disse-me ele. — Somos culpados por ter esquecido que isto era possível. Foi por isso que todos ficaram confusos. De futuro não permitiremos que se repita.

E Ma aproveitou para me fazer um discurso sobre exacerbamento da luta de classes no regime socialista. Retorqui-lhe:

— Isso não explica nada. A minha opinião é de que o atentado no armazém se explica pela vossa propaganda nacionalista.

Ma ficou primeiro siderado, em seguida tentou persuadir-me de que não havia qualquer traço de nacionalismo na China. Eu esforcei-me por o convencer do contrário. Discutimos até nos cansarmos. Mas a contestação era um dever para Ma e era-lhe interdito deixar que eu levasse a melhor.

E assim, para que não me acontecesse nada, o gabinete proibiu-me de ir ao serão estudantil, mas autorizou-me a assistir ao fogo de artifício, acompanhado de Wang, o chefe-adjunto do gabinete, porque me coubera a honra de ver o fogo de artifício das tribunas da praça central Tien An Men. Quanto a Ma, só fora admitido na praça.

Tendo chegado muito cedo, começamos involuntariamente a conversar.

Wang, sentindo-se o anfitrião e observando as regras da etiqueta da tradicional delicadeza chinesa, conversava comigo.

Falámos primeiro de política, nomeadamente do Vietname. Wang pretendia convencer-me, delicadamente mas com insistência, de que só uma guerra mundial podia parar a agressão. Assim, não se devia enviar material de guerra para o Vietname, porque isso era uma ajuda «indigna»; era necessário, pelo contrário, agravar a questão de Berlim ou qualquer outra e desencadear uma guerra mundial.

O imperialismo temia uma guerra mundial. As suas ameaças eram ameaças de um tigre

de papel: quanto mais depressa fosse desencadeada uma guerra revolucionária mundial, mais depressa cairia o imperialismo!

— E, segundo o senhor, a China participará nessa guerra?

— A China fará o que puder — respondeu-me ele evasivamente.

— A China poderia fazer muito para derrubar o imperialismo — objectei eu —, mas não quer e não o faz.

— Vocês devem começar a guerra primeiro — declarou Wang — e então nós apoiá-los-emos...

Mudou de conversa, elogiando novamente o filme **A Guerra Subterrânea**. Como já disse, esse filme preparava directamente o espectador para uma nova guerra «alegre» contra os «tigres de papel», uma guerra que não devia ser temida, e então os «tigres de papel» arderiam no fogo...

— Então esse filme agradou-lhe. E o senhor participou na guerra? — perguntei a Wang.

Wang contou de bom grado que, na sua juventude, fora guerrilheiro no Hepei du Sul; não tivera ocasião de se bater debaixo da terra, mas lembrar-se-ia toda a sua vida desses anos de guerra. Fizera carreira rapidamente, tornando-se efectivo do partido, e estudara após a Libertação da Universidade Pedagógica, onde ficara a trabalhar no gabinete. Conservara, no entanto, um ar militar.

— É certo que a guerra não era bem como se viu no filme — observou ele prudentemente. — Aquilo era para preparar a jovem geração para as provas e não para lhe meter medo. Só no combate se pode aprender o que é a guerra.

Wang interessou-se pela vida na U. R. S. S., de que ignorava tudo.

Como muita gente do Norte, era um homem honesto, apesar de tudo, e podia-se discutir com ele.

A nossa conversa foi interrompida pelo fogo de artifício. Era algo de magnífico, de feérico. Os foguetes desenhavam no céu de Pequim composições cada vez mais fantásticas. Era uma sinfonia alucinante de cores, de luzes, de linhas e de figuras. As palavras não conseguem descrever o fogo de artifício chinês. É necessário vê-lo. Centenas de milhares de olhos de jovens chineses reunidos na praça impregnavam-se avidamente daquela beleza orgíaca de festa, de fogo e de luz.

A visita ao planetário foi a última distracção das festas de Maio. Atravessámos primeiro as salas onde estavam expostas maquetas e diagramas que representavam as teorias de Platão, de Copérnico e de Newton, em seguida satélites e naves cósmicas começaram a girar. Nem uma palavra sobre a U. R. S. S. Não pude deixar de perguntar ao guia:

— Essa nave espacial é soviética ou americana?

— Só explicamos o aspecto fundamental da questão, sem misturar a política.

— Nunca mencionam Gagarine?

— Não.

Ma, omnipresente, apressou-se a intervir.

— Os camaradas do planetário têm toda a razão. Esclarecem as questões de princípio da ciência e do ateísmo, sem levar água ao moinho do imperialismo americano ou do revisionismo moderno.

A reacção dos vietnamitas foi completamente diferente. Ouviam e olhavam com uma curiosidade e um interesse reais. A sua sede de saber e o seu desejo de compreender forçavam-me a admirá-los. Tiveram palavras de simpatia.

— Gagarine fez um grande feito — disse-me Nguyen Thi Qan, que haveria de conhecer melhor. — Compreendemos-te muito bem. É pena que aqui não se refiram a ele.

Disse a Ma que não compreendia por que razão não se aludia na China às explorações espaciais.

— Não queremos aumentar o mito da potência militar imperialista.

— Consideram inútil gastar dinheiro para as investigações espaciais?

— Não, não é isso. — Ma fazia manifestamente um esforço para pensar. — É preciso explorar o Cosmos. Quando as ciências e as técnicas da China tiverem progredido bastante, também nós exploraremos o espaço. E creio que esse dia já não vem longe. Os cosmonautas soviéticos são representantes do povo, pessoas corajosas e intrépidas, mas a clique dos revisionistas modernos utiliza os seus êxitos para extorquir ao imperialismo uma paz infame e para humilhar a China.

— Que idiotice! — exclamei eu.

Nessa noite, a cidade iluminada permaneceu animada até depois da meia-noite. Nos cruzamentos, os jovens agrupavam-se misturados com as patrulhas de polícia reforçadas. Anunciara-se que a China procedera a um novo ensaio nuclear.

A Universidade ficou iluminada até às duas horas da manhã e a porta, ornamentada com

um pano vermelho, permaneceu aberta. Inúmeras flores de papel amarrotadas, bem como bocados de papel juncavam os fossos, a música alegre dos altifalantes e as canções patrióticas subiam nas alamedas do parque, saindo das janelas abertas das salas de aula. Os chineses triunfavam, festejavam a sua bomba.

Na manhã seguinte, Ma trouxe-me as edições especiais dos jornais que, em hieróglifos vermelhos e em termos bombásticos, anunciavam o êxito da experiência.

Assim terminou o alvoroço que perturbara a monotonia da minha vida quotidiana. Quando retomei o meu lugar à mesa de trabalho, percorri primeiro, como de costume, os jornais editados em dias de festa. Longos discursos ocupavam páginas inteiras. Revi em pensamento cenas dessas festividades estrondosas: os dirigentes da R. P. C. acolhem e festejam «os amigos revolucionários»: a delegação albanesa (um membro desta delegação viera mesmo à Universidade e nesse dia os altifalantes berraram até ao almoço); o pitoresco desfile do 2 de Maio, ressuscitado por fotografias, que substituíra a manifestação do primeiro de Maio dos trabalhadores de Pequim, quando a delegação albanesa fora «acolhida pelas massas». Com flores de papel multicores, os estudantes, rapazes e raparigas, maquilhados e fardados, foram conduzidos em autocarros repletos para dançar de alegria nas ruas em honra dos hóspedes. O burburinho da festa, a viagem, o rufar dos tambores e o som dos timbales excitavam alegremente a juventude e o sol acariciador da Primavera ajudava a criar uma atmosfera de alegria. Eu compreendia-os: não há muitas festas na vida chinesa.

A minha atenção foi atraída pelo discurso pronunciado por ocasião do primeiro de Maio por Chu En-lai perante milhares de jovens. O meu fu-tao sublinhara uma alínea, em que Chu En-lai indicava que a tarefa número um na China era a «grande revolução cultural socialista».

— O que disse o primeiro-ministro é extraordinariamente importante! É a coisa mais importante que se produz actualmente na vida política chinesa — gritou Ma.

Ma assinava os jornais mensalmente por falta de dinheiro. Em geral, assim que recebia o salário, consagrava as senhas para o pão à compra de alguns pacotes de biscoitos e doces, o seu ponto fraco, como um dia me confessou, e às assinaturas. Na província meridional de Tchekiang, donde era originário e onde se cultivava a cana-de-açúcar, os doces faziam parte da alimentação quotidiana, enquanto que no Norte a ração de açúcar, igual para todos, era insuficiente.

Traziam-nos o jornal à hora do almoço. Ma gostava de ler antes da sesta. O barulho do jornal deslizando para o chão avisava-me que ele acabara de adormecer. Era então a minha vez de ler, esforçando-me por não o acordar. Fosse porque o exemplo de Ma era contagioso ou porque o estilo maçador dos jornais chineses tivesse o mesmo efeito, habituei-me a dormir de dia. Os artigos interessantes eram raros e as informações sobre os acontecimentos no mundo eram quase inexistentes. O comunicado do comando vietnamita era a única coluna quotidiana que valia a pena ler.

As enormes folhas de papel regorgitavam de materiais de propaganda.

No entanto, no Outono de 1966 observou-se uma alteração e isso simultaneamente em vários domínios. Atacava-se ao mesmo tempo o historiador e dramaturgo Wu Han, os filmes **A Primavera Começa em Fevereiro** e **As Irmãs no Palco** e reprimia-se os autores dramáticos lang Han-cheng, Sia Yen, T'ien Han pelas suas tentativas de fazer renascer as tradições da literatura e do teatro progressistas dos anos 30. Todas estas campanhas, sobretudo a campanha contra Wu Han, revestiram um carácter histérico. As acusações, as injúrias e as ameaças abundavam nos artigos, sem que fossem seguidas as sanções visíveis. É verdade que se ignorou durante muitos meses os bastidores do caso, razão por que as admoestações faziam pensar num jogo estranho para adultos.

3. O INÍCIO DO MOVIMENTO

Teng-T'o é posto à margem. Primeiros «ta--tseu-pao». O 25 de Maio. A anarquia. O café da rua Sitang. Dois podres. O assalto do 3 de Junho.

A partir do princípio de Maio, os jornais de Pequim publicaram, dia após dia, artigos odiosos, injuriando sob todas as formas um certo Teng T'o qualificado de «chefe de fila do bando negro».

— Quem é Teng T'o? — perguntei eu a Ma.

— Até 1957 foi redactor-chefe do **Jenmin jihpao (Diário do Povo)** e presentemente é secretário do comité do partido de Pequim — respondeu Ma discretamente.

— Como pode acontecer que um responsável do partido seja «chefe de fila de um bando negro»?

— Aconteceu — disse Ma, esquivando-se a uma resposta franca. — O facto de termos desmascarado Teng T'o é uma grande vitória das ideias de Mao Tsé-tung!

Cada acontecimento na China é apresentado como uma vitória das ideias de Mao e é inútil discutir isso. No entanto, o secretário do comité da organização do partido de Pequim era alguém muito importante para Ma, também ele membro dessa organização.

Teng T'o era acusado de ter publicado em 1960-1962, sob pseudónimo, artigos que punham em causa certos «pensamentos de Mao Tsé-tung». Com efeito, ao ler as citações reproduzidas nos artigos, não podia deixar de reparar na audácia do autor que, por exemplo, troçava causticamente num artigo da palavra «grande» e do «grande» hábito de a utilizar em tudo, a torto e a direito, como um encantamento.

Com efeito, todas as emissões e todas as canções na China começam e acabam com esta palavra. De início, parecera-me estranho ouvir repetir incessantemente como uma ladainha, todos os dias na nossa rádio universitária, o «grande guia Mao Tsé-tung», o «grande timoneiro». A repetição frequente acabou por desacreditar o epíteto.

Embora vivesse na China, entre os chineses, sentiam-se pouco conhecedor da luta política interna, a rivalidade feroz dos grupos no seio da direcção central. Assim, para compreender os acontecimentos, é necessário recordar em poucas palavras o que eu haveria de aprender depois. Em Setembro-Outubro de 1965, Mao Tsé-tung dera a directriz de atacar a fundo Wu Han, um autor dramático em voga. Um crítico de Xangai, Yao Wen-yuan, escrevera logo um artigo nesse sentido, mas encontrou oposição no C. C. do P. C. C. e o seu artigo não foi publicado pela imprensa central. Apareceu em Xangai e só vinte dias depois nos jornais de Pequim. Foi constituído no C. C. um grupo para as questões da «revolução cultural», em que o mais zeloso era Peng Chen, membro do gabinete político e primeiro secretário do comité do partido de Pequim. Em Fevereiro,

Peng conseguiu difundir uma carta do C. C., que ele próprio redigira e assinara. Tinha o objectivo de paralisar a campanha, porque prejudicava a sua importância política.

Para bater Peng e os que o apoiavam no C. C., Tsiang Ts'ing, a mulher de Mao, que nessa altura não ocupava nenhum posto oficial nem no partido nem no governo, convocou em Xangai, a pedido do marechal Lin Piao, membro do gabinete político e ministro da Defesa, uma conferência do pessoal político do exército, conferência que durou vinte dias e adoptou um Protocolo, que se tornaria a plataforma do grupo de Mao Tsé-tung para a execução da «grande revolução cultural proletária». O Protocolo revia as decisões do C. C. do P. C. C. e rejeitava toda a política cultural seguida durante dezassete anos de poder popular.

Em Abril, aumentara já a influência do grupo maoísta. Um segundo artigo de Yao Wen-yuan, dirigido contra Teng T'o, foi publicado nos jornais e depois retomado sob diversas formas. Faltava um último passo: um movimento de «massas». Figurava no Protocolo de Fevereiro, mas não fora publicado na altura.

Pessoalmente, o início do movimento apanhou-me desprevenido.

★

No dia 25 de Maio, à noite, quando voltava do cinema, notei uma agitação não usual. A rádio transmitia um comunicado.

Ignoro donde provinha a emissão, se da Rádio Pequim se da rádio universitária. O locutor falava com voz grave e solene, interrompendo-se para deixar difundir música triunfal; a

leitura era retomada hora a hora. No que diz respeito ao conteúdo da emissão, quanto mais o escutava mais espantado ficava.

— Os estudantes e os professores da Universidade de Pequim afixaram hoje um «ta-tseu-pao» acusando o reitor e o comité do partido da Universidade de Pequim de terem degenerado e traído as ideias do presidente Mao. Em vez da linha revolucionária do presidente Mao, seguiam uma linha negra, contra-revolucionária, burguesa. O «ta-tseu-pao» era assinado por sete pessoas...

O locutor enumerou os signatários. O «ta-tseu-pao» é um jornal em grandes hieróglifos. Para falar com exactidão, é um cartaz não oficial. Uma pessoa ou um grupo de camaradas proclamam aí as suas ideias e opiniões e formulam propostas. O cartaz é feito com grandes folhas de papel coladas umas às outras em longas tiras ou em grandes rectângulos de forma bizarra, por vezes multicores.

Lembro-me que em 1957, aquando da luta contra os elementos de «direita», todos os revolucionários «puros» atestavam o seu espírito revolucionário em «ta-tseu-pao» que cobriam as montras, as paredes e casas inteiras, pendurados em cordas como se fossem roupa. A leitura destes cartazes é uma tarefa árdua e só eram lidos durante as horas de trabalho. Mas nunca ouvira ler um vulgar «ta-tseu-pao» na rádio como um documento com uma importância de Estado.

A agitação nos corredores punha-me de sobreaviso e picava a minha curiosidade. Aproximei-me da janela. Todas as salas da cidade universitária estavam iluminadas e os estudantes não dormiam apesar da hora tardia, o que

é espantoso para quem sabe que os chineses se deitam cedo; para eles as nove horas da noite são já uma hora avançada. Depois da meia-noite, aproximei-me novamente da janela, deitando-me em seguida com a certeza de que era o único a fazê-lo. Pela primeira vez, Ma levantou-se da cama deixando-me só.

A manhã do dia 26 de Maio estava desagradável em Pequim: um dia cinzento, vento e uma humildade refrescante após um Inverno desagradavelmente seco. Tomava geralmente o meu pequeno-almoço mais tarde que os estudantes chineses; as alamedas e os parques estavam já desertos quando me dirigi à cantina. Só os vietnamitas voltavam do pequeno-almoço. Nesse dia, havia gente por toda a parte; grupos animados de jovens iam e vinham. As paredes da cantina, dos correios, da sala de cinema estavam cobertos de «ta-tseu-pao» recentes. Alguns estavam ainda a ser colados e formavam já três filas, os autores empoleiravam-se uns nos outros para atingir um lugar vazio na parede. Parei diante da cantina dos estudantes chineses. Por cima da entrada, pendiam intermináveis cartazes com uma enorme inscrição no alto: «O nosso comité do partido e a administração são negros dos pés à cabeça!», seguida da explicação. A primeira alínea que li acusava o comité do partido de ter traído a linha geral do P. C. C., de seguir uma linha burguesa, contra-revolucionária, em cumplicidade com os «criminosos da Pei-ta», a Universidade de Pequim. Os estudantes amontoavam-se à sua volta, mergulhados na leitura.

Um jovem com cerca de vinte anos, envergando roupas incrivelmente desbotadas pelas lavagens, remendadas e com as mangas muito

curtas, corria ao longo do edifício. Com grandes gestos, gritava que os «traidores» perseguiam e humilhavam as «massas trabalhadoras», que o tinham expulso pelos seus maus estudos «contra o princípio de classe e a linha geral do P. C. C.». O rosto magro, com olheiras que traíam uma noite de insónia, permanecia imóvel; só a boca mexia convulsivamente quando gritava:

— Não é isto uma política burguesa, contra-revolucionária? Que eles respondam perante as massas!

— É revisionismo — disse um jovem junto da parede.

— Não o afirmei já? — perguntou felicíssimo o orador, correndo para ele. — Que os criminosos revisionistas respondam! Que respondam! Porque é um crime monstruoso!...

Os outros calavam-se.

— Foste tu o único que assinaste? — perguntou o mais corajoso.

— Sim. Mas somos muitos e seremos ainda mais — disse o orador, que recomeçou a correr ao longo da parede, em direcção a um novo grupo de curiosos.

Nesse dia, todos os estudantes tinham ainda as suas pastas e preparavam-se para ir às aulas.

Quando voltava da refeição, vi alamedas repletas de gente. Formavam-se grandes grupos em torno dos oradores que gritavam e gesticulavam, iniciavam-se discussões aqui e ali. Um tal ajuntamento de estudantes espantou-me. Também os vietnamitas liam os «ta-tseu-pao».

— Os estudantes chineses não foram hoje às aulas — disse-me um deles. — Dizem que há a «revolução cultural».

— E vocês, vão ter aulas?

— Nós vamos, por enquanto — respondeu ele. — E tu?

— Não sei de nada — respondi eu e pela primeira vez me veio ao espírito a triste ideia de que a «revolução cultural» iria talvez afectar-me também.

Foi assim que conheci Nguyen Thi Qan, um jovem camponês vietnamita.

Quando voltei ao meu quarto, vi Ma. Tinha um ar cansado, mas excitado.

— Podes explicar-me o que se passa? — perguntei eu. — Quando me dirigia à cantina, vi uma inscrição em enormes hieróglifos: «Abaixo o comité negro do partido!» Que significa isto?

— A China é um país socialista e revolucionário — diz Ma com os olhos brilhantes. — Cada um pode exprimir a sua opinião. A China é o Estado mais democrático do mundo! Uma parte dos nossos estudantes considera que o comité do partido e o reitorado cometeram faltas políticas. É por isso que escrevem «ta-tseu-pao» e exigem a destituição dos responsáveis. Uma coisa destas só é possível na China!

— Mas não há necessidade de uma revolução para demitir um mau director!

— Isto é muito diferente — replicou Ma. — Não se trata simplesmente de erros e insuficiências no trabalho. É uma luta política, uma luta de classe, uma prova da agudização da luta de classes na sociedade socialista!

— São então as massas que escrevem os «ta-tseu-pao»?

— Não, ainda não. São escritos pelos estudantes e pelos jovens que não são ainda mem-

bros do partido ou das juventudes comunistas. Os membros do partido quase não participam. Nós lemos os «ta-tseu-pao», mas isto não quer dizer que eles tenham razão. É da discussão que sairá a verdade, porque também eles têm o direito de criticar.

— Os «ta-tseu-pao» mencionam o nome do secretário do partido Tch'eng. Quem é? Não o conheço.

— Ainda não teve tempo de te receber, o camarada Tch'eng anda sempre muito ocupado, trabalha imenso; se tivesses chegado com um grupo de estudantes estrangeiros, e não sozinho, talvez te tivesse recebido. No Outono, recebeu os vietnamitas, mas eram mais de cem. Dado que vocês eram apenas dois, Lida e tu, decidimos contentarmo-nos com uma recepção com o camarada Liu, o vice-decano da faculdade.

— Mas eu não estava de modo nenhum a censurá-lo. Queria simplesmente saber alguma coisa a seu respeito.

— O camarada Tch'eng veio para a nossa Universidade em 1962, após ter sido instrutor político no Exército Popular de Libertação. Participou na guerra contra o Japão aos dezasseis anos, depois na guerra civil, tendo sido três vezes ferido; este simples soldado fez carreira política no exército. O camarada Tch'eng é um velho revolucionário e membro do partido, aderiu no campo de batalha, é um soldado dedicado ao presidente Mao que viu pessoalmente em Yen-ngan — contou-me Ma, prolixo. — Foi encarregado pelo partido de uma missão importante: extirpar da Universidade o revisionismo moderno e a admiração servil por tudo o que é estrangeiro. Sabes que anteriormente tínhamos

aqui conselheiros soviéticos. O camarada Tch'eng cumpriu com êxito esta difícil e importante tarefa política. Enviámos os camaradas que tinham tido uma má influência para os campos, para a reeducação pelo trabalho manual, para que vivam a vida do povo. É muito útil para a sua tomada de consciência. Graças ao camarada Tch'eng, temos agora uma sã colectividade revolucionária.

— É então um combatente devotado ao presidente Mao? — insisti eu não sem ironia.

— Sim, mas pode-se criticar também as pessoas como ele. A China é um país democrático. É a assembleia que decidirá, após um debate, quem tem razão e quem a não tem... A propósito, hoje lemos todos os «ta-tseu-pao», portanto não haverá aulas e amanhã será a discussão — disse ele ao sair.

★

Os dias iam animados. O ruído das vozes chegava até ao meu quarto. Os estudantes agrupavam-se para discutir nas alamedas, as paredes cobriam-se de folhas de papel com textos com hieróglifos. Quando ia tomar as refeições, tinha de atravessar uma multidão densa e ruidosa.

O ecónomo Wang abordou-me.

— Compreende o que está escrito nos «ta-tseu-pao»?

Aquiesci com um sinal de cabeça.

— O comité do partido pediu-me que lhe dissesse que os «ta-tseu-pao» são um método da «revolução cultural» e um assunto interno da China. Pedimos-lhe que não os leia — prosseguiu Wang com o seu amável sorriso habitual.

— Tentarei — respondi eu —, embora seja muito difícil; pois os vossos enormes «ta-tseu-pao» estão afixados em toda a parte e é-me impossível não os ver quando vou almoçar.

— Não obstante, pedimos-lhe que não os leia. Tratam de assuntos internos e não lhe dizem respeito. Ao ler os «ta-tseu-pao», pode ficar com uma ideia falsa, uma ideia multilateral do que se passa cá. É claro que a vida da China e este grande movimento que é a «revolução cultural» lhe interessam. Dentro de um ou dois meses, organizaremos conferências especiais para os estudantes estrangeiros e poderá então fazer perguntas e receber respostas. Talvez o autorizem a assistir a essas conferências.

— Obrigado — respondi sem entusiasmo.

Nos fins de Maio, o centro de radiodifusão, violando o rigoroso regime universitário que prescreve o silêncio durante a sesta, transmitiu uma reunião do comité do partido. Nela, tomara a palavra o secretário Tch'eng. Exigia o castigo dos demagogos, rejeitando categoricamente as acusações: não era «negro», nunca fizera parte de nenhum bando, nunca estivera contra a linha geral do partido, etc.

— Só arrivistas e fedelhos podem afirmar coisas semelhantes — disse Tch'eng, prosseguindo a sua diatribe com voz emocionada. — Que sabem eles da revolução? Olhem, eu provei a fidelidade a Mao Tsé-tung com o meu sangue! Serei fiel até ao meu último suspiro ao nosso guia bem-amado: todos nós, todo o comité, somos devotados ao partido! Combatemos pela libertação, fomos nós que criámos a época de Mao Tsé-tung! Somos nós que construímos a China nova, poderosa! Não tivemos

medo da morte e das dificuldades no campo de batalha! Viva o presidente Mao! Viva! Viva! Viva!

Continuei a escutar. Os oradores falavam dos erros cometidos no trabalho, da sua correcção, da crítica sã e construtiva, da pequena clique de demagogos e arrivistas que especulam sobre a revolução.

— Os comunistas devem tomar a palavra perante a massa dos sem-partido e replicar — disse alguém e os aplausos fizeram-se ouvir.

Os estudantes andavam nas alamedas, mas em vez dos tradicionais livros e cadernos, levavam bancos e cadeiras, dirigindo-se para uma reunião do partido aberta a todos. Durou todo o dia e de novo as altifalantes berraram por todos os cantos. Voluntariamente ou não, era necessário escutar. Alguém propôs que se criassem equipas compostas por três membros do partido para tirar das paredes os «ta-tseu-pao» inconsistentes. A proposta foi aprovada no meio de gritos e rumores. Chegaram mesmo a falar de mim.

— Camaradas — exortava um orador. — Há muitos estrangeiros na nossa Universidade. Amigos da Indonésia e do Vietname, mas também de outros países. Há mesmo um soviético. Vem do país do revisionismo moderno. Devemos estar vigilantes, não se devem afixar «ta-tseu-pao» nos sítios em que possam ser lidos pelos inimigos da China!

Seguiu-se uma explosão de clamores:

— Pretexto! Mentira! Contra-revolução!

— Que responda, que o camarada nos responda! — gritou uma voz rouca e aguda. — Que é que o presidente Mao disse a propósito dos

«ta-tseu-pao»? Vamos, responde imediatamente! Sabes ou não o que disse o presidente Mao? Os «ta-tseu-pao» devem ser afixados em toda parte para que o povo os possa ler!

O sentido do debate era claro: sob pretexto de que havia estrangeiros na Universidade, o representante do comité do partido queria tirar os «ta-tseu-pao» dirigidos contra ele; os seus adversários protestavam.

Outras questões eram também muito discutidas: quanto tempo podia um «ta-tseu-pao» ficar na parede e quem tinha o direito de o tirar e colar outro; já não havia paredes livres na Universidade. Tinham colado e escrito cartazes em tudo o que estava ao alcance da vista. Ao nível do segundo andar, os caracteres eram enormes, em baixo, ao nível da cabeça, muito pequenos. Fisicamente, já não era possível ler tudo...

O barulho tornava-se insuportável e, continuando a não tomar a sério o que se passava, exasperava por não poder trabalhar e acabei por ir à cidade. A vida decorria aí normalmente, sem que nada a perturbasse.

No café europeu da rua Sitang, serviram-me um café; há muito tempo que não o bebia e deleitei-me, embora a sua qualidade não fosse muito boa. Olhando à minha volta, notei que um jovem chinês, com uns grandes óculos, me fazia sinal para ir à sua mesa. Espantado, acedi ao convite. Como todos os chineses, estava vestido de azul, mas, em vez da túnica regulamentar, usava um casaco de corte desportivo, calças estreitas à europeia e anéis brilhantes nos dedos.

— Encontrámo-nos no clube — disse ele em inglês.

— Deve estar enganado.

— Desculpe, eu vejo mal. Não é chileno? Donde vem então?

— Da União Soviética.

— Impossível! Como conseguiu entrar? Está de passagem? É um inimigo do governo, não?

Continuou a separar as sílabas da palavra «governo».

— Mas que inimigo da China serei eu? — repliquei elevando a voz. — Estudo há muito a cultura chinesa! E você não tem medo de me falar sabendo quem eu sou?

— Não — responde ele — estou doente e vejo muito mal, foi por isso que o tomei por outro. Além disso, sou de Hong-Kong, um hóspede, como você. É pena que a doença me impeça de estudar.

Tirou dos bolsos várias brochuras anti-soviéticas publicadas em inglês em Pequim. A China está cheia de publicações anti-soviéticas: livros de bolso, brochuras, revistas expostas em todos os lados onde vão estrangeiros: hotéis, armazéns, estações, serviços de registo. Os chineses têm de as comprar, ao passo que aos estrangeiros são distribuídas gratuitamente em alemão, russo, inglês, francês, japonês e outras línguas.

O estudo da literatura de propaganda anti-soviética é obrigatório para todos. Serve para os estudantes chineses aprenderem as línguas vivas. Encontrava-os frequentemente na Primavera, no parque, a recitar em voz monótona um texto dado para casa. Estudar sem reflectir fragmentos, de cor, é um elemento substancial da instrução do estudante chinês.

— É isto que me dão para ler — prosseguiu o meu interlocutor. — Estou proibido de ler

muito e leio melhor em inglês do que em chinês. O vosso país fez muito pela China, todos os chineses o sabem, e não só aqui, como também em Hong-Kong.

Reparei que a nossa conversa tinha chamado a atenção dos clientes do café, que começavam mesmo a inquietar-se. As mesas iam ficando desertas e as criadas de mesa formavam grupos num canto junto do balcão, igualmente pouco tranquilas.

— Está com pressa? — perguntou o jovem. — Gostaria de falar consigo.

Pôs-se a contar a sua vida em Hong-Kong, queixando-se de que o contingente dos chineses fosse pequeno na Universidade de lá, em que só os brancos eram admitidos sem restrições. Aborrecia-se muito em Pequim e sentia nitidamente que o evitavam, que tinham medo dele. Em resumo, a sua vida aqui era triste e complicada.

— E você, devem considerá-lo seguramente o inimigo número um — dizia ele. — Não consigo compreender como o deixaram vir. É verdade que, no fundo, os chineses sentem pela União Soviética e pelo vosso povo um sentimento de amizade e de reconhecimento, mas receiam deixá-lo transparecer.

Assegurou-me que não se podia julgar o povo chinês por um grupo de políticos agarrados ao poder pessoal.

— O que eles fizeram da China! — lamentou. — A vida tornou-se aqui mais difícil do que em Hong-Kong. Ninguém ousa dizer o que pensa e espiam-se mutuamente. É terrível, trágico mesmo... O meu pai disse-me que foi graças à ajuda dos soviéticos que a China progrediu rapidamente e que a vida melhorava

sem cessar. Agora isto é como um deserto. Estou aqui já há quatro anos e ninguém quer relacionar-se comigo, o único verdadeiro amigo que tinha foi enviado para o campo... A solidão na China! É contrária a todas as regras, a todo o nosso modo de vida. Os laços de parentesco e de amizade entre os companheiros de idade foram sempre tão fortes na China! Ora, eu estou aqui completamente só, só tenho contactos com estrangeiros. E as coisas vão cada vez pior! Sabe quantos jovens, alunos saídos da escola, estão sem emprego em Pequim? Centenas de milhares. Depois de saírem da escola, têm de ir para o campo pelo menos durante um ano. Assim decidiu o governo. Ora eles não querem. Mas, sem papéis que atestem que fizeram o seu serviço de trabalho, não podem nem prosseguir os estudos nem ir para a fábrica.

— Mas então não é um trabalho manual que se faz na fábrica? — espantei-me eu.

— Mas não é no campo! O governo considera que o trabalho manual não é importante em si, mas que é necessário viver no campo com os camponeses. Não comer carne, não comer arroz. Sabe que não se pode levar conservas nem receber encomendas de víveres?

Ignorava toda a vida na Rússia e fez-me imensas perguntas.

Não nos voltámos a ver.

★

Os dias passavam. Junho chegou, mas as aulas não recomeçaram. Os estudantes e os professores aglutinavam-se diante dos cartazes murais como moscas em volta do mel. Aumen-

tava o interesse pelos «ta-tseu-pao». No entanto, só havia na multidão rostos excitados, alguns ansiosos. Aqui e ali apareciam sinais de cartazes arrancados. Membros do partido, em grupos de três ou quatro, arrancavam-nos com escovas de aço, aplicando a decisão da organização do partido, sobretudo nas alamedas que nós percorríamos todos os dias, os vietnamitas e eu, para ir à cantina. Mas a natureza tem horror ao vazio. Novos «ta-tseu-pao» estudantis os substituíam imediatamente e novamente se formavam grupos mais numerosos que os anteriores para os ler.

Surgiram, painéis de madeira nos cruzamentos das alamedas, onde eram afixados «ta-tseu-pao» escritos em caracteres caligráficos sobre cartão vermelho. Exprimiam o seu apoio ao comité do partido da Universidade, aos gabinetes do partido das faculdades e ao secretário Tch'eng. Eram assinados não individualmente, mas por organizações inteiras, no estilo de «Todo o colectivo dos estudantes e dos professores da faculdade de astronomia» ou «organização do partido do 2.º ano da faculdade de física», etc. Havia «ta-tseu-pao» do próprio comité do partido e da organização das juventudes comunistas. A resolução adoptada no fim da reunião do partido aberta a todos fora afixada num bom lugar. Ao lê-la, vi a grande importância que me atribuíam. Um dos pontos da resolução indicava: «Dado que estrangeiros, entre os quais da União Soviética, estudam na Universidade, convém respeitar rigorosamente o decreto do Conselho Administrativo de Estado quanto à salvaguarda do prestígio do nosso país e não afixar "ta-tseu-pao" que tenham um carácter crítico nos sítios abertos aos estrangeiros...»

Ao lado da resolução, escrito em grandes hieróglifos sobre jornais velhos com um enorme título: «Só se deve obedecer às ordens das mais altas instâncias, as do nosso guia bem-amado, o presidente Mao: Vejam como eles deturpam as indicações do presidente Mao! O presidente Mao ensina-nos: Os "ta-tseu-pao" devem ser afixados nos locais públicos frequentados pelas grandes massas... Defendamos as indicações do presidente Mao! Defendamos o C. C. do Partido! Abaixo o comité negro do partido! Abaixo o bandido negro Tch'eng! Vejam como eles combatem as mais altas indicações do presidente Mao!»

Para que os leitores não ficassem com dúvidas, uma grossa flecha negra sublinhava o texto e mergulhava no luxuoso cartão vermelho com a resolução do comité do partido...

Era um facto novo! Um ataque aberto ao comité do partido, sob a palavra de ordem demagógica de «defesa do C. C.». E, de um modo geral, toda a atmosfera na Universidade mostrava que o comité do partido não estava capaz de parar os «revolucionários» e as aulas não recomeçavam.

É verdade que eu ainda não sofria pessoalmente com a «revolução». O professor Ko era pontual. E ficávamos sós cada vez mais frequentemente. O meu fu-tao Ma negligenciava manifestamente as suas funções. Eu tinha mesmo a impressão de que ele me evitava intencionalmente, receando as minhas perguntas. De manhã, Ma desaparecia antes de eu abrir os olhos e só aparecia muito tarde, infringindo todas as regras, depois das duas

horas da manhã, esgueirando-se no escuro como um gato e deitando-se também silenciosamente.

Um dia, voltando ao quarto após ter tomado o pequeno-almoço, encontrei-o.

— Estás livre hoje? — perguntei eu espantado.

— Não, estou muito ocupado. Mas esperei-te especialmente para te dizer — sentia-se manifestamente pouco à vontade — que o gabinete para os estrangeiros e a faculdade te pedem que não leias os «ta-tseu-pao».

— Wang já me falou nisso. Se vocês quiserem, posso deixar de os ler.

— Ainda bem! Mas ignorava que ele já te tivesse falado.

Era espantoso! Pela primeira vez em três meses, descobria um erro de organização: nunca acontecera um funcionário chinês não saber o que tinha dito o seu colega.

— Se soubesses o trabalho que eu tenho! — disse ele como para se desculpar. — Começou na Universidade um grande movimento de massas, que se desenrola com um entusiasmo sem precedentes. Mas os estrangeiros não devem participar. É um assunto interno, puramente chinês. É por isso que te pedimos que não leias os «ta-tseu-pao» e te aconselhamos a não ir à biblioteca.

— Mas como hei-de trocar os meus livros?

— Eu encarrego-me disso. Grandes comícios da juventude revolucionária têm lugar junto da biblioteca, por isso te aconselhamos a não ir lá.

Visto que a segunda proibição sob a forma de «conselho» atingia os meus estudos, aceitei-a não sem irritação.

— Os vossos encontros não me interessam, mas os atrasos na troca dos livros são lamentáveis.

— A administração da Universidade — persuadia-me Ma — veio voluntariamente ao encontro dos teus desejos, nos limites do possível. Cremos que as condições de trabalho são aceitáveis. Presentemente, limitamos-te a tua actividade, mas só porque é absolutamente indispensável. Queremos-te bem.

— Entendido — disse eu e Ma saiu imediatamente.

Decidi seguir o conselho e ser prudente.

Multiplicaram-se os comícios. Reuniam duzentas ou trezentas pessoas e desenrolavam-se numa praça coberta de pó de carvão, junto das cantinas, no estádio, junto do palco destinado às actividades dos artistas amadores, nas escadarias da biblioteca, diante da entrada central do edifício da administração e até nas cantinas durante as refeições.

Os militantes sofriam já de rouquidão, mas, quanto mais difícil lhes era falar, mais os seus gestos se tornavam violentos e os seus propósitos mais virulentos. Através da alameda, uma bandeirola clamava: «Abaixo o reino negro!» Sobre o asfalto, uma enorme inscrição branca: «Abaixo o bandido negro Tch'eng!»

Um dia, nos princípios de Junho, durante a sesta, os altifalantes do corredor estremeceram; após vários ruídos, uma voz de rapariga elevou-se do barulho e dos estrépitos:

— Viva a revolução cultural! Abaixo o bando negro de traidores. Abaixo o comité contra-revolucionário do partido! Camaradas revolucionários, unamo-nos! O presidente Mao ensina-nos: «a revolução não é um crime, a revolta

é uma coisa justa». Queridos camaradas, juventude revolucionária, vocês nasceram e cresceram numa época magnífica, a do nosso bem-amado guia Mao Tsé-tung! Levantemo-nos e unamo-nos, combatamos pelo desenvolvimento e pela vitória da grande revolução cultural proletária! Abaixo a clique negra apodrecida, abaixo a linha burguesa revisionista!

Ouviram-se depois gritos inarticulados, ruídos, barulho com os pés e algazarra. Alguém gritou com voz estridente:

— Tch'eng para a forca! Os canalhas para a forca. À morte! À morte! Abaixo a contra-revolução!...

De súbito, ouviu-se um ruído de desligar e a emissão foi interrompida. Precipitei-me para o corredor. Os vietnamitas, meus vizinhos, estavam de pé, nervosos, no enquadramento das portas. O pessoal do gabinete ia e vinha no corredor. Bak Ninh saudou-me.

— Ouviste? — perguntou ele. — Foi uma emissão dos estudantes revolucionários. Dizem que se apoderaram do centro da radiodifusão.

— Apoderaram-se?

— Sim, pela força. E agora a administração deve ter cortado a corrente. Saberemos tudo amanhã.

Com efeito, na manhã seguinte li um enorme cartaz do comité do partido. «Um grupo de estudantes, enganados por demagogos e arrivistas, não recuando perante a violência e a brutalidade, apoderou-se do centro de radiodifusão do instituto e, violando as leis do Estado, organizou sem autorização uma emissão anti-partido... O comité fará um inquérito e punirá os criminosos... O centro não voltará funcionar até ao fim do inquérito...»

★

O dia 3 de Junho, dia difícil de esquecer, começou como habitualmente. Às cinco horas e trinta, após vários dias de silêncio, a rádio fez-se ouvir no corredor. Mas não nos apressámos. Ma acordou dificilmente: voltara muito tarde e dormira apenas duas ou três horas. A música viva servia geralmente de prelúdio à revista de imprensa. Desta vez também. Ouvia distraidamente. De súbito Ma saltou da cama e vestiu-se a toda a velocidade. Pus-me a ouvir. Já ouvira aquilo. Repetia-se a emissão de 25 de Maio, mas o tom do locutor era diferente, falava do primeiro «ta-tseu-pao» que anunciou a «revolução cultural» como de uma informação corrente surgida no **Jenmin Jihpao**, a revista da organização do Partido. A notícia fora, portanto, publicada.

— Ouves? Uma notícia importante! O C. C. do partido aprova a revolução — diz Ma excitado e em seguida grita, antes de desaparecer. — Não terás aulas hoje.

A emoção de Ma deixara-me perplexo e a minha curiosidade era grande; mas, como não tinha aulas, decidi aproveitar o dia para dar uma volta pelas livrarias, se possível todas, na esperança de descobrir qualquer coisa de interessante.

Saí depois do pequeno-almoço. Tinha de passar diante do «caixote» de cinco andares do edifício administrativo. Quando me aproximava, não sem apreensão e curiosidade, distingui de longe um agrupamento em frente das escadas. Oradores gesticulavam, toda a base da fachada estava já coberta de «ta-tseu-pao» e os mais activos colavam já outros novos,

empoleirados em escadas, debaixo das janelas do primeiro e mesmo do segundo andar.

— Abaixo o comité negro do partido! Abaixo o reino negro! Abaixo Tch'eng! Defendamos o presidente Mao! Viva a grande revolução cultural proletária! Viva o presidente Mao! — gritava a multidão.

Cada palavra de ordem era primeiro gritada por uma voz rouca e em seguida retomada em coro por todos. E, desta vez, ninguém deu atenção ao estrangeiro.

Voltei por volta das sete horas da tarde com um espólio bastante magro, sem ter encontrado o que procurava. Os raios do sol poente cegavam-me, impedindo-me de ver o que se passava diante da porta. Ia a passar quando dois jovens me barraram o caminho.

— Quem é o senhor?

— Vi-me imediatamente rodeado por cerca de trinta jovens. Olhei à minha volta. Eram estudantes do primeiro ano, com fardas azuis remendadas, desbotadas pelo sol e pelas lavagens.

— Um estudante, um estudante estrangeiro, volto para o lar no edifício n.º 11 — expliquei eu.

— O seu cartão?

Não o tinha comigo.

Houve um instante de confusão, os estudantes entreolhavam-se, não sabendo o que fazer. Mas o porteiro saiu nesse instante da sua guarita e disse:

— Sim, sim, é um estudante da União Soviética. É o único aqui e todos o conhecemos!

— Da União Soviética? Há um soviético na nossa Universidade? — perguntaram várias vo-

zes espantadas. — E todos me fixaram não dissimulando a sua surpresa.

— Sim, sou soviético! Vim ao vosso país em virtude de um acordo internacional.

— Passe — disseram-me delicadamente. — Mas não volte a esquecer o cartão de estudante.

A multidão afastou-se docilmente com aquela disciplina bem chinesa.

A alameda estava deserta, mas ouvia-se ao longe um rumor confuso, que aumentava à medida que eu avançava. Uma multidão furiosa agitava-se em frente da entrada central do edifício administrativo.

— Abaixo! Abaixo! Destituição! Destituição! — gritavam.

Havia piquetes em todas as entradas, aparentemente fechadas por dentro.

Dos gritos e ameaças passaram à acção. Empurrando, os estudantes fizeram pressão sobre uma porta lateral. Os da frente gritaram, lamentando-se; a porta resistiu.

— Gelados! Gelados! — gritava junto de mim a voz familiar do vendedor de gelados.

A fim de ter um pretexto para parar e ver o que se ia passar, comprei vagarosamente um gelado, abri-o e chupei-o lentamente. Alguns estudantes, não participando no motim, chupavam igualmente gelados.

Ouviu-se de repente um grande estrondo e a multidão gritou freneticamente junto da da porta central. Todos se precipitaram nessa direcção e eu fiz o mesmo, embora mantendo-me a boa distância.

A enorme porta cor-de-cobre cedera e uma vaga humana atropelava-se na passagem. Passados alguns minutos, os jovens saíram com

alguns prisioneiros. Fizeram-nos descer a escada, um por um. Um deles foi puxado pelos pés, com a cara varrendo o solo, outro, que se obstinava, pelas mãos, e ainda um outro, pelo contrário, estava preso para que não fugisse... A multidão amontoava-se, furiosa, em torno dos prisioneiros; todos queriam bater-lhes, dar-lhes um pontapé, sacudi-los, empurrá-los, mas os furiosos eram tantos que se empurravam uns aos outros e raros eram os que atingiam o alvo. Os prisioneiros estavam pálidos, em pânico, com os rostos transidos de medo. Um fio de sangue corria da boca de um deles... Eram todos pessoas idosas, impotentes nas mãos vigorosas dos jovens. Reconheci o secretário do comité do Partido e vários membros do comité. Conduziram-nos, um por um, ao interior da cidade universitária, em direcção do estádio. A última vítima, segundo parecia, foi finalmente extirpada; desceu as escadas, seguida de um grupo de jovens triunfantes e ouviram-se de novo gritos de vitória:

— Viva o presidente Mao! Viva a vitória da grande revolução cultural proletária!

Perturbado com aquele espectáculo, apressei-me a regressar ao meu quarto, metendo por um atalho que desembocava na esquina do lar. Vários colaboradores do gabinete entre eles Wang e os locatários do meu andar, encontravam-se aí esperando ansiosos.

— Passou diante do edifício principal? — perguntou-me K'ung, um homem honesto, com uns trinta anos, responsável pelo trabalho político em relação aos vietnamitas. — Que se passa?

— Ignoro, porque não devo ver o que se passa, é um assunto interno da China — disse eu com um ar inocente.

— Está bem, está bem! — disse K'ung afavelmente, com um ar de quem entendera. Que aconteceu ao comité do partido?

Estava visivelmente nervoso e esperava a minha resposta com impaciência. Os outros colaboradores esforçavam-se por mostrar um ar indiferente e não intervinham.

— Os estudantes entraram no edifício administrativo, expulsaram os membros do comité e ocuparam o local — disse eu com voz forte.

Todos se voltaram instantaneamente; não estavam ainda ao corrente!

Assaltaram-me com perguntas: Quando? Viu com os seus próprios olhos? Que fazem eles? Que gritam eles?

Mas eu ainda não conhecia suficientemente a língua para lhes responder à pressa. No entanto, quanto à última pergunta, respondi sem hesitar:

— Gritam: «Viva a vitória da grande revolução cultural proletária!»

— Obrigado — disse K'ung e a sua voz tremia. — Vai descansar?

— Sim, adeus.

Atrás de mim, começou uma discussão animada. As pessoas estavam reunidas no «hall» e nos corredores havia idas e vindas incessantes e as portas batiam.

— Camaradas! Camaradas! Felicitamo-vos todos! — trovejaram de súbito os altifalantes. — Estudantes e professores revolucionários da Universidade, o comité negro do partido foi derrubado, o bando negro de Tch'eng esmagado e os elementos negros responderam

às massas. Defendemos o presidente Mao. Pusemos fim ao reino negro. Os estudantes e os professores revolucionários da Universidade tomaram o poder. Viva a vitória da grande revolução cultural chinesa! Viva o presidente Mao! Viva! Viva! Viva!

A rádio interrompeu-se com um ruído seco. Mas não veio o silêncio: nunca mais voltaria. Das janelas abertas chegavam até nós monótonas palavras de ordem, gritadas por inúmeras vozes, a correria da multidão e, quando subi para o meu quarto, começou o rufar de um tambor. O som baixo e forte foi-se amplificando lentamente, gradualmente, ouvindo-se em toda a volta. Deitei-me, mas custei a adormecer. Ma não aparecia. O tambor continuava a rufar. Ao longe, na cidade, um segundo respondeu-lhe e logo a seguir um terceiro.

4. OS PRIMEIROS DIAS DO NOVO PODER

Uma perseguição falhada. Visita à Pei-Ta. Maus tratos no estádio. Wang é preso. O humanismo é como uma doença mental. Sevícias públicas.

4 de Junho. Os tambores rufam. Durante a noite, durante a manhã, durante todo o dia. Muito perto e ao longe. Não se lhes pode fugir. Vozes histéricas, cansadas, ouvem-se através deste rufar constante: «Viva Mao Tsé-tung!» «Defendamos o presidente Mao!» «Glória ao grande timoneiro!» E desfiles. Na cidade universitária, nas ruas da cidade, de um comício para outro. Via-os muitas vezes passar. Da beira do passeio, examinava os manifestantes. Eram todos muito jovens. As roupas remendadas, usadas. Com os pés sobre o asfalto, muitos não têm sapatos, outros têm sapatos de ginástica, uma espécie de alpercatas, usadas até ficarem sem sola. Pode-se olhar estes jovens no branco dos olhos sem que eles reajam. Parecem apáticos.

À cabeça, quatro homens levam numa padiola um enorme retrato do presidente Mao sobre um pano de veludo vermelho ornamentado com flores e ramos verdes. Vêm depois os porta-bandeiras. As bandeiras são de um vermelho vivo e a sua forma é original: são bandeiras desfiadas, com longas hastes e seda

fina a ondular ao vento. A coluna humana debaixo delas parece muito pesada, embora os homens caminhem com um passo leve: estão na flor da juventude. Os estandartes são seguidos pela orquestra. O tambor é obrigatório, o resto é o que for encontrado ao acaso, mas frequentemente são sonoros gongos chineses. A coluna desfila, obediente, atrás da orquestra, flanqueada de vez em quando por militantes que olham frequentemente para as folhas com as palavras de ordem. Gritam-nas com voz rouca, desigual, e a coluna retoma-as em coro. Depois brande-se o punho.

Os «ta-tseu-pao» universitários relatam os «crimes do antigo comité do partido», sendo o principal a resistência à «grande revolução cultural proletária». Soube coisas surpreendentes: o comité do partido, cercado por uma multidão superexcitada, pedira socorro por telefone. Primeiro ao comité de zona do partido, que recusou, estando ele próprio impotente, depois ao comité da cidade, que permaneceu mudo: fora dispersado. Quando se tornou evidente que as suas vidas estavam ameaçadas, a direcção da Universidade pediu protecção à polícia, que lhe respondeu: «Nós não nos imiscuímos no movimento.» O apelo à tropa foi igualmente em vão: «Nós aplicamos a política das massas.» Finalmente, a mesma resposta da parte do grupo da revolução cultural junto do C. C. do P. C. C. Ora as massas estavam representadas nesse dia por algumas centenas de jovens gritando histéricos, que se entregaram a um pogrom sem que se encontrasse alguém que os fizesse parar. A maior parte dos estudantes, ignorando as consequências do caso, permaneceram passivos.

Eis, portanto, o aparelho do poder paralisado. O poder da administração do Estado tinha manifestamente tomado o partido da juventude enlouquecida, pensei eu. E, por trás dessa administração, havia a polícia e o exército. O pretexto hipócrita da «política das massas» não passava de luz verde para os organizadores dos pogroms. Era um movimento protegido e encorajado por toda a imensa máquina do Estado. É certo que os instigadores do movimento não se tinham ainda mostrado.

Protegidos pela força de um mecanismo de vingança, os vencedores tornaram-se os carrascos das vítimas. Tinha-lhes sido confiado um novo papel, uma função com importância de Estado: pôr fim à multiplicação dos «indignos e dos monstros» na China. Era assim que Mao Tsé-tung chamava àqueles que se opunham à sua linha política. A expressão «indignos e monstros», que justificava as atrocidades da «revolução cultural», foi traçada desde o primeiro dia em caracteres de ouro sobre fundo vermelho e afixada no cruzamento mais animado das alamedas. Segundo Mao Tsé-tung, os «indignos e os monstros» crescem por si, mas não desaparecem por si, sendo necessário extirpá-los impiedosamente.

De acordo com o meu calendário, devia ir no dia 4 de Junho à biblioteca de Pei-ta (a Universidade de Pequim). Para isso, era necessário tomar o autocarro à porta da Universidade Pedagógica e descer à porta de Pei-ta ao fim de meia-hora.

Desde a manhã, que todo o pessoal do gabinete, incluindo a directora Tchao, esforçando-se em vão por disfarçar a sua inquietação, ia e vinha no «hall» e nos corredores, conversando

em voz baixa. Alguns vietnamitas deambulavam igualmente. Vendo que me preparava para partir, o ecónomo Wang disse-me que não deixavam sair ninguém da Universidade.

— Como? Com que direito? — indignei-me eu, mas um dos vietnamitas acalmou-me.

— Não, os estrangeiros podem sair. É permitido.

Wang ficou derrotado.

— É verdade? Ignorava — disse para se justificar. — Tem os seus papéis? Não os esqueça.

— Sim, sim, tenho! — assegurei-lhe.

A insígnia universitária ornava a minha camisa e o cartão de estudante encontrava-se na minha carteira.

Vi ao longe uma multidão à porta. Gesticulando furiosamente, rapazes e raparigas esforçavam-se alguns por entrar, outros para sair.

— Tenho cá um irmão, há muito que não o vejo — insistia uma rapariga muito nova, que parecia operária.

— É proibido. Todos estão ocupados com actividades revolucionárias — respondeu um membro do piquete. Era inflexível e portava-se com muita dignidade. — Não deixamos passar ninguém.

— E vai ser assim por muito tempo?

— Tanto quanto a revolução exigir.

— Posso passar? — perguntei ao responsável.

— Faz favor. Não prendemos os estrangeiros.

— Mas por que razão não deixam sair ninguém? — não pude deixar de perguntar.

Lançou-me um olhar severo e mastigou:

— Para que nem um único crápula se escape à vingança das massas revolucionárias.

«Não invejo as futuras vítimas», pensei eu ao franquear a porta.

Um homem de bicicleta pretendeu escapar-se atrás de mim. Já vira mais de uma vez indivíduos com ele seguirem-me por toda a parte. E eis que os estudantes «revolucionários» o agarraram literalmente pelo colarinho e o arrastaram para o posto de guarda, apesar da sua resistência e dos seus gritos; gritava que tinha de cumprir o seu serviço. Eu era manifestamente seguido. Voltou-se o feitiço contra o feiticeiro!

Desatei involuntariamente a rir. Sim, os mecanismos do Estado desmoronavam-se e a multidão dos fedelhos com braçadeiras vermelhas brincava com todos.

★

Diante da porta de Pei-ta, a multidão tentava também penetrar. Tive de usar os cotovelos para a atravessar e apresentei o meu passe.

— A biblioteca não funciona, é inútil ir lá — disse-me delicadamente o estudante.

— Quero ver os meus amigos soviéticos que estudam aqui.

Este pedido deixou-o perplexo e pediu conselho a outro mais velho, também estudante. O porteiro permaneceria impassível na sua guarita.

— Já cá veio?

— Muitas vezes.

— Então passe. Mas é a última vez. Estamos a fazer a revolução cultural.

— Então não me voltará a ser permitido ver os meus compatriotas?

— Não. Só talvez no gabinete. Não deixamos entrar nenhum estrangeiro, porque estamos a fazer a revolução. Mas hoje fazemos uma excepção para si. Passe!

E eu entrei oficialmente pela última vez na Universidade de Pequim.

Nas alamedas, o vento fazia voar a areia e o pó, com bocados de papel de diferentes cores cobertos de hieróglifos ilegíveis. Os edifícios com «ta-tseu-pao» até ao segundo andar tremiam ao vento como ramos de árvores.

«Morte a Lu Ping! Desmascaremos os criminosos! Destruamos os ninhos dos velhos contra-revolucionários!» gritavam, vociferavam, maldiziam, condenavam, ameaçavam os hieróglifos. Eram dirigidos a pessoas bem concretas: a Lu Ping, o reitor da Universidade, aos membros do comité do partido e do corpo docente. Os seus nomes estavam ou metidos num quadro negro (espécie de necrológio de um homem vivo, que mais ninguém se atreve a considerar como tal a partir daí ou tinham à frente uma cruz vermelha (apelo a derramar sangue) ou negra (ameaça de morte).

Várias colunas desfilavam no meio da alameda. Entre os jovens, esgotados por muitas noites sem sono, viram-se rostos pálidos como máscaras, muito mais velhos, com os lábios cerrados, onde se lia o medo e a confusão.

Também ali havia listas intermináveis de nomes, paredes inteiras cobertas de cruzes vermelhas e negras, com injúrias de toda a espécie.

À entrada do lar dos estrangeiros, um «ta-tseu-pao» muito recente pendia obliquamente.

Li: «Tu és um privilegiado saído das sanguessugas "intelectuais", lisonjeaste o bandido negro Lu Ping, introduziste-te no partido, gabavas-te do conhecimento das línguas estrangeiras, penetraste, graças à protecção de Lu Ping, no gabinete que se ocupa dos estrangeiros, tu próprio vives no ambiente luxuoso do lar estrangeiro! És um aborto e filho de uma cadela da classe de exploradores burguesa! És um arrivista, um escravo do bando negro, um pseudocomunista e um inimigo dos pensamentos de Mao Tsé-tung! Arrepende-te! Avisamos-te! É o último aviso!»

Até agora, sempre pensara que os que viviam com os estrangeiros eram considerados os elementos mais leais, os mais devotados. Que se passa na China? O que é esta «revolução cultural»? Uma verdadeira reviravolta política.

Estes acontecimentos ocupavam todas as conversas na nossa colónia universitária pouco numerosa. Falava-se dos maus tratos infligidos ao professor Tsan Po-tsan, um conhecido historiador, das sevícias exercidas sobre o reitor Lu Ping, que só a hospitilização salvou da morte, dos vexames sofridos pelo responsável do partido da cantina para os estrangeiros. Fora obrigado a enfiar na cabeça a lata do lixo e a andar a quatro patas.

★

Voltei tarde à Universidade Pedagógica. As alamedas estavam iluminadas com grinaldas de ampolas, mas completamente desertas. Em contrapartida, o barulho da multidão vinha do estádio. Virei para uma alameda paralela e

avancei na sombra das árvores. O estádio, iluminado por dezenas de potentes projectores, estava repleto de gente. As pessoas estavam de cócoras ou sentadas no chão. Cheguei quase até ao podium mais bem iluminado. Por trás de um choupo vi vários homens. Um deles estava no centro, isolado. Era o secretário do partido, Tch'eng. Dois jovens estavam de pé atrás dele, numa pose solene, enquanto outros passeavam no estrado. De súbito, um deles aproximou-se da rampa e virou-se para Tch'eng, começando em seguida a gritar histericamente:

— Traíste o presidente Mao! És um bandido negro! És o rei do reino negro da nossa Universidade!

A multidão começou também a gritar, confundindo-se as vozes numa berraria incompreensível que, a pouco e pouco, pareceu cindir-se ritmicamente, e ouvi nitidamente milhares de pessoas gritar: «À morte! À morte! À morte!» Estremeci.

Olhei para os que estavam à volta. Tinham os olhos fixos no condenado, os seus rostos estavam concentrados, ansiosos mesmo, quase não gritavam. Tinha-se a impressão de que procuravam adivinhar qual seria a sua própria sorte.

De súbito, a uma ordem, os gritos cessaram e ouviu-se do estrado a voz de Tch'eng.

— Eu combati pela revolução! Derramei o meu sangue pelo presidente Mao! — gritava para a multidão, cerrando os punhos com gestos convulsivos e estendendo os braços, provavelmente para mostrar as cicatrizes.

— Mentes! Mentes! — gritavam-lhe em resposta os jovens que estavam no estrado, acompanhando cada grito de uma bofetada.

— Amo com fervor o presidente Mao! Apertei-lhe a mão em Yen-ngan!

— Traidor! — e uma nova bofetada soou.

— Lutei contra o revisionismo soviético e a adoração para com os estrangeiros! — gritava Tch'eng com desespero, numa voz estrangulada.

Os «jovens revolucionários» riam a bandeiras despregadas.

— Camaradas! Vejam como mentem os indignos e os monstros! Vamos, inclina-te perante as massas!

E um indivíduo bateu-lhe violentamente na nuca.

Tch'eng cambaleou, cobriu o rosto com as mãos e caiu tremendo no podium. Escorregou para o lado, com os braços afastados e esperneou num acesso histérico.

— Crápula! Monstro e indigno! Bandido negro! — continuavam a gritar os jovens.

— À morte! — gritou um rapazelho. Precipitando-se para Tch'eng, que se torcia, deu-lhe um pontapé.

— À morte! À morte! — gritou a multidão e os militantes mais activos no podium começaram a dar pontapés à vítima.

Senti vontade de vomitar e decidi voltar ao lar. Estava angustiado e com o espírito confuso.

— Voltou a tempo! — disse-me amavelmente o porteiro, como se nada tivesse acontecido.

O pessoal do gabinete estava reunido no «hall» e discutia animadamente. O pequeno Wang aproximou-se de mim.

— Que se passa na cidade? Não nos deixam sair daqui — acrescentou ele tentando sorrir.

— Na cidade, não se passa nada de especial

— disse e todos começaram a ouvir-me com extrema atenção.

Quando contei o que se passava na Pei-Ta, os colaboradores do gabinete formaram um estreito círculo à minha volta e perguntaram-me quem tinha sido condenado e se atacavam o pessoal subalterno.

— Tive a impressão que sim e os condenados são numerosos. Ninguém foi ainda condenado no nosso gabinete? Não há aqui «indignos e monstros»? — perguntei eu.

— Não, não, por enquanto não.

As informações que eu dera assustaram-nos aparentemente. Antes disso, tinham já um ar angustiado e derrotado.

★

Ma não estava no nosso quarto. Segundo toda a evidência estava no estádio. Deitei-me. Os tambores rufavam sem interrupção. Era sacudido por arrepios de que não conseguia desembaraçar-me.

Ma não veio dormir nessa noite. De manhã entrou só para saber o que eu tinha intenção de fazer.

— Irei à cidade, porque não há aulas.

— Ainda haverá mais aulas. Mas é uma boa ideia ir à cidade. Bem vês que a revolução cultural está em curso na Universidade.

— Foram muitos condenados? — perguntei eu à queima-roupa e Ma, que até aí tinha um ar seguro, perdeu a pose.

— Não, muitos não. E porque dizes «condenado»?

— Não é uma condenação tratar alguém de «indigno e monstro»?

— Só alguns o dizem, não todos. A sua opinião tem de ser confirmada por toda a colectividade! Pelas massas revolucionárias!... — A fórmula devolvera a Ma a segurança.

— E não há, entre nós, na faculdade, «indignos e monstros»? Não aconteceu nada aos camaradas Liu e Ko?

— Não, não. É verdade que aqui a revolução ainda não começou verdadeiramente... — disse ele e em seguida deixou precipitadamente o quarto, mostrando que não queria prosseguir a conversa.

Saí para o corredor para tomar o meu pequeno-almoço. Como habitualmente, os estudantes corriam em todos os sentidos com tabuleiros e pequenas raquetas: as mesas de pingue-pongue ocupavam o centro das salas dos lavabos e a ginástica matinal começava geralmente pelo pingue-pongue. Os estudantes vietnamitas desciam do segundo e terceiro andar. As suas vozes jovens e alegres, com modulações subtis, faziam lembrar o canto dos pássaros. A língua vietnamita é ainda mais musical que a língua chinesa, creio que tem quase oito tons. De súbito, neste rumor já familiar, um novo barulho se ouviu, um barulho abafado mas nítido de passos e doze rapazes muito novos surgiram no corredor. Nem sei por que razão a minha atenção foi atraída pelas suas mãos extraordinariamente magras. Dois deles conduziam o porteiro, um homem de idade, segurando-o solidamente pelas mãos. Caminhavam devagar, aparentemente calmos, mas sentia-se que estavam excitados. Era visivelmente a primeira vez que entravam aqui, no lar dos estrangeiros.

— Quem é este estrangeiro? — perguntou um deles quando chegou ao pé de mim.

— Um soviético — respondeu o porteiro.

Prosseguiram o seu caminho, tendo-me medido com os olhos dos pés à cabeça.

— É um amigo da China? — perguntou a mesma voz.

— Não, é um especialista da China — disse o porteiro.

Pararam diante da sala ocupada por Wang, o director-adjunto do gabinete.

— É aqui? — perguntou um jovem alto e magro com olheiras.

— Sim — confirmou o porteiro.

Os estudantes largaram-no e agruparam-se diante da porta de Wang. Um deles bateu discretamente.

— Sim! — disse uma voz no interior. — Que se passa?

— Sai! — disse alguém tranquilamente.

— Que se passa? — perguntou Wang abrindo a porta.

No mesmo instante, muito braços se estenderam para ele, uma multidão de braços magros, com as mangas arregaçadas, agarraram-se às suas roupas, segurando-o pelos ombros, pelo pescoço, pelo colarinho. Num abrir e fechar de olhos, Wang encontrou-se no corredor, cercado, agarrado pelos braços e levado.

— Vem! As massas esperam-te! Elas interrogar-te-ão e tu responder-lhes-ás! Mais depressa!

Em passos rápidos, num silêncio total, percorriam o corredor e desceram a escada. Wang, lívido, vacilante e com a cabeça baixa, olhando para o chão, calava-se. Tinha vestido um fato azul novo, o uniforme do partido: uma túnica

abotoada até acima, com bolsos aplicados, umas calças azuis cuidadosamente engomadas e sapatos de couro.

«Pressentia seguramente o que o esperava, pensei eu. Foi por isso que se vestiu como se fosse a uma parada na praça Tien An Men.»

Todos os locatários do lar, de pé junto das portas ou dos lavabos, seguiam-nos com o olhar. Ninguém saíra do quarto contíguo ao meu. Empurrei a porta por curiosidade: ninguém! Pela primeira vez, tinha ficado sem vigilância durante uma noite e um dia.

★

A universidade tornava-se cada vez mais irreconhecível. Havia palavras de ordem por toda a parte, sobre o asfalto, sobre os panos que cobriam as alamedas, sobre faixas de papel multicor ao longo dos edifícios e em inúmeros «ta-tseu-pao» individuais ou colectivos. Só se podia atravessar a multidão dos estudantes à cotovelada. Todos liam, discutiam, tomavam notas. Uma enorme palavra de ordem atravessada na alameda saltou-me à vista: «Morte ao bandido negro Tch'eng!»

— Viva! — saudou-me uma voz familiar.

Ma tomara já o pequeno-almoço e vinha ao meu encontro.

— Que quer isto dizer? Será possível que queiram matar este homem? — indignei-me eu.

— É necessário compreender estas palavras de ordem de forma metafórica — respondeu ele tranquilamente. As massas revolucionárias estão indignadas pelo bando negro e seus cúmplices.

Estive para lembrar a Ma que tinha há pouco tempo uma opinião bem diferente do secretário do partido mas, vendo que nos escutavam, disse apenas que aquelas palavras de ordem eram incompreensíveis para mim, porque Tch'eng fora secretário do partido durante seis anos. Os autores daquelas palavras de ordem não passavam de indivíduos sanguinários que não sabiam o que eram o reconhecimento e o humanismo.

Ao ouvir esta palavra, Ma desatou a rir.

— Tens o cérebro doente — disse com um ar condescendente. — Tens o espírito limitado do ponto de vista da luta de classes e não compreendes a sua lógica, como aliás todos os exploradores... Não estou a dizer que tu próprio sejas um explorador, mas tens a mesma mentalidade. Nós dividimos os inimigos em duas categorias: os que têm armas e os que não as têm. Actualmente, os segundos são para nós muito mais perigosos que os primeiros, porque já não receamos os primeiros. Mas os inimigos não armados esforçam-se por nos fazer degenerar. Razão por que são muito perigosos para nós. Implantam na China vermelha o revisionismo e a ideologia burguesa. Ora, o nosso grande guia...

Voltei as costas e fui-me embora, não o deixando terminar a sua tirada habitual.

Comi rapidamente o pequeno-almoço servido geralmente aos estrangeiros: leite condensado num pequeno pote bojudo de faiança, uma garrafa com um quarto de litro de leite, um naco de carne fria, uma salada de legumes e uma fartura frita em óleo, e voltei para o lar, atravessando o parque. Havia pouca gente aqui, era um sítio mais tranquilo que as alamedas.

Oito rapazes muito jovens, muito parecidos com os que tinham ido buscar Wang ao nosso lar de manhã, vinham ao meu encontro. Quando chegaram ao pé de mim, o mais magro avançou com um ar importante e, pronunciando lentamente as palavras para ter a certeza de ser compreendido, disse:

— Somos dos mais activos militantes da revolução cultural, estudantes do segundo ano. Queremos falar consigo.

— Que que querem?

— Queremos dizer-lhe que somos pela revolução. Sacrificaremos a nossa vida pela revolução! Defenderemos o presidente Mao! Não receamos as dificuldades.

Começaram todos a falar ao mesmo tempo, repetindo palavras de ordem já gastas.

— E queremos perguntar-lhe por que razão o admitiram na Universidade! — prosseguiu o magricela.

— Estou aqui em virtude de um acordo internacional.

— Isso já sabemos. Mas por que razão precisamente na nossa Universidade?

— Os vossos dirigentes assim o decidiram. Seria muito mais cómodo para mim estudar em Pei-ta e não aqui.

— Estão a ver? — gritou ele dirigindo-se aos companheiros. — Foi obra do bando negro! Trouxeram de propósito um revisionista para a nossa Universidade revolucionária.

O jovem que estava ao seu lado interrompeu-o:

— Mas Pei-ta também é uma Universidade revolucionária?

— Com quem teve aqui contactos? — prosseguiu severamente o magricela.

Toda esta conversa me divertia. Os jovens portavam-se delicadamente; os seus rostos magros e as roupas gastas metiam mesmo pena. Sim, eles não comiam o suficiente, eu sabia como eram alimentados os estudantes chineses: um bolo de arroz, uma fartura e chá. Esforçavam-se geralmente por compensar a falta de comida com muitas horas de sono. Mas agora isso tinha acabado: faziam a «revolução cultural».

— Com os quadros da Universidade, quando cheguei fui recebido por Tchao, a directora do gabinete para o trabalho com os estrangeiros, depois por Liu, o director-adjunto da Faculdade de Filologia...

— Foi recebido por Tch'eng? — interrompeu-me alguém.

— Não — disse eu virando-me para ele. — Estava muito ocupado e não pôde receber-me.

— Agora tem muito tempo. Tch'eng Tsin-u responde agora pelos seus crimes perante as massas revolucionárias. Conservou na Universidade o sistema revisionista soviético e queria fazer de nós um refugo burguês. Mas não conseguiu. Os seus negros desígnios foram desmascarados! Não é por acaso que você está aqui — continuava a atacar o magricela.

— Os vossos assuntos internos não me interessam — repliquei tão calmamente quanto possível.

— Camaradas! Não podemos tolerar um revisionista na nossa Universidade revolucionária! — gritou alguém atrás.

— Que pensa das ideias de Mao Tsé-tung? — perguntou o magricela.

— Sou um partidário do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário e, consequentemente, um adversário das ideias nacionalistas.

Sabendo que me podiam fazer aquela pergunta, preparara já a resposta, inspirando-me nas seguintes considerações: primeiro não deveria mencionar Mao Tsé-tung; segundo, a resposta deveria ser sem compromisso, o que certamente os deixaria perplexos. Foi, de facto, o que aconteceu. Os rapazes, que não estavam habituados a que condenassem abertamente o seu ídolo, ficaram confusos.

— Necessita de estudar as ideias de Mao Tsé-tung. Não as conhece suficientemente — aconselhou o meu contraditor após uma longa pausa.

Não respondi e, levantando os ombros, pus-me a caminho. Afastaram-se. Mas, assim que me viram pelas costas, começaram a gritar e a injuriar:

— Revisionista soviético!

— Crápula! Abaixo os revisionistas!

— Camaradas, trata-se aqui de acordos internacionais! — exortou uma voz.

Quando me voltei para ver quem demonstrava bom senso, ainda pude evitar um bocado de tijolo lançado por um entusiasta da «revolução cultural».

Separavam-nos no máximo uma dezena de passos. Os estudantes tinham-se calado, mas continuavam a olhar-me. Uma grandalhão tomou a palavra:

— Esta questão diz respeito a toda a colectividade da Universidade e deve ser objecto de uma análise. Deve ser resolvida à escala nacional!

— Um coração revolucionário não pode tolerar revisionistas vivos! — ouvi ainda.

Os estudantes retomaram a discussão, gesticulando furiosamente, vendo qual deles gritava mais alto.

Preferi continuar o meu caminho.

A «revolução» começava a inquietar-me seriamente. No painel no cruzamento das alamedas em que se vêem «ta-tseu-pao» vermelhos oficiais do comité do partido, surgira, uma enorme folha de papel branco, com hieróglifos maiores que o habitual. Eis o que se lia nela:

«Abaixo o reino negro! De 1949 a 1966, oprimiram-nos, sugaram o nosso sangue, traíram o grande guia, o presidente Mao, desprezando os seus ensinamentos! Foram contra os pensamentos de Mao Tsé-tung! Abaixo o reino negro! Viva a grande revolução cultural proletária! Defendamos o presidente Mao!»

A parede do laboratório de física, numa alameda lateral, estava coberta de um «ta-tseu-pao» temático: «Os crimes do bando negro». Com uma multidão de estudantes à volta, comecei a lê-lo. Começaram a murmurar quando me viram, mas convenceram-se de que seria melhor deixar-me ler, pensando talvez que assim compreenderia melhor a «revolução cultural». A parede estava coberta das queixas e súplicas dos que tinham sido «maltratados» pelas autoridades locais e tinham sido vítimas de abusos e de sevícias.

Havia também uma longa lista dos móveis e outros bens encontrados na casa do secretário Tch'eng. Pensem bem: além da cama conjugal para dois, havia ainda um sofá para os convidados! Os estudantes estavam indignados. Eles viviam quatro a quatro, em quartos exíguos, e dormiam em beliches de madeira.

No centro destas queixas, denúncias e acusações, figurava a conclusão do «grupo revolucionário de inquérito» que trabalhara no refeitório dos professores e dos quadros da Universidade.

«Os nossos professores e os chefes do bando negro, lia-se, podiam escolher todos os dias entre cem pratos de cozinha feudal, a que chamavam, hipocritamente, nacional...» Seguia-se a lista dos víveres consumidos no refeitório dos professores durante o mês passado e todo o ano passado: um número de porcos e bois bastante imponente, várias centenas, milhares de frangos e patos, centenas de litros de azeite, dezenas de milhares de ovos.

Os rostos pálidos e magros dos estudantes torciam-se de cólera. Entreolhando-se, notavam febrilmente que aqueles números eram gritantes. A multidão aumentava de indignação.

Uma folha queixava-se de um «crime sangrento». Tratava-se do suicídio de um jovem vindo do campo, que fora expulso, de ânimo leve, devido aos seus maus estudos.

★

Foi construído perto da biblioteca um estrado: tribuna, palco, cadafalso? Num fundo de bandeiras vermelhas, estavam alguns homens alinhados, com a cabeça inclinada para o peito e orelhas de burro de papel na cabeça. Muitos tinham uma espécie de túnicas de papel cobertas de inscrições. As mãos, estendidas, seguravam escritos que continham a lista dos

seus «crimes». Alguns tinham no peito a inscrição: «Bandido negro».

— Baixa a cabeça! — ouvi de súbito atrás de mim. Virei-me bruscamente: conduziam para o cadafalso improvisado um homem ainda relativamente novo.

Dois seguravam-no pelos braços e um terceiro bateu-lhe na nuca: este homem não queria baixar a cabeça, obstinava-se a levantá-la. Então os que o escoltavam pararam, começaram a enchê-lo de injúrias e a bater-lhe. A vítima não resistia, cambaleava, procurando permanecer de pé. Os estudantes que passavam juntaram-se à sua volta.

— Contra-revolucionário! Crápula! — gritavam eles.

O homem caiu. Todos lhe deram pontapés, mas ele não proferiu um gemido nem um grito.

Cinco homens separaram-se da multidão reunida junto do estrado e precipitaram-se para a vítima, gritando:

— Será julgado pelas massas! Tragam-no para aqui!

A multidão enfurecida que apenas há um instante se encarniçava sobre o homem sem defesa, afastou-se docilmente quando ouviu esta apóstrofe imperiosa. A vítima jazia imóvel sobre o asfalto.

O homem foi levantado e arrastado para o estrado. Num esforço supremo, tentou várias vezes levantar a cabeça, mas uma chuva de bofetadas fazia-o cair, impotente. Içaram-no para o estrado e encostaram-no ao fundo, junto do pano vermelho. Ficou caído por terra. Ordenaram-lhe que se levantasse dando-lhe violentas bofetadas, mas em vão. Um rapaz enorme, um dos principais militantes, aproximou-se en-

tão dele e começou a bater-lhe com um cinturão de soldado. Os golpes fizeram a vítima voltar a si e pôs-se de pé, vacilando. Puseram-lhe um chapéu com orelhas de burro na cabeça e colocaram-lhe sobre os ombros uma casaca de papel. Dois jovens escreveram aí rapidamente alguma coisa com tinta da China. Um outro jovem pintou-lhe o rosto com uma tinta branca, molhando o pincel numa grande lata de conserva: era assim que, no antigo teatro nacional, se caracterizavam os celerados.

Eis como a «revolução cultural» se me apresentou, a mim, estrangeiro excluído da vida da sociedade chinesa, como um espectáculo de pesadelo que não parava noite e dia.

Nesse mesmo dia, voltava do clube da embaixada soviética.

Quis exibir o meu passe na porta da Universidade, mas um rapaz com uma braçadeira vermelha disse-me:

— Não é preciso. Todos os que estão de serviço o conhecem. Passe por favor!

Isto agradou-me: talvez a «revolução cultural» não tivesse, na realidade, nada a ver comigo.

A reunião em frente da biblioteca continuava. As vítimas continuavam de pé, alinhadas mesmo à beira do estrado, sempre com as listas dos crimes à cabeça. Parei e contemplei aquelas figuras estranhas, como que vindas de um outro mundo, com uma indiferença e uma insensibilidade que me espantaram.

O tempo passava e, de súbito, as vítimas começaram a cair, uma após outras, sobre o estrado. Todos olhavam, mas ninguém se aproximava delas nem as tocava, aquilo, aparentemente, não espantava ninguém. Não pude dei-

xar de perguntar a um rapaz que trazia uma braçadeira o que lhes iria acontecer.

— Ficam assim de pé durante todo o dia. O homem não consegue resistir muito tempo assim com as mãos atrás da cabeça e é por isso que caem — explicou-me de bom grado, infringindo a severa interdição de falar com estrangeiros. — No entanto, não se deve ter pena deles, porque são bandidos negros e traidores. Tomaram o poder no comité do partido e implantaram nele o reino negro. Mas chegou a altura de as massas revolucionárias lhes pedirem contas.

Nesse instante, jovens com cinturões subiram para o estrado, muito bem iluminado, e começaram a bater violentamente nos corpos que jaziam no chão. Estes levantavam-se, caíam de novo e os «revolucionários» saltavam à sua volta, enquanto que as fivelas reluziam sob a luz e a multidão excitada vociferava:

— À morte! À morte! À morte!

Os estudantes chineses tinham os olhos fixos no estrado como que hipnotizados, não conseguindo desviar o olhar. Tentei compreendê-los: petrificados, concentrados e perturbados, cada um receando no seu subconsciente ir lá parar, tornar-se um daqueles, porque na China a «revolução» é eterna e «não se deve temer o caos». Aqui ninguém sabia a sorte que o esperava.

5. A VIDA SOB A ORDEM NOVA

Incursão num apartamento. O físico. A velha no fosso. O destacamento de trabalho à entrada. Os «indignos e os monstros».

O rufar do tambor e a gritaria nas alamedas tornaram-se coisas correntes. Ao passar diante dos anfiteatros e laboratórios cobertos de «ta-tseu-pao», era difícil acreditar, que em tempos se estudara e se fizera investigação ali. Tornaram-se locais de reuniões, de reuniões permanentes, com ou sem transmissão, mas sempre com oradores excitados, com voz rouca, uma reacção geral tempestuosa e azedas réplicas.

A praça defronte da biblioteca servia para comícios-debates. Começavam ao pôr-do-sol e duravam até meio da noite, à luz dos projectores. As justas oratórias degeneravam frequentemente em rixas e a multidão berrava então ferozmente, enquanto os militantes, muito lestos, com os olhos vermelhos de insónia, separavam os adversários. Chamava-se a estes locais «terrenos de combate».

Os julgamentos com maus tratos e «destruição da autoridade» eram realizados no estádio.

O tempo estava magnífico e a mimosa florescia nas alamedas. A Universidade estava

impregnada de um aroma de especiarias e oferecia à vista uma orgia de tintas-pastel muito bizarras.

Um dia, ao voltar do pequeno-almoço, passeava nas alamedas ladeadas de mimosas em flor. Vinha uma grande gritaria do estádio, onde havia sempre alguém a ser torturado. Eu já nem sabia ao certo porquê, de tal modo estava fatigado de me interessar; já estava habituado.

De súbito, ouviu-se um clamor tão desesperado que eu saltei instintivamente para o lado e dissimulei-me atrás de uma árvore. Uma multidão ruidosa e excitada surgiu a correr, brandindo o punho, excitada pelo seu próprio barulho, sem distinguir o caminho, pisando os canteiros de flores e as sebes vivas. Era uma massa densa que gritava ofegante. Gritavam nomes que eu nem tentava compreender, apertando-me contra o tronco da árvore para passar despercebido. Não fui o único a agir assim, todos os chineses que seguiam pela alameda também se esconderam rapidamente. A manada humana passou, ofegando pesadamente, e parou bruscamente junto do edifício de três andares habitado pelos professores e suas famílias. Gritos confusos e intimidações chegavam das janelas abertas.

— Ele é membro do gabinete do partido da faculdade e durante todos estes dias não tem saído de casa. Esconde-se das massas. Esquecemo-nos de o extirpar logo — gritava um adolescente baixo e magro, vindo do estádio, aos que se tinham concentrado junto da casa.

«Extirpar» tornara-se uma das palavras preferidas pelos militantes mais activos da «revolução cultural». Significava arrastar alguém pela força a um julgamento público.

— Vitória! Acabamos de extirpar mais um crápula! — gritou uma voz juvenil por uma janela aberta do primeiro andar.

Da entrada, empurrado por militantes que lhe lhe seguravam as mãos atrás das costas, saiu abruptamente um homem idoso, dobrado em dois. Os «revolucionários» concentrados em frente da porta cuspiam-lhe em cima, procurando atingir a cara. Não querendo ser arrastado, corria com todas as suas forças para o estrado erguido no estádio.

Os «revolucionários» que ficaram no apartamento do «extirpado» meteram mãos à obra. Uma voz de trovão lia solenemente aos membros da família a moral «revolucionária» e exigia uma «reeducação ideológica».

— Devem ajudar os outros a compreender toda a gravidade dos seus crimes — ouvia-se pela janela. — Se os parentes mais próximos denunciarem abertamente os crimes, isso será conforme ao fervor do sentimento de classe. Os sentimentos de classe devem ser mais fortes que o sentimento de parentesco que herdámos da velha sociedade. Devem agir em nome da revolução cultural e de acordo com as ideias de Mao Tsé-tung. Isso salvar-vos-á a vocês próprios das ideias erradas...

Enquanto um dizia este discurso, os outros, ainda uns autênticos garotos, colavam papel nas janelas da casa e escreviam injúrias grosseiras e maldições.

Compreendi então o significado daquelas janelas cobertas de papel. Já vira bastantes.

★

Procurava deixar o lar o menos possível e lia muito. Mas, além de ter de ir à cantina,

tinha de encher duas vezes por dia o meu termo de água quente perto do laboratório de física de baixas temperaturas. O laboratório, que não era muito grande, estava iluminado por lâmpadas fluorescentes. Alguém trabalhava sempre aí até muito tarde. Uma vez, ao passar, vi na porta do laboratório um «ta-tseu-pao».

Os empregados do laboratório criticavam o director do laboratório por este se consagrar inteiramente à física, esquecer a política e os sobrecarregar de trabalho de tal forma que eles não tinham tempo de estudar as obras do presidente Mao.

Na manhã seguinte, vi uma folha de bloco-notas espetada no «ta-tseu-pao». O que nela estava escrito perturbou-me bastante pela ousadia e pelo elevado sentido da dignidade humana que aí se exprimia.

«Acredito na física, uma ciência não só do presente, mas também do futuro — escrevia o sábio em resposta às acusações do "ta-tseu-pao". Se hoje a China tem necessidade dos meus conhecimentos, daqui a vinte anos eles serão ainda mais indispensáveis e importantes, ao passo que os homens esquecerão depressa a política e os pensamentos de Mao Tsé-tung.»

A partir desse dia, as paredes exteriores do laboratório ficaram completamente cobertas de novos «ta-tseu-pao». A resposta do sábio, cuidadosamente copiada em grandes caracteres, figurava ao centro, enquadrada a negro. E a resposta, em grandes hieróglifos caligráficos, dizia:

«... O pensamento de Mao Tsé-tung é o sol da humanidade, o auge da ciência revolucionária da nossa época. Triunfa actualmente na China ao fim de um ano e reinará no mundo

inteiro dentro de vinte anos. Tornar-se-á para sempre o farol da humanidade! E tu, ínfimo insecto, serás esquecido pelos homens em dez dias.»

Eu não conhecia, nunca vira mesmo aquele físico chinês, sabia apenas que tinha estudado na União Soviética e que dirigia na Universidade Pedagógica o laboratório de física das temperaturas muito baixas. Mas li e copiei para a minha agenda a sua resposta corajosa e digna. Sei que nunca esquecerei esse homem notável. Ignoro o que lhe aconteceu, se ainda é vivo ou se foi maltratado por uma multidão fanática. O que é certo é que a luz do seu laboratório se apagou.

★

Os «inimigos da revolução» eram passeados pela Universidade. Era um castigo particular destinado, com depois me explicaram, a destruir a dignidade humana. Só infligiam essa humilhação aos que se tinham distinguido pela sua reputação ou por trabalhos científicos, pela erudição ou pela experiência de trabalho num posto de responsabilidade, para destruir o seu prestígio e desacreditar a velha cultura, a cultura «negra»; para os «revolucionários», era tudo quanto tinha existido antes do «pensamento de Mao Tsé-tung». Mas, por muito trágico que pareça, o próprio processo tinha origem num costume medieval. Com efeito, a «revolução cultural» fez renascer muitos dos costumes sinistros e obscurantistas da Idade Média, que eu conhecera através dos escritos dos séculos XI, XII e XIII.

Eis um dos espectáculos horríveis e bárbaros de que fui testemunha.

... Um homem amarrado avança lentamente, rodeado de quatro militantes, segurando cada um a ponta de uma corda. Traz um chapéu com orelhas de burro e uma casaca de papel, grosseiramente pintalgada de hieróglifos negros, que repetiam sem cessar as expressões «elemento contra-revolucionário», «crápula negro», «traidor», «réptil», «canalha», «filho de uma cadela», etc. Ligeiramente atrás vem um homem com um enorme tambor. Bate lentamente o ritmo e, nos intervalos, o condenado grita com voz forte:

— Sou um velho contra-revolucionário! Não compreendi o pensamento de Mao Tsé-tung! Todos os dias traí a revolução. Curvei-me perante o bando negro! Apliquei zelosamente a linha negra!

Uma procissão de cerca de cinquenta pessoas segue o tambor. De vez em quando, essas pessoas gritam vivas em honra do presidente Mao e proclamam bem alto a sua resolução de levar até ao fim a «revolução cultural».

Estava à beira da estrada, olhando a procissão. Nesse instante, a voz da vítima enfraqueceu e o militante que ia ao lado deu-lhe uma bofetada gritando:

— Mais alto!

A procissão prosseguiu o seu caminho e a voz do condenado ouviu-se mais forte.

Tudo o que faziam os «revolucionários» era um cerimonial teatral, concebido de antemão, um «rito revolucionário».

Mas havia castigos muito diferentes: os destacamentos de trabalho, que não tinham nada

de teatral. Um dia vi um na minha Universidade Pedagógica, quando me dirigia para a porta norte. A alameda ladeava um bairro residencial e estava quase deserta. Jovens com braçadeiras vermelhas, na maioria raparigas de dezoito a vinte anos, passeavam no meio. Quando cheguei ao pé delas, vi umas pessoas agitarem-se no fosso dos dois lados da alameda. Era um comando de condenados que limpavam o fosso, velhos, homens e mulheres, trazendo inscrições infames ao peito. Estas pessoas idosas, curvadas, arrancavam com pequenas machadinhas e à mão a erva e os arbustos, reunindo as folhas mortas, os bocados de papel, etc. Tal humilhação infligida a pessoas com cabelos brancos era tão inconcebível na China que eu parei perturbado. A jovem guardiã, compreendendo-o à sua maneira, aproximou-se de mim e disse-me sorrindo amavelmente:

— A passagem está autorizada, faz favor de passar.

— Quem são estas pessoas? — perguntei eu.

— São inimigos da revolução, parasitas e vampiros. São indignos de ter o nome de seres humanos.

Aproximei-me de uma velha com os olhos vermelhos de chorar, aparentemente com sessenta anos, e li na casaca de papel que a cobria: «Familiar de um elemento contra-revolucionário».

— Mas esta velha também é uma contra-revolucionária? — perguntei eu à rapariga.

— Não havia de ser? — espantou-se ela. — O filho é um importante bandido negro. Era um inimigo do presidente Mao no seio do partido!

Um rapaz mais velho aproximou-se então de mim, provavelmente o responsável dos guardas e ofereceu-se para me guiar. Segui-o.

Ao longo de toda a alameda, havia velhos a trabalhar no fosso. Estavam pálidos e silenciosos. Uma outra jovem guardiã aproximou-se de nós no fim da alameda e disse mostrando uma das figuras curvadas ao jovem chefe:

— Aquela velha trabalha mal.

Este, aproximando-se da mulher, admoestou-a sem muito entusiasmo:

— Anda, mexe-te!

A sua voz exprimia apenas fadiga. Não bateu na velha, ainda que naquele período fosse habitual bater e cuspir nos condenados sem qualquer motivo. A jovem guardiã assimilara muito melhor os «pensamentos de Mao Tsé-tung»: no seu rosto largo, há pouco fanático, podia ler-se a perplexidade. Tinha vontade de infligir uma punição exemplar à velha pouco dócil. O chefe compreendeu que tinha de lhe explicar o seu comportamento.

— Acompanho um estrangeiro — disse ele. — É um estagiário soviético.

Parecia que a minha presença o incomodava e absteve-se de chegar a vias de facto perante tal testemunha. Mas a jovem era de humor belicoso.

— Que importância tem isso! Não estou de acordo! Devemos fazer a revolução cultural e não pensar no que dirão os estrangeiros e, além do mais, revisionistas.

O chefe ficou manifestamente receoso com aquela crítica virulenta e apressou-se a partir; eu segui-o. Parou na primeira alameda lateral e propôs-me que a seguisse: não havia aí nenhum destacamento de trabalho.

Necessitava de ir à lavandaria e, para isso, tinha passar diante da escola primária. Dois alunos, provavelmente da sétima classe, ultrapassaram-me perto do recinto da escola, por trás do qual se elevavam clamores das crianças que brincavam.

— Bom dia, amigo soviético! — diz-me um deles correndo. — Não esquecemos a nossa amizade e amamos a União Soviética!

O seu rosto estava sério, olhava para a frente e não para mim. Correndo mais um pouco, os rapazes voltaram-se e gritaram em russo:

— Amizade!

Aquela palavra, dita por jovens chineses, já não me dava prazer.

Um dia, quando voltava ao lar, vi por cima da entrada uma inscrição: «Edifício anti-revisionista».

Isto é algo de novo. Mas que significará? Vou simplesmente fingir ignorá-lo, decidi.

Um membro do pessoal do gabinete abordou-me no vestíbulo.

— Viu a inscrição à entrada?

— Sim.

— Tem observações a fazer?

— Não. Isso não me diz respeito. Sou estrangeiro e os vossos assuntos internos não me dizem respeito.

Ora, a coisa explicava-se muito facilmente. Depois de ter sido expulsa a direcção do gabinete que se ocupa dos estrangeiros, os seus jovens colaboradores decidiram distinguir-se com aquela inscrição e ocupar-se de actividades revolucionárias. Passavam dias inteiros em reuniões, amontoando-se no antigo gabinete da directora, e tomavam «grandes» decisões. Fui informado de uma delas por um aviso colado

na parede, exigindo que fosse urgentemente colocado à entrada do lar um cartaz com frases de Mao Tsé-tung.

Era talvez um convite feito aos estrangeiros para participarem no cerimonial. Mas não encontraram voluntários.

Fizeram vir então uma equipa de condenados. Voltava da cantina quando eles começavam a abrir buracos. Estava calor. Um jovem guarda de braçadeira vermelha conversava preguiçosamente, sob o alpendre, com o velho porteiro. Saudei-o e perguntei ao vigia o que pretendiam fazer.

— Vamos plantar postes e revesti-los de pranchas onde afixaremos uma tela vermelha para escrever em letras de ouro as frases do presidente Mao — explicou ele loquaz. — Ficará muito bonito, solene e majestoso.

— E que frases?

Tinha-se esquecido. No dia seguinte viriam artistas-pintores para as escrever. «Está bem, não deves ser um revolucionário muito zeloso», pensei eu.

— E quem são estas pessoas? — perguntei eu.

— Contra-revolucionários e proprietários fundiários.

Com efeito, um dos que trabalhavam trazia no peito uma insígnia em cartão branco com a inscrição «proprietário fundiário».

— É então um proprietário fundiário? E quem era antes da «revolução cultural»? — perguntei ao condenado.

O homem idoso, pálido, com os traços vincados, metido numa roupa curta e mal feita, deitava olhares perdidos ora para mim ora para a sentinela.

— Fala, fala! — autorizou graciosamente o guarda.

— Era membro do gabinete do partido na faculdade de história — respondeu timidamente.

— Tinha então terra antes da Libertação?

— Não, antes da libertação estava no 8.º exército.

— Então quando é que foi proprietário fundiário?

— Nunca, mas o meu pai tinha mais de 20 mus (¹) de terra e era considerado proprietário. Quanto a mim, participei na revolução desde a juventude...

O guarda interveio na conversa.

— Trata-se da sua origem social — disse ele apontando para a inscrição que se lia no peito do condenado. É originário de uma classe hostil ao povo. Era por isso que tinha hábitos de parasita em toda a sua actividade, tudo o que se chama entre nós, na China, revisionismo.

— E você, é membro do partido?

— Não, mas pertenço à jovem geração da época de Mao Tsé-tung! — declarou ele com um ar de satisfação. Vá, esforcem-se! — gritou para o seu grupo, fazendo-me notar em seguida condescendentemente. — É difícil os estrangeiros compreenderem a China. Nunca nos compreenderam e nunca nos compreenderão. Na União Soviética é certamente considerado um especialista da China. É certo que muito poucos estrangeiros sabem chinês. É por isso que o tomam por um especialista. — Sorriu maliciosamente. — Sabe o que disse o primeiro-minis-

(¹) Um **mu** — $^1/_{16}$ de hectare.

tro Chu dos sinólogos estrangeiros? Não? Disse que eram lacaios diplomados do imperialismo americano e do revisionismo moderno. Estão aqui para preverem o que se vai passar na China e de que modo. Só que nenhum dos vossos prognósticos será exacto! Sabiam vocês que a revolução cultural ia começar?

— Não — confessei eu francamente.

— Está a ver? — a sentinela estava orgulhosa e feliz. Estas pessoas gabavam-se dos serviços que prestaram à revolução. Mas quem precisa dos seus serviços se eles não querem assimilar as ideias do presidente Mao? Porque depois da vitória da revolução quiseram viver bem, não se privando de nada.

— Mas as revoluções não se fazem para que os homens passem a viver melhor?

— A revolução faz-se em nome da revolução! A revolução é eterna, a China será sempre revolucionária. Uma vida feliz é uma vida ao serviço da revolução e das ideias de Mao Tsé-tung. A revolução permite que as massas assimilem as ideias de Mao Tsé-tung e isso é o mais importante!

— Então a revolução faz-se em nome das ideias de Mao Tsé-tung? — perguntei eu com ironia.

— Você não pode compreender, a sua consciência está contaminada pelo revisionismo moderno — declarou ele.

— E o que significa aquela inscrição? — perguntei eu não querendo aprofundar a discussão, indicando um condenado que trazia a inscrição «Elemento contra-revolucionário».

— Era membro do partido e tomei posição contra a revolução cultural — diz o portador da inscrição.

— É um dos que reconheceram o seu erro — explicou o guarda. — Dantes passava por professor.

— Que sorte os espera a todos?

— Ainda não decidimos. São condenados mas a sentença definitiva ainda não foi dada. Por enquanto corrigimo-los pelo trabalho manual. Este trabalho não é duro, como pode observar, mas é ideologicamente muito útil porque lhes mostra de forma clara a grandeza das ideias de Mao Tsé-tung. É um meio muito importante de reeducação. Reeducamo-los simultaneamente pelo trabalho e pela transformação das suas condições de vida. Expulsámo-los das suas casas, confiscámos os seus bens e congelámos os salários. Vivem presentemente todos em conjunto e nós protegemo-los da cólera das massas. Vivem nas mesmas condições que muitos camponeses.

— Mas porque achincalhá-los, ultrajá-los, porque bater-lhes, humilhá-los, cuspir-lhes em cima?

— O inimigo de classe não pode ter dignidade humana. Para nós não são homens. Tiveram todas as possibilidades de se reeducarem e tornarem-se discípulos fiéis do presidente Mao, mas não o quiseram. E nós temos de os humilhar. A velha sociedade criou o culto dos conhecimentos que não servem para nada. Devemos extirpar nas massas todo o respeito pelos conhecimentos inúteis da velha intelectualidade. É por isso que os fazemos passear à frente de um tambor com umas orelhas de burro. Toda a gente deve ver como são ridículos e impotentes! A sua ciência não serve para nada! E de que modo se comportaram, com que insolência recusaram estudar as obras

do presidente Mao! Ousavam troçar de nós, a nova geração revolucionária! Não reconheciam que as obras de Mao Tsé-tung eram o auge do conhecimento humano!

★

Eu costumava comer vinte minutos depois dos estudantes vietnamitas, porque eles eram quase cem e havia sempre bicha. O especialista da cozinha europeia qua havia na cantina para os estrangeiros tornara-se quase o meu cozinheiro pessoal: eu era o seu único cliente. Mas eu preferia a cozinha chinesa e só conservara da comida europeia o leite fresco e condensado. Chegava sempre à mesma hora e recebia imediatamente o almoço numa bandeja.

Uma vez, os vietnamitas, que tinham ido a uma excursão, almoçaram mais tarde. Quando eu entrei na sala, havia ainda muita gente. Decidi esperar e, para passar o tempo, fui passear no corredor mal iluminado que estava cheio de cestos de fruta, balanças e caixas. O corredor desembocava na sala clara do antigo refeitório para os antigos quadros do partido e para o corpo docente. Parei à entrada. Havia muitos jovens. Estudantes de serviço, com braçadeiras vermelhas, controlavam a distribuição da comida. Ao fundo da sala, abriram uma janela na parede com a inscrição: «Para os indignos e os monstros e toda a canalha da Universidade». Vários condenados, com insígnias no peito e segurando gamelas de alumínio, esperavam em frente da janela. Havia sempre novos a chegar dirigindo-se para a janela de distribuição. Um deles entrou com o passo habitual, mas um dos que estavam sentados gritou-lhe:

— Baixa a cabeça, canalha!

Este último curvou-se imediatamente, mas demasiado tarde: já alguém lhe passara uma rasteira e um outro lhe batera nas costas. Um jovem levantou-se devagar e, esperando que o condenado chegasse perto dele, cuspiu-lhe na cara.

Na gamela dos condenados deitava-se uma dose de couves aguadas e um pequeno pão cor de asfalto. Os pobres apressavam-se a sair como cães perseguidos, mas as bofetadas e as cuspidelas choviam de toda a parte.

— Morte aos parasitas!

— É inútil alimentar os indignos e os monstros!

Estes gritos odiosos misturavam-se às exclamações de triunfo:

— Viva a grande revolução cultural!

— Viva o presidente Mao!

É necessário dizer que a fogosa actividade de reeducação dos «indignos e dos monstros» não impedia os «jovens revolucionários» de se empanturrarem de arroz e massa. Tudo aquilo me desgostou de tal forma que, quando o meu cozinheiro Li me chamou e colocou o prato na minha frente, fiquei muito tempo à mesa mastigando a refeição com dificuldade.

Na Universidade correu o boato de que havia suicídios. Tornaram-se coisa corrente durante a «revolução cultural». Dizia-se que um funcionário do comité do partido de Pequim, que fora destituído, se afogara nas águas rápidas do canal, que um professor de marxismo-leninismo da Universidade, após vários dias passados no pelourinho, não pudera suportar mais

e se deitara a um poço. Contavam-se muitas outras histórias sinistras. Mas os rumores e a conversa é uma coisa; ser testemunha é outra.

Passando um dia diante do edifício administrativo, desenrolava-se, como habitualmente, um comício em frente da entrada e notei o comportamento estranho dos participantes: não escutavam o orador, falavam entre si, agitavam-se, procurando ver qualquer coisa por cima das cabeças. O objecto da sua curiosidade era o corpo inanimado de um jovem estudante esgotado e com as roupas esfarrapadas. Era um órfão, originário de uma família de camponeses pobres, o que inquietava particularmente os «revolucionários». Durante a guerra civil, o garoto fora recolhido por um responsável político do Exército Popular de Libertação. Adoptado pela nova família, recebera instrução e entrara para a Universidade. Após a Libertação, o comissário fora desmobilizado e enviado para a Universidade Pedagógica de Pequim. Aí trabalhara e estudara, tornando-se um elemento destacado da organização do partido e fora agora incluído na lista dos «grossos legumes dos bandidos negros». No decurso da reunião, exigiram ao jovem que renegasse o pai adoptivo, mas ele teimara em defender o condenado.

— Fomos obrigados a condená-lo — esganiçava-se um orador nos degraus —, mas não foi de ânimo leve que iniciámos a luta contra o nosso irmão de classe enganado pelo inimigo de classe. Quisemos abrir-lhe os olhos, mas, persistindo no seu erro, colocou o reconhecimento pessoal acima do reconhecimento de classe. Não queria compreender que devia a sua sorte não ao traidor das massas revolucionárias mas ao nosso grande guia, o presidente Mao, que libertou o povo chinês e nos conduziu à grande revolução cultural! Durante seis horas criticámo-lo na reunião e compreendemos então que ele degenerara em inimigo, que era incapaz de se corrigir, de inclinar a cabeça perante as massas e servir de exemplo aos outros, que era incapaz de defender as grandes ideias do presidente Mao! E eis a prova de que tínhamos razão! Deitou-se da janela abaixo com medo das massas e ódio à revolução! Com a sua morte quis prejudicar a revolução cultural, mas todos vós sois testemunhas de que o seu pérfido desígnio fracassou. Não prejudicou de modo nenhum a revolução, pelo contrário, provou a todos que era um inimigo. Não temos agora quaisquer dúvidas. Provou também outra coisa com o seu suicídio: os inimigos da revolução cultural são impotentes, não conseguem impedir, nem mesmo com a sua morte, que as ideias de Mao Tsé-tung conquistem os 700 milhões de homens que formam o povo chinês!

O aprumo e a demagogia do orador não tinham a acção habitual sobre a multidão. A reunião desenrolava-se sem ovações, sem aclamações, sem gritos de triunfo ou de indignação.

6. TRIUNFO E DECADÊNCIA DO «GRUPO DE TRABALHO»

Entrada triunfal. A luta de fracções. O esquerdista. O presidente Mao voltoul Tsiang Ts'ing discursa. Segunda dissolução.

O fim de Junho ficou gravada na minha memória pelo reflexo dos lampadários, fazendo cintilar a noite sobre o asfalto molhado das alamedas. As chuvas torrenciais não paravam, afugentando os comícios dos estádios para os hangares.

Uma manhã apareceram novos «ta-tseu-pao» em todos os cantos: «Calorosa saudação aos camaradas dirigentes do novo comité do partido da cidade! Calorosa saudação aos camaradas dirigentes do C. C. do P. C. C.!»

Os «revolucionários» formavam ao longo das alamedas uma massa compacta e azul. Os tambores rufavam. Estrelas vermelhas cobriam o arco da porta de entrada. Os carros da nova administração entravam sob uma tempestade de aplausos, deslizavam docemente entre as paredes vivas e paravam em frente da porta do edifício administrativo. Os «velhos revolucionários eméritos», os estudantes que dizimaram o velho comité e tomaram de assalto este edifício, vieram ao seu encontro. Uma faixa vermelha por cima deles proclamava: «Saudamos o grupo de trabalho enviado pelo presidente

Mao!» A multidão gritava: «Viva o grupo de trabalho!»

Um homem idoso, envergando o uniforme azul do partido, saiu do primeiro veículo. Era Tchang, o chefe do «grupo de trabalho». Seguiam-no os seus adjuntos. Tchang fora vice-ministro e membro da organização do partido do Conselho de Estado, que não estava subordinada ao «comité negro da cidade». Fora, por isso, encarregado de dirigir o «grupo de trabalho». Os outros membros do «grupo» que saíram dos carros traziam a farda militar: como eram funcionários da administração militar, encontravam-se também fora da esfera de influência do antigo comité da cidade.

O «grupo de trabalho», respondendo às aclamações da juventude, permanecia de pé à entrada do edifício conquistado pela «revolução cultural». Todos se aproximavam esperando um comício. De repente, Tchang, fazendo um gesto com a mão, anunciou com voz de trovão:

— O grupo de trabalho enviado pelo C. C. do partido está sempre com as massas revolucionárias! Não queremos trabalhar aqui!

E afastou-se resolutamente, com o seu séquito, do edifício administrativo.

O «grupo de trabalho» desfilou ao longo da habitação dos estrangeiros e parou diante de uma habitação estudantil.

Produziu efeito.

Toda a Universidade se pôs em movimento. Sentinelas com braçadeiras vermelhas foram colocadas à volta da nova residência administrativa. À entrada foi posto um pano vermelho com uma inscrição: «Viva a grande revolução cultural proletária!» e nos lados: «Viva o grupo de trabalho enviado pelo presidente Mao!»

«Viva o P. C. C.! Viva o C. C. do Partido! Viva o presidente Mao!» Dos dois lados da entrada, tinham colocado retratos gigantes do presidente do partido Mao Tsé-tung e do presidente da República Liu Chao-chi, ornados de flores e de coroas de louro. À volta do edifício, instalaram bancas com frases de Mao Tsé-tung e palavras de ordem oficiais do P. C. C.

Um enorme tambor começou a rufar acompanhado de tamboris e de gongos. Iniciou-se um grande comício, que se prolongou por todo o dia.

Quando Tchang subiu à tribuna, os altifalantes crepitaram e trovejaram no corredor da minha habitação: os aplausos misturavam-se com o rufar precipitado dos tambores.

Da janela aberta podia ver o orador e a sua voz chegava até mim pelo altifalante. Tchang declarou que a «revolução cultural» tinha triunfado, que era tempo de instaurar uma nova ordem revolucionária e uma disciplina revolucionária. «Seria possível que a "revolução cultural" tivesse realmente terminado e que as convulsões que abalaram toda a imensa China se tivessem acalmado sem deixar vestígios?», pensava eu. Vi passar diante das janelas um cartaz: «Todos à manifestação do Primeiro de Julho!» ([5])

A manifestação começou cedo. Ma partira antes do amanhecer. Por volta das oito horas da manhã, já estavam todos alinhados numa gigantesca coluna serpenteante. Mas a mani-

---

([5]) A China celebra no Primeiro de Julho o aniversário do P. C. C.

festação não passou à porta da Universidade: os estudantes chineses festejaram com uma ronda o aniversário do partido e havia algo de sinistramente simbólico naquela marcha insensata.

Preparava-me para ir à cidade quando Ma apareceu na soleira da porta: tinha sido desobrigado de participar na manifestação. Pedi-lhe que me acompanhasse ao armazém, ao que acedeu.

Tivemos de atravessar quatro vezes a coluna dos manifestantes.

— Então acabou a «revolução cultural»? — perguntei eu.

— A revolução cultural triunfou. O período de organização começou — respondeu ele sentenciosamente. — Mas é ainda muito cedo para dizer que acabou.

★

A sesta da tarde. As pessoas dormem, descansam, hoje é dia de festa! A primeira vez de há um mês para cá. É a hora mais quente do dia. Desço: ninguém, nem mesmo diante da residência do «grupo de trabalho». Um «ta-tseu-pao» muito recente estava colado num poste. Li com espanto os caracteres traçados por uma mão enérgica:

«Temos uma questão a pôr ao grupo de trabalho, a do oportunismo de direita! Por que razão, por ocasião do glorioso aniversário do P. C. C., lacaios do comité negro do partido marcharam na coluna com as massas revolucionárias? Quem deixou sair de novo os indignos e os monstros condenados pelo presidente Mao? Nós sabemos quem. Só os oportunistas de direita agem assim contra as ideias do presidente Mao. Avisamos os oportunistas de direita! Advertimo-los seriamente! Depois será demasiado tarde! Abaixo o oportunismo de direita! Defendamos o presidente Mao! Levemos até ao fim a grande revolução cultural!»

À tarde, quando voltava da cidade, verifiquei que o «ta-tseu-pao» fora arrancado. Em contrapartida, aparecera um enorme cartaz junto da cantina dos estudantes anunciando oficialmente o recomeço das aulas. Do texto prolixo, complicado e tortuoso, retive apenas o sentido geral e duas frases: «Camaradas, estudemos de manhã e depois do almoço ocupemo-nos da revolução cultural! Caminhemos sobre as duas pernas, a da revolução e a da produção!»

Desencadeavam-se as paixões à volta do cartaz. As discussões prosseguiam dia e noite. Era proibido riscá-lo, mas os adversários colaram à volta bocados de papel com frases de Mao, demonstrando com setas vermelhas que os actos do «grupo de trabalho» estavam em desacordo com as ideias do presidente Mao.

Foi igualmente colado um cartaz de agitação «Quem são os elementos de esquerda»?, expondo pormenorizadamente a plataforma dos opositores ao «grupo de trabalho». O principal ponto de divergência entre os elementos de esquerda e os de direita, ou oportunistas, era que os primeiros consideravam a «revolução cultural» inacabada, erguiam-se contra o recomeço das aulas, reclamavam uma revisão de todo o sistema de ensino, insistiam na punição total de todos os condenados e exigiam que a luta não fosse travada apenas contra indivíduos. Em breve começaram a contrariar todas

as medidas sem excepção do «grupo de trabalho».

Este último tentou executar a decisão que tomara de reiniciar as aulas, mas os elementos de «esquerda» desobedeciam sempre: entravam em grupos nas salas de aula, batiam nos professores e dispersavam à força os estudantes que não estavam de acordo com eles. Era cada vez mais frequente encontrar nas alamedas da Universidade jovens com ligaduras ou nódoas negras: tinham participado em cenas de pugilato.

O «grupo» pôs fim às actividades dos «destacamentos de trabalho», proibiu os chapéus com orelhas de burro e as casacas de papel no peito, as troças e a pancada. Quanto aos elementos de «esquerda», eles continuavam a atacar ainda com mais força os condenados, a bater-lhes impiedosamente e a julgá-los sumariamente. Só a intervenção dos homens de serviço e dos partidários do «grupo de trabalho» lhes salvara a vida. Em todos os processos públicos, os elementos de «esquerda» reclamavam a morte para os condenados: é inútil, diziam eles, alimentar «parasitas negros».

Os excessos destes elementos acabaram por fazer transbordar o copo.

Tchang, o chefe do «grupo de trabalho», tomou a palavra num comício universitário no estádio iluminado pelos projectores.

— É necessário pedir contas aos demagogos! A revolução não perdoará a esses fala-baratos. É preciso punir os especuladores políticos! Não permitamos que façam carreira à custa da revolução cultural! — dizia ele com indignação.

A maior parte dos estudantes e dos professores juntaram-se ao «grupo de trabalho». Nessa altura, os elementos de «esquerda» fizeram boicote com gritos ferozes, e isso a tal ponto que a rádio foi desligada.

Na manhã seguinte a essa reunião, houve uma onda de novos «ta-tseu-pao». Afirmavam frequentemente, em prólogo, que o autor nunca escrevera até então e que era a primeira vez que tomava posição pela «revolução cultural». Estes «ta-tseu-pao» tinham o nome e o apelido do signatário e a indicação de que era membro do partido. Os novos «ta-tseu-pao» eram escritos por comunistas! Designavam, nomeando-os, os demagogos que tomaram a palavra nas reuniões, quantas vezes o tinham feito, o número de «ta-tseu-pao» que tinham afixado, o número de execuções em que tinham participado, de que modo se tinham comportado para fazer carreira. Um estudante, expulso na Primavera por preguiça, mas que voltara para acertar contas com a administração no início da «revolução cultural», era acusado de ter afixado «170 "ta-tseu-pao" demagógicos».

— Então a luta avança? — perguntei uma manhã a um colaborador do gabinete, Siui, que encontrei no corredor.

— Não vai mal! Estamos a restabelecer a disciplina revolucionária — disse-me ele, apressando o passo.

Ma permanecia completamente invisível.

Já não me recordo da data em que o «grupo de trabalho» afixou a prescrição oficial escrita numa enorme folha vermelha debruada a dourado: «Concentrar o fogo contra os demagogos e os arrivistas!», «Suspender temporariamente o inquérito ao comité negro» e a

todos os condenados, fazer incidir o peso da luta sobre os «especuladores políticos».

O «grupo de trabalho» queria sublinhar solenemente a viragem de 180º realizada pela «revolução cultural», mas alguém colocara em diagonal o aviso solene de uma citação de Mao Tsé-tung: «A revolução não é um crime, a insurreição é uma causa justa».

★

Diz-se que o homem se habitua a tudo, mas eu não conseguia habituar-me à «revolução cultural» diária. Não tinha professor, estudava sozinho e, para me descontrair, ia à cidade onde a vida decorria ainda normalmente. A Universidade parecia uma casa de loucos e eu vivia aí como numa estufa, isolado de todos os acontecimentos pela minha origem estrangeira.

Um dia, tendo-me atrasado em casa de um dos nossos estagiários que festejava o seu aniversários, voltei muito tarde ao lar. Já não circulavam autocarros, não tinha dinheiro para um táxi, aliás, não é fácil encontrar um táxi em Pequim, é preciso pedi-lo ao parque de estacionamento. Era muito mais simples ir a pé. Levava geralmente uma hora para ir do Instituto da Língua até à minha Universidade Pedagógica.

A cidade estava tranquila e deserta. Distinguiam-se nitidamente as silhuetas maciças das construções de tijolo dos institutos, das fábricas e da torre-depósito para o grão, recortando-se no céu negro, entre as velhas casinhas cinzentas, que se enfiavam pela terra, cobertas de telhas. A velha muralha ameada da cidade — com mais de seis séculos — está

cheia de erva. Os bairros cinzentos compostos por casas de três andares e abrigando os ministérios e as fábricas da Defesa Nacional estão rodeados de arame farpado. Finalmente, um velho muro de argila com dois metros de altura, o recinto sul da minha Universidade, surgiu na minha frente.

Passava da uma hora quando cheguei à porta. Estava fechada e os guardas dormiam. Saltei-a e dirigi-me em passos rápidos para a habitação.

— Camarada! Espere! — gritou-me alguém, de repente.

Voltei-me. Um homem baixo, que já não devia ser novo, veio ter comigo.

— Pode conceder-me um instante? — perguntou ele aproximando-se.

— De bom grado, mas já é bastante tarde.

— Sabe, durante o dia não se pode falar consigo, sobretudo eu: temos a revolução cultural! Mas eu gostaria de falar consigo, pedir-lhe conselho.

— Porquê a mim, precisamente?

— Você é o único soviético na nossa Universidade e não me vai denunciar, não é verdade? Além disso, a sua posição é clara. É certo que não estou de acordo consigo. Não pense que aprovo a linha dos revisionistas modernos. Mas o que também me desagrada é a fúria e a ingratidão com que se ataca a União Soviética, é o temor pelos soviéticos, é a proibição de lhe falar. Eu gostaria de discutir consigo!

— Quanto a mim, não tenho vontade nenhuma de o fazer.

— Está no seu direito, mas peço-lhe conselho porque sei quem você é. Não se zangue,

mas você é um revisionista soviético, é assim que nós lhe chamamos. E como se considera a si próprio?

Confesso que a pergunta me deixou perplexo.

— Sou um soviético, não sou membro do Partido, mas comunista na alma, um comunista sem-partido, como costumamos dizer. Nós consideramo-nos todos marxistas e leninistas, e é assim que nos chamamos.

— Não, não é isso... Vou explicar-lhe. Cá, na China, já aconteceu deixar-se primeiro as pessoas exprimirem-se e agir, para as destruir em seguida. Foi o que se fez com os elementos de direita em 1957. Primeiro deixou-se que tomassem a palavra nas reuniões, os jornais abriram-lhes as suas colunas e em seguida expulsaram-nos todos para o campo ou cobriram-nos de infâmia para sempre. Será que a mesma sorte espera hoje os elementos de «esquerda»? Eu sou um deles — diz ele modestamente.

Ao ouvir a palavra «tso-p'ai», que encontrava frequentemente nos «ta-tseu-pao», olhei-o com curiosidade.

— Você é um elemento de «esquerda»? Um daqueles que apelam para que se matem as pessoas?

— Não partilho todas as ideias dos elementos de «esquerda» — diz ele voluvelmente — embora faça parte deles. Creio que é menos perigoso. Não pode compreender a nossa vida! Estamos todos constantemente expostos ao perigo. Aparece todos os anos um novo movimento e é muito fácil ser sua vítima. Estou com os elementos de «esquerda» para salvar a pele. Eu sei que você ainda acredita no humanismo

burguês, mas o humanismo não existe entre nós, só existe a luta de classes e os sentimentos de classe. Não há piedade. Pensei que repetindo os «slogans» mais virulentos e mais radicais não me tocariam.

— Mas tocaram-lhe?

— Sim. Não sabia? Já começaram aqui a arrastar os elementos de «esquerda» para o estádio. É o «grupo de trabalho» que o faz. Fazem-nos subir ao cadafalso, onde há um mês nós punimos o comité negro do Partido.

— Você tornou-se então elemento de «esquerda» por medo, ou melhor, por cobardia?

— Não é assim tão simples. Não estava nada ofendido. Eu gostaria de viver em paz e fazer o trabalho que gosto: sou professor. Tenho família, casa e ensino na faculdade das línguas estrangeiras. Ora todos os anos surge um novo movimento e eu já não sei que fazer, já não sei como me hei-de comportar para não ser atacado...

— A sua vida não parece fácil. Mas porquê matar as pessoas, torturá-las?

— Que fazer? É a luta de classes, como dizemos cá. De um modo geral, não matamos, mas às vezes acontece. E acrescentou após um instante de reflexão:

— A China é governada já há dezassete anos em nome do presidente Mao. E eis o que se passa. Em nome do presidente Mao, derrubámos o antigo comité do partido, que agora qualificamos de negro. Ora, de que modo nos dirigira ele? Também em nome de Mao! Deve saber que os membros desse comité fizeram carreira em 1962, quando foi a luta contra os oportunistas de direita na nossa Universidade (era assim que chamavam aos amigos da União

Soviética). Só juravam por Mao Tsé-tung e nós acreditámos neles. Presentemente, continuam a gritar «Viva o presidente Mao! Viva o presidente Mao!», mas já não acreditamos neles. E é o que lhe dizemos: «Mentes, canalha! És um crápula, um traidor!» Mas quem traíram eles? Novamente o presidente Mao? E que pensa o presidente Mao? Se o soubéssemos! Perseguem-nos agora, aos elementos de «esquerda», porque fomos nós os iniciadores e os militantes da revolução cultural. Chamam-nos arrivistas e demagogos. Mas será que nós não acreditamos no presidente Mao? Sim! E o que há de mal no facto de um jovem querer fazer carreira? Faz a revolução e é justo, na minha opinião, que suba de posto. É claro que podes não participar em nada, mas nessa altura agarram-te pelo colarinho e perguntam-te por que razão não participas. Se participas, é a mesma coisa, perguntam-te: por que razão participas? Que responder? Aqui todos são a favor do presidente Mao. Os que eram contra já desapareceram há muito tempo!

— Consequentemente, a vossa revolução permanente serve apenas para justificar a repressão permanente? — perguntei eu.

— Você reprova então o que se passa cá, não é verdade? É a minha forma de agir também, não? Que faria você no meu lugar? — perguntou ele com um ar amedrontado e culpado.

— Não sei. Mas se se tem convicções políticas, é preciso defendê-las até ao fim. Mudar de opinião todos os anos é totalmente inconcebível!

— Não se pode sobreviver de outro modo entre nós — diz ele com voz inerte, para continuar após um instante de silêncio, olhando para os lados:

— Passaram quatro anos desde a fome. Nessa altura só comíamos erva, folhas e a casca de árvores. Foi a época do «grande salto» e das comunas populares. As calamidades naturais agravaram ainda mais a situação. Não houve uma única família chinesa que não chorasse um morto. O povo começava a esquecer a fome e tudo estava a entrar na ordem quando a revolução cultural começou de repente!

— Se não organizassem aqui todos os anos um movimento que arranca as pessoas do seu trabalho, se se apreciasse com justiça os que trabalham verdadeiramente, a vida na China seria incomparavelmente melhor... — não pude deixar de pensar em voz alta para logo me arrepender.

— Que fazer? A política aqui está em primeiro lugar. Agora o essencial é sobreviver à revolução cultural. Quando derrubámos o comité negro do Partido, ninguém interveio para nos impedir. Consequentemente, aprovavam-nos nas altas esferas. Presentemente, enviam-nos de lá um grupo de trabalho que nos combate. Que fazer, que dizer, como comportar-nos? Já não entendo nada!...

E prosseguiu após uma pausa:

— Corre o boato de que foi o próprio presidente Mao quem concebeu a revolução cultural. Foi por essa razão que fui tão activo. Porque nos perseguem agora? Ah, não é divertido viver na China! Já ninguém ri, ninguém se distrai. Temos outras coisas para fazer. Uns têm medo, os outros, os que fazem a revolução cultural, nem têm tempo de dormir. Que distracções temos? É por isso que nin-

guém ri na China! Que devo fazer agora?... Antes da revolução cultural, estava convencido de que as relações com a União Soviética, sem voltarem a ser o que eram antes, seriam no entanto restabelecidas dentro de dois ou três anos. Presentemente já não o creio. Não se compreende nada do que dizem os jornais. — Aproximou-se mais e baixou a voz, embora não se avistasse ninguém. — Os nossos rapazes estão em pânico, telefonaram à redacção do **Jenmin jihpao** para perguntar por que razão se tinha posto fim à revolução cultural: as ideias de Mao Tsé-tung ainda não tinham triunfado. Não lhes responderam de forma compreensível. Enviámos uma delegação ao C. C. do Partido ou, mais exactamente, ao grupo especial para a revolução cultural junto do C. C. É pena que o presidente Mao não esteja em Pequim, sabe que ele vive perto de Xangai. Mas diz-se que Kang Cheng acaba de chegar, enviado por ele, e que tudo se irá esclarecer. Entretanto, vamo-nos batendo...

— Têm actualmente muitos adversários?

— A maior parte dos estudantes hesita. Aliás, que se lhes pode pedir, se a sua origem social não vale nada? Muitos deles tinham bajulado o antigo comité do Partido, não têm a consciência limpa. Estão contentes com o grupo de trabalho e apoiam-no. Muitos revolucionários, mesmo daqueles que tomaram de assalto o comité do partido, passaram para o lado do grupo de trabalho para até se tornarem militantes dele. Tudo muda tão rapidamente! Já não se pode ter confiança em ninguém.

A confissão daquele elemento de «esquerda», daquele «revolucionário», feita, além disso, a uma hora tão tardia, fatigara-me bastante e

também me aborrecera pela sua monotonia. Não lho escondia. Ele compreendeu e disse despedindo-se:

— Se me voltar a encontrar, faça como se não me conhecesse. Não lhe digo o meu nome. Desejo-lhe êxito nos seus estudos. Adeus.

Depois separámo-nos.

★

Passei o dia seguinte na galeria dos livros. O ambiente estava sufocante. Os vendedores molhavam o solo de asfalto. Após ter passado revista às publicações das prateleiras superiores, baixei-me com os pés numa poça de água. Apesar de tudo, estava mais fresco na galeria dos livros que nos armazéns vizinhos e estava-se aí muito melhor que na rua. De vez em quando, comprava um gelado ou leite frio.

Por volta das seis horas, quando refrescou um pouco, saí da galeria com o saco cheio. Era a hora de sair do trabalho, a hora de ponta: as ruas eram invadidas pelos ciclistas, os passeios pelos peões, os autocarros e os trólei-carros, por cachos humanos. Abri caminho pela populosa rua Wang-fu-tsing, a principal rua comercial de Pequim, esforçando-me por seguir pela sombra: mas mesmo aí estavam mais de 300. Como se fosse de propósito, o meu trólei partiu quando me aproximava. Um outro, no sentido oposto, repleto de jovens pioneiros, desemboca na esquina. As crianças, deitando as cabeças de fora das janelas, agitavam bandeiras e gritavam em coro:

— O presidente Mao chegou! O presidente Mao veio à capital! O presidente Mao chegou!

O presidente Mao está no Palácio da Assembleia Popular Nacional! O presidente Mao está bem! Está com excelente saúde! Longa vida ao presidente Mao! Viva! Viva! Viva! Viva o presidente Mao!

Lançavam folhetos escritos por mãos infantis, nos quais se podia ler tudo o que lhes faziam repetir.

Na paragem do autocarro, a notícia era debatida com animação:

— Que boa notícia!...

— A verdadeira revolução vai começar agora!...

Todos manifestavam uma alegria prudente e mostravam-se circunspectos.

Ao regressar, encontrei Ma no nosso quarto.

— Em que tens estado tão ocupado nestes últimos tempos? Nem sequer vens dormir! E, no entanto, posso dizer-te que não sabes o essencial, enquanto que eu, eu sei! — disse-lhe para picar a sua curiosidade. — Onde está agora o presidente Mao?

Ma olhou-me com espanto e encolheu os ombros.

— Não sei.

— Eu sei. Está em Pequim e fica hoje no Palácio da Assembleia Popular Nacional, onde está a ter lugar uma conferência consagrada à «revolução cultural».

— Como sabes isso?

Ma estava perturbado com a notícia e furioso por me ver tão bem informado.

Tive de lhe contar o que vira e ouvira na cidade.

— É uma notícia muito importante — disse ele. — Desde que o presidente Mao esteja em Pequim, colocar-se-á ele próprio à cabeça do

movimento pela revolução cultural. Haverá mudanças! Vou informar os camaradas. É uma notícia muito importante! — E Ma saiu, a correr.

Tendo sabido da chegada de Mao Tsé-tung, os elementos de «esquerda» insurgiram-se logo contra o «grupo de trabalho». Decidiram comportar-se de forma organizada e pediram ao grupo para a revolução cultural junto do C. C. que fosse à Universidade. Dividiram-se em destacamentos e marcharam nas alamedas, ao rufar do tambor, gritando:

— Viva a nova vitória da revolução cultural! Saudamos o grupo do C. C. pela revolução cultural!

Esperava-se impacientemente, de um dia para o outro, a chegada dos hóspedes notáveis. O «grupo de trabalho» colou também cartazes pomposos saudando a sua chegada.

O grande comício devia realizar-se perto da biblioteca. A tribuna foi ornamentada de grinaldas e flores. Foi pendurado um novo retrato gigante de Mao Tsé-tung, que era grandiosamente iluminado à noite.

Os visitantes chegaram finalmente. Uma longa fila de veículos parou diante do edifício administrativo. Tchang, o chefe do «grupo de trabalho», que os esperava nas escadas, dirigiu-lhe uma alocução de boas-vindas. Havia muita gente à volta, mas os elementos da «esquerda» não estavam lá, esperavam junto da biblioteca. O discurso terminou com uma delicada troca de aplausos. Os hóspedes dirigiram-se para o grande comício seguidos dos partidários de Tchang. Os elementos de «esquerda» agiam com correcção, chegando mesmo a instalar Tchang na tribuna.

Os dirigentes chineses estavam bem dispostos, conversavam com os jovens, rapazes e raparigas, brincavam, estendiam a mão aos estudantes.

— São verdadeiros homens! — ouvi eu da multidão.

— Apresentemo-nos — disse um velho seco, com óculos, dirigindo-se à multidão com um sorriso. — Quanto a nós, conhecemo-vos, camaradas. Vós sois todos estudantes e professores revolucionários da Universidade Pedagógica de Pequim. Conhecemo-vos muito bem, camaradas, enquanto que vós não nos conheceis.

A multidão moveu-se, os estudantes procuravam aproximar-se da tribuna, embora a instalação sonora funcionasse na perfeição. Aplaudiam, os jovens sorriam e aprovavam as graças.

— Têm diante de vós o grupo para os assuntos da revolução cultural junto do C.C. do partido — prosseguiu o velho. — Este grupo foi constituído por indicação directa do presidente Mao. Eis o camarada Chen Po-ta, o seu presidente, e eis o seu substituto, a camarada Tsiang Ts'ing, a esposa do nosso guia bem-amado, o presidente Mao! Vieram connosco outros camaradas, nomeadamente o camarada Li Siue-feng, primeiro secretário do novo comité do partido de Pequim. Quanto ao camarada Tchang, conhecem-no melhor que eu, é chefe do grupo de trabalho da Universidade!

O tom familiar não habitual daquela apresentação inebriou a multidão. Esforçava-se por ter um aspecto deliberado e aplaudia todas as pessoas apresentadas, que saudava teatralmente. Tsiang Ts'ing foi acolhida com muita animação.

Quando o velho acabou de apresentar todos os hóspedes, Tsiang Ts'ing avançou:

— O camarada Kang Cheng apresentou toda a gente, excepto ele próprio. Isso prova a sua modéstia. Permitam-me que o apresente.

O velho inclinou-se fazendo cintilar o vidro dos óculos. Um murmúrio percorreu a multidão. Quando se restabeleceu o silêncio, Tsiang Ts'ing prosseguiu:

— O camarada Kang Cheng não faz parte do grupo para os assuntos da revolução cultural junto do C. C. do partido, mas é o nosso principal conselheiro. Nem o camarada Chen nem eu próprio tomamos qualquer decisão sem pedir o seu conselho. O camarada Kang Cheng tem uma experiência extremamente preciosa da luta de classes!

Sim, a juventude não conhecia a história da sua revolução. No VII Congresso do P. C. C., o «bom velho» Kang Cheng fora publicamente chamado «carrasco do partido», porque fora ele que realizara as purgas nacionalistas e as suas mãos estavam vermelhas com o sangue de milhares de comunistas chineses. Tinha realmente experiência: a das repressões em massa...

Em seguida, Chen Po-ta, que presidia à reunião, deixou falar os estudantes. Três deles tomaram a palavra, um jovem que pronunciou uma alocução muito terna e duas raparigas que peroraram enfaticamente. Maldizendo de tempos a tempos o «comité negro do partido», o «oportunismo de direita» e ao mesmo tempo a União Soviética, começavam a gritar esgani-

çando a voz. Tsiang Ts'ing levantava-se então e, exclamando «Bravo!», estendia-lhes um copo de água. Os estudantes não podiam conter a sua admiração: como aquela alta personalidade era simples e encantadora!

Tsiang Ts'ing, com uma cintura de vespa e envergando um uniforme militar que lhe realçava o corpo, estava sempre em movimento. O boné militar e uns grandes óculos davam-lhe um ar imponente e sério. Parecia muito nova, ninguém lhe daria a sua idade (cinquenta e tal anos). Comportava-se muito desenvoltamente: num tom delicado, intervinha constantemente, interrompendo os oradores com perguntas, manifestava por todos os meios o seu «ardor revolucionário», ganhando as boas graças do auditório e desencadeando sempre aplausos. Eu observava-a de longe com interesse e curiosidade.

Depois de Chen Po-ta, Cheng e Li Siue-feng, que sabiam falar muito bem para nada dizerem e cujos discursos se apagaram completamente das memórias, Tsiang Ts'ing tomou a palavra. O seu discurso galvanizou a multidão e aqueceu o ambiente. Começou com ditirambos à juventude, por uma bajulação não dissimulada.

Os elementos de «esquerda» aplaudiam freneticamente.

— Vós sois a geração revolucionária — dizia Tsiang Ts'ing — que há-de fazer avançar a nossa revolução. Nós, a velha geração, partimos deixando-vos as tradições revolucionárias. É a vós que o presidente Mao deixa a China, sois vós que a ides governar. A escola da revolução cultural é uma grande escola! O Estado pertencer-vos-á...

Lisonjeando grosseiramente a juventude, especulando com a sua falta de experiência e a sua sede de acção, apelando à iniciativa e à actividade, Tsiang Ts'ing engodava a juventude pela sua importância, pelo seu lugar e pelo seu papel. Os jovens ouvintes tinham a ilusão da independência e do alcance histórico das suas acções. Como não se deixar seduzir?

O efeito foi fulgurante. Os comícios não acabaram após a partida dos dirigentes. Os oradores sucediam-se, cada um pretendendo ultrapassar o anterior no seu entusiasmo e paixão frenética. Já não eram vozes, mas sim rugidos roucos que se ouviam nos altifalantes ao longo das alamedas de mimosas acabadas de florir.

★

O tambor tornou a rufar. Da janela do corredor da minha habitação observo a entrada da habitação dos estudantes, sempre muito ornamentada, onde se instalara o «grupo de trabalho». Tudo está calmo e deserto. Algumas pessoas com braçadeiras vermelhas passeiam ao longo das paredes cobertas de velhos «ta-tseu-pao» rasgados.

Pouco a pouco, o rufar dos tambores torna-se mais forte. Na alameda que leva à residência do «grupo de trabalho», surge uma interminável coluna de estudantes com retratos gigantes de Mao Tsé-tung. Chegada ao pé do edifício, a coluna parou. Os tambores calam-se. Há pressa e barafunda. Os guardas formam um cordão em frente da entrada. Sob uma ordem dos organizadores, o barulho dos milhares de vozes cessa. Os tambores e os gongos batem. Mil vozes entoam uma canção in-

terpretada todos os dias como uma ladainha:

«Não se pode ir ao mar sem timoneiro.
Mao Tsé-tung é o nosso sol...
A revolução apoia-se no pensamento de Mao [Tsé-tung...»

O canto cessa, faz-se silêncio por um instante. Os guardas já recuaram na entrada. Um jovem baixo salta para as escadas e, empertigando a cabeça, grita para o alto:

— Sai!

Não há resposta. Faz um sinal com a mão e cinco ou seis organizadores acorrem saindo da multidão. Os guardas afastam-se docilmente e eles desaparecem na entrada. A multidão espera tranquilamente.

Passados dois ou três minutos, os guardas se afastam novamente e surge Tchang, o chefe do «grupo de trabalho». Avança, dois estudantes seguram-lhe simbolicamente os braços. Atrás vêm os membros do «grupo de trabalho». Tchang dá um passo em frente, mas uma mão fá-lo parar.

— Baixa a cabeça! — grita um militante com voz aguda.

Tchang fica petrificado por um instante, mas subitamente, baixando os ombros, inclina a cabeça para o peito.

A multidão grita excitada, glorifica o presidente Mao, grita palavras de ordem:

— Viva a nova vitória da revolução cultural!

— Levemos até ao fim a revolução cultural!

Os que estão nas primeiras filas brandem os punhos sob o nariz de Tchang. Tem no pescoço um papel com a inscrição: «Elemento oportunista de direita».

— O vosso reino negro terminou! — gritava-se.

O «comício da vergonha» durou cerca de uma hora, seguindo-se a «marcha da vergonha». Tchang, com a cabeça baixa, percorria lentamente o corredor humano. Cuspiam-lhe para os pés. Todos os membros do «grupo de trabalho» seguiam atrás dele, dois a dois, com a cabeça baixa. Era uma algazarra, uma gritaria que nunca mais acabava. No estádio, o «grupo de trabalho» ficou alinhado no podium dois a dois.

Os membros do «grupo de trabalho», antigos militares, foram autorizados a fazer uma declaração.

— Agradecemo-vos, estudantes e professores revolucionários da Universidade Pedagógica — diz um deles com surda voz ao microfone. — Obrigado pela libertação! Vós libertaste-nos do jugo do reino negro, derrubásteis o oportunismo de direita! A partir de agora poderemos aprender junto de vós e participaremos nós também na revolução cultural! Obrigado!

Os antigos militares foram autorizados a descer do estrado da vergonha e a levantar a cabeça.

«Não se pode ir ao mar sem timoneiro...» entoou de novo todo o estádio.

Tchang ficou sozinho no cadafalso defronte da multidão que o escarnecia.

★

Durante um mês de poder, o «grupo de trabalho» tivera tempo de resolver uma questão muito importante para mim, a de uma viagem

de quinze dias através do país. Era dantes algo corrente para os estudantes estrangeiros, mas na época da «revolução cultural» foi necessário autorização de instâncias especiais.

Em Lo-yang, o nosso grupo visitou a enorme fábrica de tractores construída com a ajuda soviética. Perguntei ao comité do partido, nas oficinas, aos operários e ao director: «Desde quando trabalham vocês aqui?» As respostas variam pouco: desde 1961 ou 1962. Entre os 12 000 trabalhadores da fábrica, nenhum deles vira soviéticos. Ora, a fábrica começara a trabalhar em 1958. Um grande colectivo trabalhava aí, lado a lado com os especialistas soviéticos. Estes últimos tinham-se ido embora, mas onde se encontravam os que tinham trabalhado com eles? Aqueles a quem tinham ensinado o trabalho? Ninguém o sabia. Essas pessoas tinham desaparecido sem deixar vestígios.

Em Lo-yang e depois em Tchengtcheu, começaram a chegar notícias sobre os acontecimentos importantes que se desenrolavam em Pequim. A «revolução cultural» fora aprovada no decurso de uma sessão plenária do C. C. do P. C. C. Os «ta-tseu-pao» vermelhos oficiais invadiam a província difundindo as notícias da capital: a reunião plenária do C. C., os dezasseis pontos relativos à «revolução cultural» e o encontro de Mao Tsé-tung com as massas revolucionárias. Desfiles e manifestações marcavam cada notícia oficial. Mas não vi em parte nenhuma acções tão violentas como em Pequim. A vaga do movimento de massas ainda não devia ter atingido a província.

Regressei a Pequim arrasado pelo calor à espera de novos acontecimentos importantes.

7. OS POGROMS DE AGOSTO

Conversa no táxi. Os «Hung wei ping» no seu antro. Os «Hung wei ping» nas ruas de Pequim. Pogroms e massacres. O cerco da embaixada soviética.

A noite de 20 de Agosto estava fresca e húmida quando o nosso comboio entrou na estação de Pequim. Havia poças de água no cais e na praça. A tempestade acabara há pouco. Siui recebeu-nos, a Ma e a mim, no túnel da estação.

— Um táxi espera-vos.

Siui tinha um ar concentrado.

Um táxi? Ma estava estupefacto. Era um atentado à economia! A Universidade enviava sempre o seu carro com um motorista para receber e acompanhar os estrangeiros. Era mais económico e mais oficial.

— O gabinete está proibido de requisitar carros. A garagem está sob o controle dos «Hung wei ping» — explicou resumidamente Siui.

— Quais «Hung wei ping»? — Ma não percebia nada.

— Formaram-se na Universidade dois destacamentos de «guardas vermelhos», «hung wei ping». Ainda não sabias?

Ma estava perturbado. Que confusão!

No táxi, Siui informou-se delicadamente da forma como decorrera a minha viagem. Ma não me deixou abrir a boca e falou com exaltação, sem parar.

— Muito bem, muito bem mesmo! Estivemos em Yen-ngan, a base revolucionária. Visitámos todos os sítios onde o presidente Mao viveu e trabalhou... Trouxe recordações para os camaradas. Fotografias e sobrescritos timbrados, em que o presidente Mao está magnificamente representado!

— E nós, nós vimos o presidente Mao em Tien An Men... Duas vezes!

O rosto de Ma reflectia o desespero.

— Eu vi-o duas vezes — diz Siui com orgulho — e houve quem o visse três vezes. O presidente Mao está com excelente saúde!

— Que azar, tive azar três vezes! Como estou atrasado em relação a vocês! — disse Ma amargamente.

— Em contrapartida, estiveste em Yen-ngan — consolou-o Siui.

Siui estava morto por contar a novidade a Ma. Nem a minha presença o pôde conter.

— O presidente Mao apelou à juventude revolucionária que formasse destacamentos de «guardas vermelhos» para o proteger contra os inimigos e conservar a cor vermelha do nosso Estado — anunciou ele. — Formaram-se primeiro mais de doze destacamentos de «guardas vermelhos», depois fundiram-se e temos agora dois grandes destacamentos: o destacamento «Tsingkangchan» (6) e o destacamento «maotsetunismo».

---

(6) Tsingkangchan, base dos comunistas chineses em 1928.

— Em que diferem eles?

— Em muitas coisas. Em primeiro lugar, fazem parte de ambas pessoas de diferentes faculdades e, em segundo lugar, distinguem-se pelo seu espírito militar...

— Tu também entraste num destacamento? — interrompeu-o Ma.

— Ainda não. Sabes bem que eu sou membro do partido e que não nos alistam sem um certo tempo de instrução...

Fez-se um silêncio tão eloquente que eu não pude conter-me e virei-me para Ma. Com as mãos entre os joelhos, tinha os olhos fixos. O seu cérebro trabalhava febrilmente: também ele era membro do partido.

— Que pena ter estado ausente de Pequim durante tanto tempo! Como invejo todos os que viram o presidente Mao! — disse, finalmente, desapontado.

— Estou a fazer a minha instrução junto do destacamento «Tsingkangchan» — explicou Siui animando-se. — Desde as eleições para o comité universitário da revolução cultural, dirigimos alternadamente o gabinete, eu e dois outros camaradas. Sou obrigado a trabalhar com o comité da revolução cultural, é impossível de outra forma... — explicara Siui como que desculpando-se. — É certo que o nosso destacamento não está de acordo com algumas coisas...

— E quem está contra o comité? — perguntou Ma incapaz de dominar a emoção.

— O destacamento «maotsetunismo». Quer dispersar o comité.

— Que se passa na faculdade de filosofia?

— A maioria apoia o destacamento «maotsetunismo». O primeiro e o segundo ano são os mais activos...

★

A Universidade estava silenciosa e deserta. Eu atravessava o parque juncado de bocados de papel, percorrendo os corredores de «ta-tseu-pao» que escondiam as flores das alamedas. De tempos a tempos encontrava estudantes que erravam solitariamente. «Para onde foram as massas revolucionárias?» pensava eu não sem ironia. Comecei a ler os «ta-tseu-pao» que agora se enfrentavam: uns pertenciam ao destacamento «Tsiangkangchan» e os outros ao destacamento «maotsetunismo». Atacavam-se furiosamente. Era espantoso o que o papel podia suportar de injúrias, de obscenidades, de grunhidos histéricos. Nunca ouvira nada de semelhante na China.

A praça central estava reservada para os anúncios de reuniões, de julgamentos e de «operações revolucionárias». Compreendi então o silêncio e a desolação que reinavam na Universidade: os «guardas vermelhos» partiam muito cedo para a cidade, para «operações revolucionárias».

Tendo percorrido rapidamente os títulos, vi que o tom dos «ta-tseu-pao» mudara no decurso do último mês. Tinham-se tornado mais grosseiros, mais injuriosos e, além disso, apelavam a acções radicais: extirpar! fracassar! esmagar! destruir! arrastar na praça pública! desmascarar! pilhar!

Num «ta-tseu-pao» dos maotsetunistas, sob o título inocente: «O grande guia Mao Tsé-tung apela a que sejamos económicos e poupados», os autores, com o fim de ganhar tempo e por «fidelidade às ideias de Mao Tsé-tung», exigiam que se liquidasse o mais depressa possível, até ao dia 1 de Setembro, todas as pessoas condenadas pela «revolução culutral». Reclamavam o «julgamento imediato e rápido dos inimigos no seio da Universidade pelas massas revolucionárias». O mesmo «ta-tseu-pao» apelava a que se consagrassem inteiramente à preparação de uma «guerra termonuclear revolucionária», que teria por objectivo «desembaraçarem-se de três impurezas: o imperialismo americano, o revisionismo moderno e a reacção». O «ta-tseu-pao» incitava a que se começasse pelo «revisionismo moderno»!

«Dez perguntas ao camarada Liu Chao-chi», li eu em seguida e depois parei. O aparecimento de um nome no meio de um «ta-tseu-pao», mesmo se a acusação não tinha qualquer fundamento, não deixava prever nada de bom. Já o mesmo não se passava com os discursos de Tsiang Ts'ing, Chen Po-ta e Chu En-lai. Ocupavam barracas inteiras e os seus nomes estavam escritos a vermelho ou enquadrados de vermelho. Ora ali, faziam-se a Liu Chao-chi perguntas venenosas.

Perguntava-se ao presidente da R. P. C. por que razão tinha enviado «grupos de trabalho» para «reprimir a revolução cultural» e de que modo tencionava responder por este crime perante as «massas revolucionárias». Por que razão a sua esposa fora à Indonésia com uma saia e brincos nas orelhas, usando inclusivamente um colar? Por que razão na sua bro-

chura sobre o trabalho do comunista em dez citações de Marx, Engels, Lénine e Estáline havia só uma citação de Mao Tsé-tung, quando as «ideias de Mao Tsé-tung são o apogeu do marxismo-leninismo e devem ser citadas não na proporção de um para dez, mas dez, cem, mil e dez mil vezes mais».

A campanha estava ainda no começo e Liu Chao-chi era tratado ainda por «camarada». Mas este ataque não era isolado nem fortuito. Tiraram da Universidade os retratos do «presidente Liu» que até aí beneficiavam quase do mesmo estatuto que os do próprio Mao Tsé-tung.

Encontrei também «dez acusações contra Kuo Mo Jo». A celebridade daquele escritor e sábio levou-me a ler um texto muito longo. Muito antes de ter começado o movimento de massas, Kuo Mo Jo fizera a sua «mea culpa», renegando toda a sua obra e jurando «estudar verdadeiramente o pensamento de Mao Tsé-tung». Na sua apostasia, ultrapassara todos os limites da humilhação voluntária. Na China, o discurso de Kuo Mo Jo tinha sido transmitido pela rádio. Via-se nele uma precaução, uma manobra política de uma personagem cheia de artifícios. «Será que isto o vai salvar ou não?» interrogava-me eu. A «revolução cultural» começara há três meses, mas Kuo Mo Jo permanecia sob a protecção do seu arrependimento. E eis que lhe formulavam agora dez acusações. Reprovavam-lhe as suas traduções: «implantação da cultura estrangeira»; os contactos que tivera com os soviéticos: «admiração de tudo o que é estrangeiro»; os seus escritos e peças históricas: «propaganda do feudalismo e da reacção»; a falta de atenção

pelas ideias de Mao Tsé-tung: «ideologia burguesa», e mesmo o «nacionalismo burguês»: Kuo Mo Jo fora ministro no governo do Kuomintang. Lembraram-se de tudo, mas não houve condenação pública de Kuo Mo Jo e isso graças à tal humilhação pública que nenhum outro escritor chinês célebre ousara fazer.

Voltei para o meu quarto inquieto e acabrunhado.

Ma voltou a meio do dia, pálido após uma noite de vigília. Sem tirar as suas coisas da mala, começou a fazer algo mais urgente: a colar na sua metade do quarto inúmeras reproduções e cartazes. Um grande retrato a cores de Mao Tsé-tung cujo preço baixara consideravelmente — custava agora um mao (dez kopek) —, porque o retrato do guia passara à categoria dos artigos de «primeira necessidade», ocupou o meio da parede e olhava-me. É necessário dizer que havia falta de retratos de Mao em Pequim, porque se tinham tornado uma espécie de talismãs que protegiam contra o arbitrário, como as imagens de Epinal que as pessoas veneravam na China feudal, pensando que conjuravam os espíritos malfazejos e a má sorte.

Dos dois lados do retrato, Ma colou frases impressas, «yui-hu», de Mao Tsé-tung e uma, escrita à mão, de Lin Piao. Por cima da mesa fixou uma reprodução de um quadro a óleo representando o jovem Mao Tsé-tung com uma abundante cabeleira, de pé, no cimo de uma montanha, rodeado de um grande séquito, e um jovem soldado dirigindo-se para ele à cabeça de um destacamento.

Ma apontou-o com o dedo e disse:

— Lin Piao! O companheiro de luta mais fiel, o melhor discípulo do presidente Mao.

★

A primeira coisa que constatei quando fui à cidade foi que todas as livrarias estavam fechadas.

Passeava na rua de Sitang, onde fora tantas vezes passar o tempo. Todas as montras e todas as paredes das livrarias estavam cobertas de inscrições: «Miseráveis roedores de livros! Cessem imediatamente de vender velharias reaccionárias!» Só funcionava uma sala, à entrada: à direita vendia-se as obras de Mao Tsé-tung, com desconto, ao lado publicações de propaganda, com documentos sobre a «revolução cultural» e à esquerda frases de Mao e uma série de reproduções do seu retrato. Formavam-se bichas de gente apressada e as folhas agitavam-se nas mãos dos felizardos que já tinham comprado o «artigo de primeira necessidade». Vi na sala o velho alfarrabista a quem comprara mais de dez livros. Lavava as lajes de pedra trazendo ao peito a inscrição «elemento reaccionário». O seu rosto, pálido e inchado, estava coberto de emplastros. Fingiu não me reconhecer. Estudantes de catorze a dezasseis anos, com braçadeiras vermelhas, passeavam no meio dos clientes que se afastavam para os deixar passar; alguns ficavam atrás dos vendedores. Alguns rapazes colavam na entrada um cartaz clamando: «É necessário acabar com a difusão do veneno! Abaixo a venda de livros reaccionários! Façamos das livrarias um baluarte dos pensamentos de Mao Tsé-tung!»

Perguntei ao vendedor do balcão onde se expunham grossos volumes de Mao, e que tinha menos gente, quando reabririam as livrarias. Fui logo rodeado por adolescentes com braçadeiras vermelhas e um rapaz mais velho que os outros informou-me sem deixar que o vendedor respondesse:

— As lojas foram fechadas para limpeza e arrumação. Muitos livros que aí se vendiam não mencionavam o presidente Mao. Há livros reaccionários e revisionistas. Aqueles que os vendiam responderão perante as massas.

Propôs-me que comprasse livros de Mao Tsé-tung. Eu recusei e saí.

Havia montras cobertas de apelos ou estavam fechadas com estores. Em todas as outras, via-se, num fundo de pano vermelho com pregas, ou busto de Mao de diversas dimensões ou retratos do mesmo numa moldura dourada. A montra do passeio da frente estava quebrada. Atravessei a rua e parei diante da discoteca. O passeio pavimentado de quadrados planos de pedra cinzenta, como em todas as ruas centrais de Pequim, estava juncado de restos de discos, mesmo até à rua. Virando-o com o pé, vi uma etiqueta vermelha e li o título do disco partido. Era uma canção popular chinesa. Estudantes com braçadeiras vermelhas deambulavam, entretendo-se na loja destruída e devastada. Um rapaz com braçadeira vermelha observava-me encostado à parede, à entrada da loja. Aproximei-me dele e perguntei:

— Porque partiram este disco? Era uma canção popular chinesa.

— Uma má canção — respondeu ele amavelmente. — Não há uma única palavra que se refira ao presidente Mao. As canções deste

género espalham veneno e esta loja é um antro negro da ideologia burguesa! Deixamos apenas as canções consagradas a Mao Tsé-tung.

Ao lado havia um oculista. Rapazes mais velhos faziam aí a lei. Por cima do balcão onde se vendiam óculos com aros caros e óculos escuros, uma inscrição dizia: «Aros para a canalha burguesa, os parasitas e os crápulas de todo o país.» Não havia clientes, só «guardas vermelhos». Uma outra inscrição no fundo da loja dizia: «Abaixo o hábito burguês de trazer óculos escuros!»

Continuei o meu passeio na rua central de Sitang. Num cruzamento, alguns adolescentes devastavam os cabeleireiros e as casas de costura, «centros do modo de vida burguês». Colavam nas montras ultimatuns que enumeravam os penteados interditos. Era proibido fazer risco, carrapito, trazer os cabelos compridos, penteá-los para trás, etc.

Um ultimatum nas portas dos «ateliers» proibia que se fizessem casacos e calças de «corte estrangeiro». As mulheres estavam proibidas de vestir saias «à moda do estrangeiro». O ultimatum ameaçava os recalcitrantes com um castigo rápido e impiedoso.

Junto da paragem do autocarro, havia um piquete de jovens «guardas vermelhos» com tesouras, comandados por um rapaz mais velho, provavelmente um estudante universitário. Quando chegava um autocarro, os «guardas vermelhos» formavam um corredor que tinha de ser atravessado pelos passageiros que desciam, um a um. Ninguém tentava protestar, todos passavam em silêncio com a cabeça baixa. Os «guardas vermelhos» agarravam as raparigas que traziam cabelos compridos e cortavam-lhes

as tranças sem dizer uma palavra. Elas não resistiam. Em pouco tempo, todo o passeio ficou juncado de pontas de tranças, grossas e finas, longas e curtas, umas com fitas, outras com um grosso fio sintético de cor que estava na moda.

— Porque fazem isso? Que sentido tem? — perguntei eu aos «guardas vermelhos» quando eles cortaram os cabelos a um novo grupo de raparigas.

— Lutamos contra os velhos costumes burgueses — respondeu um deles. — Trazer tranças é um costume revisionista soviético. Não permitiremos que seja seguido na China vermelha de Mao Tsé-tung. As raparigas chinesas devem trazer cabelos curtos, revolucionários.

— E isto, o que é? — perguntei ao meu interlocutor apontando para um ciclista que passava.

Era um homem maduro, cuja metade da cabeça fora rapada da testa até à nuca, enquanto a outra metade conservara cabelos longos, cuidadosamente penteados para trás.

Os «guardas vermelhos» contaram-me que, três dias atrás, escreveram numa escola secundária, a hectógrafo, um ultimatum que exigia a renúncia ao risco, mas alguns crápulas tinham decidido conservá-lo. Uma patrulha especial, colocada num cruzamento, rapara-os daquela maneira.

— Ficará assim dez dias! Nós vigiá-lo-emos!

Chegou um autocarro e os «guardas vermelhos» recomeçaram o seu trabalho.

Tendo decidido que naquele dia já tinha suficientes impressões sobre a nova etapa da «revolução cultural», tomei o autocarro que ia para a Universidade. Cerca de quinze «guardas

vermelhos» entraram de rompante numa paragem. Abrindo caminho brutalmente, inspeccionavam sem cuidado os passageiros e pararam junto do meu vizinho, um homem de cerca de quarenta anos, com um início de calvície, cujos poucos cabelos estavam divididos por um risco. Uma pasta usada repousava sobre os seus joelhos.

— Por aqui — fez sinal aos outros o fedelho que ia à frente, e logo se formou um apertado cerco à nossa volta. Em que época vives tu, sacana? — gritou para o passageiro. Agarrou-o pelos cabelos e virou-lhe a cabeça. — Esqueces-te que vives na época de Mao Tsé-tung? Trazes um risco burguês e uma pasta, sugador de sangue! Esqueceste a «revolução cultural»! — Para dar mais peso às suas palavras, o «guarda vermelho» empurrou várias vezes a cabeça do passageiro contra o caixilho da janela. — Porque é que ainda não cortaste o cabelo?

— Estava muito ocupado... Todo o tempo em reuniões, não pude ainda... — balbuciava com os lábios a tremer o passageiro pálido de terror.

— É o último aviso! Desenrasca-te — ameaçou o chefe da patrulha.

Os «guardas vermelhos» saíram na paragem seguinte. Com as mãos a tremer, o meu vizinho arranjou, o penteado desfeito, procurando fazer desaparecer o malfadado risco. Desci com ele na Universidade, talvez trabalhasse lá.

Os meus projectos de aquisição dos livros chineses de que necessitava estavam ameaçados. Os «guardas vermelhos» encarniçavam-se particularmente contra as livrarias. Decidi tentar a minha sorte em Liu-li-tch'ang.

Liu-li-tch'ang era um bairro da velha Pequim, célebre há mais de três séculos pelas suas livrarias. Havia aí alfarrabistas, antiquários e o famoso Jung-pao-tchai, «atelier» de incomparáveis reproduções de aguarelas e de quadros a tinta da China.

No autocarro, as estudantes liceais, substituindo-se, liam aos passageiros citações de Mao Tsé-tung. Em seguida cantavam, convidando os passageiros a acompanhá-las, e as pessoas que voltavam cansadas do trabalho cantavam. Um jovem operário limitava-se a mexer os lábios, fingindo pronunciar as palavras que glorificavam o «grande timoneiro».

— Camarada, porque não cantas connosco? — perguntou-lhe de súbito a sua vizinha.

— Mas eu estou a cantar! — apressou-se ele a responder começando a cantar mais alto.

De súbito, afastando brutalmente os passageiros, uma rapariga aproximou-se de mim, trazendo um livrinho vermelho com a forma de uma agenda. Colocando-se na minha frente, começou a ler em voz sonora citações de Mao, olhando para mim de vez em quando, e depois começou a recitar de cor, fixando-me nos olhos. Não é difícil imaginar o meu estado.

Descendo em Liu-li-tch'ang, dirigi-me logo para a livraria Jung-pao-tchai. Estava com sorte: estava aberta. Mas fiquei estupefacto ao entrar! Desaparecera tudo: os registos, as miniaturas pintadas pelos mestres, os longos papéis murais com pássaros, flores, paisagens, até mesmo os quadros consagrados à vida nova após a libertação. Não havia nada. Em contrapartida, por toda a parte se viam litografias de Mao Tsé-tung piscando os olhos, sorrindo, escrevendo. Muitos cartazes com frases de Mao

Tsé-tung. Ficara, é certo, uma prateleira com tinta da China, pincéis e cores, classificados provavelmente entre os artigos de primeira necessidade para representar Mao Tsé-tung.

Desiludido, prossegui o meu caminho. Estava tudo fechado: a casa de antiguidades, as duas lojas de alfarrabistas, a bijuteria... Vi outras lojas cobertas de palavras de ordem vergonhosas. Eis a loja das estampas. Gostava tanto de ir lá! Pude ver através da porta envidraçada que ainda não tinha sido devastada. As esculturas e as estatuetas de cerâmica estavam alinhadas nas prateleiras e as estampas amontoadas a um canto. Costumava comprar algumas sempre que recebia a minha bolsa.

Sim, tinha a impressão de que um furacão desvastara Liu-li-tch'ang.

Seguindo pelas «hu-t'ung», ruelas turtuosas onde os peões mal podem circular por causa dos jinrixás, fui até Tatchalal. Mais lojas: confecções para senhoras, calçado, artigos para crianças, antigas farmácias, oculistas, etc. Na montra de uma sapataria vi um ultimatum: «Tirem os modelos burgueses! Tirem a produção ideologicamente podre! Massas revolucionárias, abaixo os sapatos de couro! Renunciemos aos costumes das classes exploradoras!»

Entrei num grande armazém. Alguns avisos «proteccionistas» avisavam: «Já não vendemos mercadorias ideologicamente podres». No vidro das montras, apelos: «Camaradas, clientes revolucionários! Se descobrirem no nosso armazém mercadorias más, que não respondam às exigências ideológicas, pedimo-vos que nos exprimam a vossa opinião, preciosa para nós.»

Um rumor percorreu a multidão e eu virei-me involuntariamente. Alguns «guardas vermelhos» empurravam um jovem através do armazém com os braços cruzados atrás da cabeça baixa. Atrás deles faziam-no avançar em passo de corrida, seguidos de vários outros com braçadeiras vermelhas.

— Um avião a jacto — murmurou alguém.

Com efeito, o corpo humano, dobrado, deslocava-se rapidamente e lembrava as linhas de um avião a jacto.

Passaram depressa. A multidão dos compradores voltou a tornar-se compacta, como se nada se tivesse passado.

Depressa constatei que não poderia oferecer à minha mulher um serviço de chá chinês. Tudo o que era mais ou menos belo e nacional já não se vendia.

Tinha comigo uma centena de yuans e queria gastá-los na compra de livros. Mas não havia livros; consequentemente, só me restava comprar o mais depressa possível qualquer outra coisa no armazém para estrangeiros, não longe de Wang-fu-tsing.

Atingi o centro da cidade com muito dificuldade, num autocarro repleto. A rua comercial Wang-fu-tsing sofrera bastante com a «revolução cultural»: tabuletas arrancadas, montras partidas e cobertas de papel. A actividade fogosa dos «guardas vermelhos» aterrorizavam não só os vendedores como também os clientes, que quase não se viam. Não obstante, havia ainda mercadorias no armazém para estrangeiros e, sobretudo, reinava aí a calma.

Tendo virado uma esquina para entrar nessa rua, tinha andado uma dezena de passos quando um homem de cerca de cinquenta anos, descendo a correr as escadas da entrada de uma casa, se estatela no passeio. Tinha o rosto

inchado e cheio de equimoses e as roupas rasgadas e sujas, deixando ver nódoas negras no corpo. Desceram depois a correr os seus perseguidores, quatro «guardas vermelhos». Levantaram a vítima e, torcendo-lhe os braços, arrastaram-na pela rua, continuando a bater-lhe com os pés e as mãos. A multidão dos transeuntes passava indiferente.

★

Nessa mesma noite, chegou novamente do estádio um barulho ensurdecedor. Os «guardas vermelhos», chegados da cidade, reuniam-se para «fazer o balanço do dia e confrontar a sua experiência revolucionária». Eram vários milhares. Quando saí da cantina, depois do jantar, as proximidades estavam totalmente desertas. Quando passei diante do hotel para as famílias do corpo docente, duas mulheres chamaram-me. Aproximei-me.

— Venha ver o que se passa, é horrível! Partiram há duas horas. Entre para ver o que eles fizeram!

— «Eles», quem?

— Os «guardas vermelhos».

Conduziram-me por uma escada não iluminada, por economia. Era uma casa de tijolo com três andares, uma casa luxuosa para Pequim, só faltava o gás, sendo necessário preparar as refeições em fogões de carvão.

— Quem mora aqui? — perguntei eu à porta do apartamento onde queriam que entrasse.

— O locatário era membro da célula do partido da faculdade. Já o levaram há muito tempo.

Era um apartamento moderno, com duas divisões. Fora tudo virado de pernas para o

ar: as camas, a mala, o armário estavam virados, a roupa e os fatos estavam no chão no meio de um quarto e um monte de cinza fumegava no meio do outro.

As mulheres contaram o que se tinha passado.

Cerca do meio-dia, tinha chegado uma dúzia de «guardas vermelhos», acompanhados de dois professores «revolucionários» que serviam de testemunhas. Nenhum deles frequentava a faculdade onde ensinava o dono da casa. Começaram por confiscar os móveis, que trouxeram para o pátio, após terem-nos esvaziado, e que puseram num camião. Em seguida ocuparam-se da «educação ideológica».

— Onde estão os retratos do presidente Mao? Por que razão não há aqui retratos do presidente? — perguntaram ao filho do professor, um adolescente, à irmãzinha e à mãe, esbofeteando-os.

Os «guardas vermelhos» arrancaram das paredes os quadros, as reproduções e as fotografias, rasgaram-nos e pisaram-nos. Os restos das molduras e os bocados dos quadros estavam no chão.

— Onde estão as obras de Mao Tsé-tung? — gritaram.

Por sorte encontraram um pequeno volume de «textos escolhidos». Puseram-no de parte proclamando os outros livros «maus».

Obrigaram os locatários a fazer um monte no chão com os livros da biblioteca familiar e queimaram-na, o que explicava a cinza que vira na segunda sala.

As raparigas «guardas vermelhos» atacaram as taças e os pratos.

— A taça com dragões é uma taça feudal!

E catapum, para o chão!

— A taça com flores e rosas é uma taça burguesa, trivial!

E catapum, para o chão!

— Onde está o busto de Mao Tsé-tung? — perguntaram os «guardas vermelhos», espezinhando as estatuetas de porcelana que representavam um pescador, uma jovem camponesa e poetas.

O aquário com peixes vermelhos fora lançado pela janela como sobrevivência do feudalismo.

As raparigas rasgaram os casacos, as calças de corte europeu e as saias da dona da casa gritando:

— Escravos estrangeiros! Traidores!

Durante este tempo, os rapazes tinham ido para a varanda, quebrando os vasos de cactos.

— Luxo inútil!

Um gato refugiara-se na varanda.

— Olhem para estes burgueses! — gritava um guarda vermelho e, agarrando o animal pela cauda, esmagara-lhe a cabeça contra a parede. Quisera depois deitá-lo para o pátio, mas as raparigas protestaram:

— Mete o cadáver na despensa e fecha-a para que estes crápulas burgueses cheirem o fedor!

Toda a família lhes suplicou que o não fizessem, mas os «guardas vermelhos», inexoráveis, puseram um cadeado na despensa para que os locatários não se pudessem desembaraçar do cheiro fétido. Os professsores levados na qualidade de testemunhas intervieram então.

— Não há necessidade disso. Vamos confiscar-lhes a segunda divisão para dar à família

revolucionária de um militante. Se o cadáver ficar aqui, o cheiro incomodará também os novos locatários.

O argumento resultara e o gato foi deitado pela janela.

— Levaram-lhe alguma coisa? — perguntei à dona da casa.

— Sim, bagatelas: a caneta do meu marido, os nossos relógios de pulso, os óculos, os blocos de notas, as agendas... Mas o mais grave foi terem levado todos os manuscritos e as notas do meu marido, os seus documentos e as suas cartas, dizendo que iam fazer um inquérito aos nossos crimes...

Vi pedaços de discos no chão.

— Nós gostamos das canções russas — diz tristemente a mulher. — Tínhamos estes discos há muito tempo. Furiosos, quebraram-nos na cabeça do meu filho. Procuraram jornais e revistas soviéticas, mas não tínhamos: o meu marido queimou tudo em 1961.

Contou que, após terem devastado tudo, os «guardas vermelhos» atacaram os locatários. Exigiram primeiro que renegassem o chefe de família preso, mas ela e o filho recusaram-se, tal como se tinham recusado a condenar as suas «ideias pútridas» e a exprimir por escrito o seu reconhecimento aos «guardas vermelhos» «por os terem libertado dos entraves do modo de vida prescrito e por os terem conduzido à vida nova». Os «guardas vermelhos» tentaram então doutriná-los durante cerca de uma hora, encostando-os em seguida à parede e perguntando: «Lutamos bem contra os antigos costumes? Difundimos bem os pensamentos de Mao Tsé-tung?»

Não recebendo resposta, os «guardas vermelhos» recomeçaram a bater-lhes na cara, de forma a que a nuca batesse contra a parede.

— Resistimos durante muito tempo, esperando que partissem à hora da reunião — disse o rapaz —, mas, após terem discutido, decidiram deixar cinco deles para «lutar contra nós». Já não podíamos mais e vergámo-nos à sua vontade. Disse-lhes: «Vocês difundem bem as ideias de Mao Tsé-tung. Lutam bem contra a burguesia.» Deixaram então de nos bater e partiram para a reunião, avisando-nos de que voltariam, mas sem precisar quando. É por isso que deixámos ficar tudo assim!

— Como se arriscaram a chamar-me após tudo isto? — perguntei eu espantado.

— Oh, compreende, agora é-nos indiferente — disse a mulher com um ar resignado. — Quisemos apenas que o senhor soubesse o que se passa cá.

★

Sentia-se já há alguns dias que o centro do movimento da «revolução cultural» se deslocava para a embaixada soviética. Ia lá cada vez mais frequentemente. Na véspera do cerco, a embaixada telefonou-me para me anunciar a chegada de um grupo de turistas de Moscovo, entre os quais se encontravam alguns sinólogos que eu conhecia. Fui muito satisfeito à estação para os receber. Foram também colaboradores da embaixada.

O centro da grande praça diante da nova estação de Pequim estava geralmente vazio; só um agente da polícia permanecia, de pé, sobre uma plataforma de pedra, regulando simboli-

camente a circulação. Ao descer do trólei, compreendi imediatamente que qualquer coisa estava em preparação. Era costume os transeuntes correrem atarefados; desta vez estavam todos imóveis nos passeios. Virando-me, vi três «guardas vermelhos» que transformaram em «jacto», com era seu costume, um jovem com uma bela cabeleira, levando-o em passo rápido, para o polícia. Um mar negro de cabeças observava a cena.

Chegado perto do agente, um «guarda vermelho» subiu para a plataforma de pedra e empurrou brutalmente o polícia que, não tentando sequer protestar, se afastou docilmente. Entretanto, os «guardas vermelhos» fizeram o jovem subir para o pedestal e ajoelhar grosseiramente. Dois deles seguravam-no pelos braços cruzados atrás e um terceiro pôs-lhe o pé em cima do pescoço e começou-lhe a bater ritmicamente com o rosto contra a pedra, sobre a qual crescia uma mancha de sangue. A multidão observava em silêncio esta cena de uma crueldade desumana. Revoltado, entrei rapidamente na estação.

Um grupo de estrangeiros trocava novidades na gare onde chegavam os comboios internacionais. O comboio de Pyongyang entrou na gare. Foi com alegria que acolhemos os turistas moscovitas. Tendo cumprimentado os amigos e conhecidos e conversado um pouco, confiámos os nossos hóspedes aos guias da Inturist chinesa e partimos para a embaixada soviética.

Sabia-se por enquanto que os «guardas vermelhos» queriam mudar o nome da rua onde ficava a nossa embaixada. Até aí nada de especial. Mas o novo nome escolhido era provoca-

tório: «Rua anti-revisionista». Descemos no princípio da rua e dirigimo-nos os três para a embaixada, lendo os títulos dos «ta-tseu-pao» colados nas paredes das casas e nos muros de pedra.

Um dos meus companheiros tinha um aparelho e fotografava os «ta-tseu-pao». De súbito, fez-se um ajuntamento na rua deserta àquela hora de canícula. Um adolescente, um estudante, mas sem braçadeira, colocou-se diante da parede para esconder o «ta-tseu-pao».

Mas um homem maduro interveio.

— Afasta-te, deixa-os fotografar! A propaganda da revolução cultural é uma coisa boa!

O estudante obedeceu e afastou-se.

Li primeiro um longo «ta-tseu-pao» escrito pelas alunas de uma escola secundária feminina. Eixigiam que se mudasse o nome da rua. Os «guardas vermelhos» — estudantes universitários tinham colado «ta-tseu-pao» aprovadores, nos quais se podia ler: «uma boa iniciativa revolucionária...», «notável iniciativa», «aprovamos e apoiamos», sem qualquer agressividade. Mas quando lemos o «ta-tseu-pao» dos estudantes do Instituto de Medicina Chinesa de Pequim, tivemos o pressentimento de que se preparava algo mais que uma simples manifestação por ocasião da mudança do nome da rua. Aquela folha insolente apelava a uma vingança sangrenta. Recopiei o texto quase integralmente, especialmente o final:

«Revisionistas soviéticos! Já estamos fartos, fartos, fartos! Os novos vexames e o velho ódio, tudo se gravou nos nossos corações, não o esqueceremos durante cem, mil, dez mil anos, nunca o esqueceremos, nunca o esqueceremos, nunca o esqueceremos! Vingar-nos-emos de todas as ofensas! Não o fazemos agora, porque ainda não chegou a hora, mas ela virá e faremos com que paguem tudo junto! Quando o nosso dia chegar, vamos esfolá-los, arrancar-vos as veias, queimar os vossos cadáveres e espalhar as vossas cinzas!»

E estava assinado: «Instituto de Medicina Chinesa de Pequim, Liu Tchung, Tchang K'ai-siuan» e dos outros nomes ilegíveis.

Tendo passado à tarde pela embaixada, voltei para casa à noite, decidido a seguir a preparação da manifestação.

W. Cs. provisórios estavam instalados no bairro contíguo ao da embaixada. Até nesses «estabelecimentos» figuravam palavras de ordem: «Viva o presidente Mao!» e «Tudo pelo povo!». Porque centenas, mesmo milhares de pessoas iam estar ali durante horas e os organizadores tinha tudo previsto! Preparava-se aparentemente um cerco de vários dias.

A noite estava calma, quente e escura. A rua que passava pela embaixada estava deserta. Piquetes de estudantes estacionavam nas esquinas e habitantes do bairro, que estavam de serviço, andavam numa roda viva. A rua estava fechada em três sítios com barricadas feitas com retratos de Mao Tsé-tung ornados de grinaldas; o asfalto estava coberto de palavras de ordem. O número de ta-tseu-pao» aumentara durante as horas que passara na embaixada.

Apareceram nas casas grandes cartazes-desenhos de 2 m × 1,5 m. Num deles um «guarda vermelho», um hércules com sapatos de ginástica, esmaga com o pé a embaixada soviética, reproduzida com exactidão, sem esquecer os pórticos e as colunas. Ao lado, um desenho do mesmo estilo, verdadeira imagem de Epinal,

representando uma pequena pioneira rechonchuda, com um lenço de seda, que tinha em cima da cabeça uma grande pedra que se preparava para deixar cair sobre a embaixada soviética. Mas as colunas estavam partidas e o pano vermelho desaparecera.

Era visivelmente muito mais perigoso estar na embaixada do que na Universidade, embora os «guardas vermelhos» tivessem estabelecido o seu quartel-general nesta última. Fiquei mesmo espantado pela calma dos camaradas da embaixada perante a ameaça de cerco que, como compreendi claramente, era inevitável.

— Vieste refugiar-te cá? — perguntaram-me na brincadeira.

Mas o cerco começou 24 horas mais tarde do que eu supusera: na noite de 28 para 29 de Agosto (domingo/segunda-feira). Não obstante, o telefone não foi cortado e pude entrar várias vezes em contacto com a embaixada. As pessoas queixavam-se do barulho dos altifalantes e da impossibilidade de saírem. Isso durou vários dias. A cantina não funcionava: o reabastecimento não chegava. Depois a mulher do correspondente do **Pravda** telefonou-me para me perguntar se eu não poderia comprar leite para o seu bebé de um ano. Esquecera-se de que era impossível não só comprar leite, como fazê-lo chegar até ela.

Os nossos amigos alemães foram igualmente vítimas do primeiro cerco. Os «guardas vermelhos» prenderam-nos diante da embaixada soviética, onde tinham ido ver um filme, fizeram-nos sair do carro e levaram-nos para uma escola vizinha. Interrogaram-nos aí durante cinco horas, perguntando-lhes se não eram soviéticos, acompanhando as perguntas com

murros e bofetadas. Soube-o por um colaborador da embaixada da R. D. A. que eu conhecia. Estava de serviço nessa noite e tivera de intervir para tirar os compatriotas daquele sarilho.

Quando o cerco terminou, dirigi-me à embaixada. A «Rua anti-revisionista» em que entrei depois de descer do troléi estava juncada de bocados de papel. Por toda a parte havia sinais da passagem de um multidão densa.

— Abaixo os revisionistas soviéticos! — gritou um rapaz da esquina lançando-me uma pedra.

Vociferações do mesmo tipo chegavam dos pátios diante dos quais passava. Ora, antes do cerco, os habitantes daquela rua, adultos e crianças, saudavam-nos em russo, falando amigavelmente.

O cerco de Agosto foi uma provocação, embora insensata, mas depois disso os maoístas haveriam de fazer pior. Os excessos revoltantes de Novembro de 1966, por ocasião do aniversário da vitória do poder soviético na Rússia e os de Janeiro-Fevereiro de 1967 assumiriam uma amplitude muito mais grave.

8. O REINO DOS «GUARDAS VERMELHOS»

O discurso de Lin Piao. Incursões nas províncias. Destruição dos monumentos culturais. O professor Ko e o «guarda vermelho» Ma. Os «guardas vermelhos» em Outubro de 1966. A partida.

O mês de Setembro em Pequim ficou para mim marcado não pela mudança de estação, mas pelo novo comportamento dos «guardas vermelhos». Exultavam em reuniões periódicas na praça Tien An Men, consagradas pelo aparecimento do presidente Mao em pessoa. Pronunciavam-se discursos bombásticos, inflamando os jovens organizadores de pogroms, incitando-os a novas «empresas». Inesperadamente, Lin Piao, o «companheiro de luta mais fiel de Mao Tsé-tung», criticou num comício a «prática revolucionária» dos «guardas vermelhos».

A reunião estava particularmente densa nesse dia. No dia seguinte, a vida recomeçou activamente na Universidade. Todos os estudantes se reuniram no estádio. O comício durou vários dias, com breves interrupções para as refeições. Os «guardas vermelhos» estudavam as indicações dadas por Lin Piao da tribuna da praça Tien An Men.

O marechal dissera em termos pomposos e solenes que, ao realizarem a «revolução cultural», se tinham deixado levar por «bagatelas» e se tinham afastado do seu caminho ao perse-

guirem os alfarrabistas, os donos das lojas, os cabeleireiros, enquanto que o inimigo n.º 1 eram «aqueles que estavam no poder no partido e seguiam a via capitalista».

Assim se exprimira o marechal Lin Piao. Quanto aos oradores, «rectificavam» o sentido das suas palavras e exigiam uma «luta aberta contra os membros do partido».

O discurso de Lin Piao diminuiu um pouco o número de excessos, mas desencadeou, em contrapartida, uma nova vaga de perseguições contra os membros do partido comunista. Daí em diante, todos os comunistas chineses se tornaram suspeitos. Por outro lado, o primeiro-ministro do Conselho de Estado, Chu En-lai, difundia largamente o discurso que pronunciara perante os «guardas vermelhos» e no qual tomara abertamente a defesa da burguesia nacional. A exigência de alguns «guardas vermelhos» de deixarem de pagar os 5 por cento fixos de benefício para os capitalistas chineses foi rejeitada. O governo tomara sob a sua defesa os próprios capitalistas, os líderes dos partidos democráticos, bem como os emigrantes chineses, geralmente de origem burguesa.

Os debates sobre o discurso de Lin Piao e as directivas que choviam do «grupo para a revolução cultural» junto do C. C. e do Conselho de Estado eram marcados por numerosas contradições: havia muita confusão e coisas incompreensíveis.

Foi o editorial intitulado «Lutar não pela violência mas pela palavra» do **Diário do Povo** de 3 de Setembro que semeou a maior confusão. Condenava as vias de facto para com os «dissidentes» e apelava a que fossem reeducados pela persuasão. Estranho apelo, quando

reinava há duas semenas um verdadeiro terror na capital chinesa. Pensei que o grupo de Mao Tsé-tung procurava um alibi, querendo demarcar-se do que fora feito, atribuindo toda a responsabilidade à «impaciência do ardor» da juventude que ele próprio lançara na aventura.

O jornal exortava os «guardas vermelhos» a unirem-se e criarem uma «organização revolucionária» nacional. Fiquei céptico perante este apelo do órgão oficial, porque a rivalidade dos destacamentos de «guardas vermelhos» não tinha sofrido qualquer apaziguamento no decorrer dos acontecimentos.

Entraram em querelas e encarniçaram-se uns contra os outros quanto à atitude a adoptar em relação ao editorial do **Diário do Povo**. Na Universidade, este editorial era difundido como um documento oficial, copiado em grandes caracteres sobre enormes cartazes, impresso sob a forma de folheto e afixado nas árvores e nos postes. Tudo isto era feito com entusiasmo pelo comité da «revolução cultural» da Universidade e os seus partidários do destacamento «Tsingkangchan». O destacamento «maotsetunismo», pelo contrário, sabotava estas iniciativas. De noite, os seus membros enchiam de cruzes, a tinta da China, as folhas com o editorial que os seus adversários acabam de colar e escreviam ao lado as suas próprias palavras de ordem: «Não renunciaremos às acções revolucionárias!» e, ao lado das palavras «Lutar não pela violência, mas pela palavra», escreviam: «Mao Tsé-tung ensina-nos: A revolução não é um crime, a insurreição é uma causa justa!» O destacamento «maotsetunismo» saiu finalmente à luz do dia com os seus cartazes e os folhetos. Neles se lia:

«Advertimos os canalhas e os crápulas de todo o país! Não renunciaremos à luta pela força contra a força!... Fala-se actualmente na luta pela palavra e muitos viram aí uma amnistia. Não, nunca! Lutaremos pela palavra contra aqueles que foram enganados. Quanto aos indignos e aos monstros, aos canalhas e aos crápulas, lançámos-lhe um último aviso: A revolução não é um crime, a insurreição é uma causa justa! Vivam as operações revolucionárias! Viva a grande revolução cultural proletária!»

Muitos «guardas vermelhos» recusaram-se a deixar a cidade para a colheita, declarando que os canalhas da capital não estavam ainda inteiramente vencidos. Organizavam as suas incursões durante a noite.

★

Como as autoridades locais estavam sempre a mudar, os «guardas vermelhos» desprezaram qualquer poder. A anarquia tornou-se tal que certos destacamentos recusavam-se a obedecer ao próprio Mao Tsé-tung. Durante esse período, o comité da «revolução cultural» da Universidade de Pequim considerou-se quase como o governo da China, o que trouxe consigo medidas de repressão contra alguns «guardas vermelhos».

Em Setembro, os «guardas vermelhos» iniciaram um «ataque de cavalaria» contra as províncias principais. Um «destacamento de combate» com mais de cem homens foi enviado para o Sul pela Universidade Pedagógica para aí incentivar a «revolução cultural». Os «guardas vermelhos» entraram na estação,

ocuparam as carruagens de um comboio que lhes servia, chamando «parasitas» aos que tinham lugares reservados e avisando-os de que lançariam do comboio em marcha os «sabotadores da revolução cultural» que ousassem reclamar os seus lugares...

Quinze dias mais tarde, o «destacamento de combate» regressava triunfante, acolhido pelo rufar dos tambores. Organizou-se um «comício-relatório» que foi difundido pela rádio. Uma jovem militante dava conta aos assistentes do trabalho efectuado.

— Por toda a parte e sempre — dizia ela numa voz sorona — seguimos as indicações do camarada Lin Piao, esforçando-nos sobretudo por dispersar e desmantelar os comités do partido...

Os «guardas vermelhos» da Universidade Pedagógica de Pequim tinha ido a He-fei, Tch'ang-cha e Kueli-lin. Segundo confessaram, a luta foi dura e por toda a parte a sua tarefa se revelou mais árdua que parecia. Em He-fei, por exemplo, quando saíram da estação, formaram em colunas e dirigiram-se para a sede do comité de cidade e do comité provincial do P. C. C. para os dispersar. Conseguiram ocupar o centro do comité de cidade e apoderar-se de parte do pessoal, mas muitos funcionários fugiram e mobilizaram rapidamente muitos operários.

As «massas enganadas» tomaram a defesa do «comité negro do partido» e expulsaram os «guardas vermelhos» dos locais ocupados. Houve mortos e feridos de ambas as partes.

Mas, de um modo geral, as coisas correram satisfatoriamente em He-fei. Em Tch'ang-cha, pelo contrário, os «enviados de Mao Tsé-tung»

sofreram um fracasso total. Dizia-se no relatório que o comité local do partido tinha «preparado com antecedência grandes massas enganadas». O povo cercava os «guardas vermelhos» na estação, não os deixando ir para a cidade nem sequer furar até à praça. Tiveram de partir algumas horas depois.

Em Kuei-lin, em contrapartida, o comité provincial do P. C. C. fora «vitoriosamente» disperso, segundo eles. Finalmente, doze «guardas vermelhos» do destacamento não tinham voltado. «Pereceram heroicamente pelas ideias de Mao Tsé-tung» durante os ataques contra os organismos do partido nas províncias. Muitos atingidos foram tratar os ferimentos nas enfermarias.

Os «guardas vermelhos» não voltavam apenas do Sul. Outros «destacamentos de combate» partiram para o Nordeste (os da Universidade Pedagógica, por exemplo, foram para Kirin) e para o Noroeste. Permaneciam em contacto com os seus colegas na base, embora não tivessem conseguido, logo na primeira incursão, a «vitória» sobre os órgãos locais do partido.

Apareceram vários painéis na Universidade; aí se informava dos acontecimentos que se desenrolavam nas províncias, por vezes sob a forma de «ta-tseu-pao», mais frequentemente sob a forma de folhetos impressos, reproduzindo documentos fotográficos. Neles se podiam ver pessoas torturadas, cadáveres mutilados, instalações com nós correntes e ganchos para as torturas e as execuções. Estavam previstos painéis especiais para as províncias de Anhuei, de Kansu, do Fukien e de outras regiões.

Nos seus folhetos, os «guardas vermelhos» estigmatizavam o «terror branco» dos órgãos locais do partido. Lembro-me de uma série de fotografias atrozes. «Setenta dias de terror branco em Sian», onde, segundo os folhetos, se tinha procedido a execuções em massa de «guardas vermelhos».

Em Setembro, podia-se ler ainda em Pequim apelos e avisos das organizações locais relatando os vexames que os «guardas vermelhos» faziam aos militantes do partido e recusando a propaganda dos «hung-wei-ping». Os adversários acusavam-se reciprocamente de mentira, com uma fúria tal que não era fácil compreender o que se passava exactamente.

Facto estranho: uma imprensa sem censura proliferava durante este período na China. Uma imprensa mural, é certo, mas uma imprensa. Sabendo que os «guardas vermelhos» eram os instigadores e os assaltantes, lia no entanto as publicações das duas partes, quando via fotografias de pessoas com as orelhas cortadas, os olhos furados ou montes de chicotes confiscados aos «guardas vermelhos», sentia que era verdade. Quando os «guardas vermelhos» publicavam depois das derrotas, fotografias de elementos seus com braços e pernas partidos, cabeças cortadas, ensanguentados e cobertos de nódoas negras, acreditava igualmente: porque nem uns nem outros se deixavam imolar como ovelhas! E, se expulsavam «guardas vermelhos» de uma cidade, havia certamente sangue. As informações horrorizavam pela enormidade dos números anunciados: centenas e milhares de vítimas, mas os números eram precisamente aquilo em que menos acreditava, porque ambas as partes exageravam os «cri-

mes» dos adversários para justificar as represálias «em legítima defesa». Quando não se vê pessoalmente o que se passa e só se dispõe de informações oficiosas é-se facilmente enganado.

«Iniciemos uma guerra popular contra os inimigos da revolução cultural»!, eis o que responderam os «guardas vermelhos» à inesperada resistência oferecida pela periferia às vagas da «revolução cultural» idas da capital. Os seus «ta-tseu-pao» apelavam, no espírito do ensinamento de Mao Tsé-tung sobre a guerra popular, a que se unissem as «forças revolucionárias» numa só organização, a que «se levasse à revolta (tsao-fan)» (7) as grandes massas operárias e camponesas, a desfazerem-se dos inimigos **manu militar** (*) resoluta e implacavelmente. «Limpemos o país de todos os canalhas, parasitas e inimigos de classe pelos métodos da guerra popular! Instauremos para sempre o pensamento de Mao Tsé-tung em todo o país!»

Foram os «guardas vermelhos» da Universidade Pedagógica os primeiros a avançar a ideia de uma nova «guerra popular».

De regresso a Pequim, os grupos e destacamento de combate dos «guardas vermelhos» organizavam ainda processos públicos dos comités provinciais do partido. Convidavam para esses julgamentos, que duravam por vezes toda a noite, os «guardas vermelhos» de

(7) Em 1967, quando eu já não estava na China, os jovens empregados, operários, que aderiram ao movimento dos «guardas vermelhos», formaram destacamentos de «tsao-fan» (rebeldes).

(*) **Manu militar** (em latim no texto) — pela força das armas. — **(N. do T.)**

toda a cidade de Pequim. Tanto quanto sei, desenrolaram-se em Setembro paródias de julgamentos deste género para punir os comités do partido das províncias de Anhuei, de Fukien, do Kansu e do Chensi.

Estas comédias significavam em si, objectivamente, que o primeiro ataque dos «guardas vermelhos» fora repelido, que não tinham conseguido derrubar os comités provinciais. Um «destacamento de combate» regulava geralmente a cerimónia do julgamento.

Lembro-me perfeitamente das acusações formuladas contra o comité do P. C. C. da província de Anhuei porque foram escritas num painel pendurado diante da entrada da Universidade de Pequim três dias antes do julgamento. Havia quatro. Primeiro, efusão de sangue e assassínios. O comité de Anhuei tivera «a impudência e a audácia» de lutar contra «os enviados do presidente Mao» e mesmo de os «expulsar, não recuando» ao derramamento de sangue. Segundo, as medidas de repressão. Tendo repelido o ataque dos «guardas vermelhos» da capital, o comité da província tomara consciência do perigo e reprimira energicamente o movimento local, sendo por isso acusado de «acções contra a revolução cultural». Terceiro, luta contra as ideias de Mao Tsé-tung. Por outras palavras, recusa «inclinar a cabeça perante as massas revolucionárias e os enviados do presidente Mao». Quarto, «monarquismo» e defesa da «linha burguesa contra-revolucionária no partido».

Na gíria dos «guardas vermelhos», o «monarquismo» significava que as organizações do partido e os funcionários não quiseram ceder o poder aos «guardas vermelhos». Qualificavam

de «linha burguesa contra-revolucionária» o apoio dado à antiga direcção do partido e pessoalmente ao presidente da República Liu Chao-chi. No vocabulário dos «guardas vermelhos», «burguês» significava apenas hostilidade ao presidente Mao.

Dirigentes do «grupo para a revolução cultural» junto do C. C., próximos de Mao Tsé-tung, vinham frequentemente a estes julgamentos, que eram considerados importantes acontecimentos políticos.

★

Tendo proclamado a luta contra os antigos costumes, os «guardas vermelhos» começaram a destruir os monumentos culturais. Mas a reprovação mundial foi tão unânime, que Chu-En-lai promulgou uma directiva do Conselho de Estado sobre a protecção dos monumentos. Para a tornar eficaz, os conservadores dos museus foram transformados também em «guardas vermelhos». Mas a directiva veio demasiado tarde: o vandalismo impune dos «guardas vermelhos» destruíra em dez dias inúmeros tesouros da antiguidade. Começaram por obrigar os habitantes de casas antigas a fazerem desaparecer dentro de três dias os vasos torneados das cornijas, as esculturas nos telhados, as dos tímpanos das portas e dos beirais, os leões de pedra que guardávam as entradas. As pessoas usavam docilmente o martelo para não serem vítimas da cólera dos «guardas vermelhos». Estes encarregavam-se sozinhos de suprimir os ornamentos dos edifícios públicos antigos e das lojas. Obrigaram a administração do parque central da cidade, o Psihai, a destruir os altos-relevos de templos budistas com seis séculos e decidiram transformar numa caserna cinzenta Ts'ien-men, velha freguesia de Pequim.

O Templo das nuvens azuis, Pi-yun-seu, era célebre pelas suas 500 estátuas de madeira. Artistas hábeis tinham dado a estes santos budistas traços e poses particulares; todos tinham qualquer coisa de compenetrado, o que conferia a essas figuras muito terra a terra um ar de santidade. As estátuas, subtilmente dispostas, davam a ilusão de uma reunião de pessoas vivas que se movem, falam, riem, exortam, contemplam. Perguntei ao porteiro se estavam salvas. Ele animou-se. Voltando de súbito a ser conservador do templo, esquecendo-se de que fora baptizado de «guarda vermelho», o chinês, já de uma certa idade, começou a contar:

— Veio aqui uma grande multidão. Todo o pessoal os acolheu à entrada e os exortou, tentando retê-los. Mas eles entraram à força, destruíram as estátuas, as imagens, os objectos do culto. Todos os templos da ala principal foram devastados. Levaram os objectos e os ornamentos. Se eram muito pesados para um só, levavam-nos dois a dois. Todos os budas foram destruídos. Arrancaram os vasos torneados, mutilaram as estátuas de pedra e os baixos-relevos. Quanto a estes santos, não chegaram cá — afirmou o conservador com satisfação —, não tinham conhecimento delas. Para chegar cá, é preciso virar para oeste a partir da ala principal do templo. Não repararam na entrada para a sala dos santos. Mas todos os outros locais sofreram muito.

Os templos budistas na China estão dispostos simetricamente à ala central, norte-sul, e

têm uma forma muito oblonga. É uma fila de pátios fechados tendo, no fim de cada um, uma sala principal com uma estátua central. Esta disposição pretende simbolizar a ascensão para os círculos do céu.

Perguntei se acontecera alguma coisa ao templo de Buda deitado que se encontrava nas proximidades.

— Também foi danificado, mas menos que o nosso.

Raparigas «guardas vermelhos» que estavam de guarda à porta do templo não me deixaram entrar, não querendo sequer discutir. Vi de longe a primeira sala do templo. Felizmente as estátuas estavam intactas aí. Mas, cobertas de «ta-tseu-pao» injuriosos, pareciam espantalhos. Aqui, os «guardas vermelhos» sujaram mais do que destruíram. O célebre Buda deitado não fora danificado.

Pa-ta-Tch'u, os oito grandes locais, nos arredores de Pequim, um parque sobre as vertentes montanhosas onde se erguem oito templos budistas, fora pilhado, mas não pude lá entrar e fui a I-he-yuan, o parque mais frequentado de Pequim.

Era agradável passear de barco no lago e errar nas galerias pintadas! Presentemente, o parque estava deserto. Os «guardas vermelhos» deixaram vestígios da sua passagem: riscaram e cobriram de flores triviais as pinturas antigas das galerias. Os «pudicos» bandidos fizeram desaparecer todas as imagens de mulheres. Também aí a «revolução cultural» se desviara do seu curso: riscaram as belas mulheres e deixaram os generais feudais do imperador. As inscrições caligráficas antigas sobre as portas

e as entradas foram substituídas por palavras de ordem.

★

Gostaria de contar ainda a participação em todos estes acontecimentos do meu professor Ko.

Nas últimas lições, no início de Julho, o professor Ko tinha estado nervoso, pálido, fatigado. Vinha atrasado mas, como sempre, não limitava o tempo das nossas lições e respondia de bom grado a todas as perguntas. O meu fu-tao, Ma, anotara com particular cuidado algumas das nossas lições.

No fim de Julho, Ma entregou-me uma folha com a lista das passagens de livros antigos que eu deveria ler durante as férias. Essa lista estava escrita pela mão do professor Ko.

Encontrei-o um dia por acaso, em Agosto, junto do edifício administrativo. Caminhava com aquele passo lento e cheio de dignidade que é próprio dos intelectuais chineses, com o seu manto aberto de um tecido ligeiro de cor azul, distinguindo-se da multidão de estudantes. Explicou-me calmamente o que devia ler e de que modo.

Em Setembro, perguntei a Ma quando recomeçariam as nossas lições.

— Vão recomeçar, mas não com o professor Ko — disse Ma. — Está proibido de ensinar.

— Mas que fez ele? — perguntei eu fingindo indiferença.

— As lições que ele te dava não tinham nada a ver com as ideias de Mao Tsé-tung.

— Sim, mas Mao Tsé-tung nada disse a propósito da matéria que eu estudo — repliquei-lhe.

— Não importa que não tenha dito nada directamente. O essencial para nós, hoje, é aplicar as ideias de Mao Tsé-tung e nunca as esquecer. Ko dava-te lições de duas, três e quatro horas sem nunca evocar o presidente Mao!

— Estás a dizê-lo só a mim ou já o disseste a toda a gente?

— Declarei-o numa reunião da Faculdade?

— Como pudeste fazer isso? Foi teu professor durante três ou quatro anos! — indignei-me eu.

— Quatro... — disse Ma perturbado.

Acabou por me prometer arranjar um outro professor.

Voltei a ver o professor Ko alguns dias depois. Pálido e resoluto, caminhava com um passo rápido para o estádio em efervescência acompanhado de uma jovem com uma braçadeira de «guarda vermelho». O professor fora então igualmente classificado entre os «indignos e os monstros»! É certo que ainda não tinha os braços amarrados.

Sentia-me no direito de saber de que acusavam o meu professor. Faltando à minha promessa feita ao «comité negro», já há muito destituído, de não ler os «ta-tseu-pao», dirigi-me para a alameda dos «indignos e dos monstros», ladeada de postes entre os quais tinham estendido esteiras cobertas de «ta-tseu-pao» onde as Faculdades denunciavam os respectivos «indignos e monstros».

Era consagrado um artigo a cada um deles. No canto esquerdo faziam uma caricatura representando um verdadeiro monstro, riscado com uma cruz vermelha, sem dúvida para dar maior efeito. À direita, em grandes caracteres

negros, o nome do acusado. Em baixo, em pequenos caracteres, a sua biografia, toda feita de injúrias, sem uma palavra de elogio; o homem era apresentado todo de negro, da cabeça aos pés, do nascimento até à condenação. A maior parte dos «monstros» era comunista e deles se dizia que «no ano tal, introduzira-se no partido», mesmo se o fizera ainda no regime reaccionário arriscando a sua vida ao aderir ao P. C. C.

Havia mais de quarenta condenados na Faculdade de Filologia, entre os quais o decano e os seus adjuntos, os professores Ko e Liu, que conhecera em Fevereiro, todos os responsáveis do partido e o velho Huang Yao-mien, um célebre especialista de literatura antiga.

O número das biografias aumentou durante todo o mês de Setembro. A máquina para denegrir os intelectuais, posta em marcha em Junho, continuava a funcionar. Contaram-se primeiro cerca de 150 «indignos e monstros» na nossa Universidade, depois 183 e finalmente mais de 200. E isto num único estabelecimento de ensino superior! A «revolução cultural» ameaçava com humilhações e vexames toda a pessoa culta.

Li dois artigos acusadores consagrados a pessoas que conhecia.

A biografia do professor Ki estava conforme ao que convinha. Entrara tarde para o partido, em 1960, sendo por isso tratado de arrivista. Realizava um grande trabalho social e, além das suas funções de chefe-adjunto da Faculdade fazia parte da redacção da rubrica «Herança literária» do jornal **Kwangming jihpao**, bem como da redacção da série linguística das edições «Instrução». Era por isso criticado por

ambicioso e sedento de poder. O professor Ko era acusado de «ligações criminosas com Teng T'o». Este apertara-lhe a mão e dissera: «Conheço o seu nome pelos seus artigos!» Esta «ligação criminosa» estreitara-se quando há cinco anos o segundo-secretário do comité do partido de Pequim viera à Universidade Pedagógica ver como funcionava e tomara conhecimento com os seus dirigentes. Na faculdade de Filologia, o responsável pela organização do partido na Universidade, Tch'eng, apresentara-lhe o director da Faculdade e os seus dois adjuntos.

Não havia nada de espantoso no facto de Teng T'o ter conhecido o professor Ko; Teng T'o era um homem instruído; o professor, um sábio de renome, autor de numerosos artigos sobre a filologia chinesa. Mas, cinco anos mais tarde, aquele aperto de mão valera ao professor a acusação de fazer parte do «bando negro». Segunda «prova»: ao homologar, alguns anos atrás, a lista dos redactores da «Herança literária», Teng T'o discutira em pormenor cada candidato, mas, ao chegar ao professor, limitara-se a comentar: «Conheço este nome».

Daqui se tirava esta conclusão categórica: «As relações pessoais conduziram a uma criminosa proximidade ideológica o grande monstro e indigno de direita Ko e o malfeitor Teng T'o.»

Vinha, por último, o argumento mais incisivo: «Aquando da perquisição ao domicílio de Ko, foi encontrado um exemplar do livro de Teng T'o, **Conversas vesperais em Yen-chan.**» Ko confessou ter comprado o livro com o seu dinheiro e tê-lo lido.

Vi pela última vez o professor em meados de Setembro. Seguia solitário pela alameda da

Universidade no seu passo lento habitual, com o manto que eu já conhecia. Tinha os traços marcados e rugas de amargura ao canto dos lábios. Senti-me satisfeito por não ter sido ainda vítima do pior, mas, ignorando qual seria a sua atitude para comigo, saudei-o com um sinal de cabeça. Parou imediatamente e começou a conversar sobre os meus projectos e os meus estudos. Estava calmo e atencioso. Quanta coragem e firmeza era necessário possuir para se conduzir assim naquela conjuntura! Todos os que passavam paravam e olhavam-nos com um espanto sincero: a «revolução cultural» estava em curso e a mais pequena imprudência podia ser fatal. Ora o professor Ko, estigmatizado e condenado, falava, à vista de toda a gente, com um estrangeiro, para mais um soviético, conservando a sua dignidade habitual.

Deste modo, em Setembro de 1966, os «guardas vermelhos» tinham-se tornado o centro, o eixo de toda a vida chinesa. Não era nada fácil tornar-se «guarda vermelho». Grande parte dos estudantes, se tinham sido membros do P. C. C. ou das juventudes comunistas chinesas, não podiam ter essa honra. As pessoas de origem pequeno-burguesa e os filhos dos responsáveis do partido podiam tornar-se «simpatizantes» se renegassem os seus pais.

O meu fu-tao, Ma, esforçava-se por entrar nos «guardas vermelhos». Voltei com ele da nossa viagem através do país quando os destacamentos estavam já constituídos e a admissão regulamentada. Além do mais, Ma tinha um grande «defeito»: era membro do partido e, além disso, encarregado de uma missão impor-

tante pelo «comité negro»: estava encarregado de vigiar um «revisionista soviético», eu.

Ma aderiu imediatamente, em Agosto, aos simpatizantes e participou activamente na «rebelião» na faculdade de filologia, onde a «revolução cultural» se desenrola mais lentamente. Depressa arranjou «ardor revolucionário»: ajudou a desmascarar o professor Ko, seu mestre, e outros responsáveis do Partido eleitos na faculdade. Os seus serviços permitiram-lhe solicitar a admissão nas fileiras dos «guardas vermelhos».

Mas isso comportava também um risco: uma recusa significaria para si a derrota política. Ma fez o seu pedido. Puseram-lhe uma questão, à qual tinha de responder publicamente na reunião do destacamento e deram-lhe uma semana para se preparar. Ma permaneceu no quarto durante toda essa semana. Estava nervoso, escrevia interminavelmente, rasgava o que tinha escrito. Escondera-se a um canto, de cócoras, virando-me as costas, receando que eu visse o que estava a escrever.

O dia decisivo chegou finalmente. Ma voltou tarde, à noite, emocionado e solene, com uma braçadeira de «guarda vermelho» do destacamento «maotsetunismo».

★

«Difundir a experiência da revolução cultural é uma coisa boa!» tal era a palavra de ordem dos «jovens revolucionários» desde os primeiros dias. A juventude das províncias invadiu Pequim a partir do mês de Julho. Estudantes universitários e liceais convergiam de todo o país para a capital para «assimilar a experiência» e «estabelecer contactos». A capital abafava, invadida por milhões de pessoas, e a sua população duplicou pelo menos.

Multidões de «guardas vermelhos» vindos de diversas províncias em busca de «experiência revolucionária» erravam de um estabelecimento de ensino superior para outro, visitavam a praça Tien An Men e Ku-kung, o antigo palácio imperial. Solicitavam o direito de ver o presidente Mao, que os recebia aos milhões, mostrando-se na tribuna governamental da praça central. Uma vez chegou mesmo a descer da tribuna e deu uma volta à praça por entre a multidão extasiada, que se afastava.

Em Setembro, o fluxo de «guardas vermelhos» que se dirigia para a capital tomou de assalto os comboios e os autocarros. Até os camiões serviam para transportar de urgência os «guardas vermelhos», que chegaram mesmo a requisitar os veículos do exército e dos estabelecimentos militares.

Os «camaradas da periferia» instalavam-se de noite em qualquer sítio, mas depois as coisas pioravam: o Outono de 1966 foi muito mau em Pequim, com chuvas frequentes. Os «guardas vermelhos» provinciais invadiram todas as Universidades. Na nossa, ocuparam o edifício administrativo de seis andares, a faculdade de filologia e a biblioteca. Finalmente, para os alojar, começou-se a «apertar» as famílias dos professores e isto segundo um esquema bem simples: um em cada três apartamentos habitados foi despejado para os visitantes. Para servir de camas, instalaram montinhos de palha de junco em todas as divisões do apartamento evacuado. É preciso dizer que os «guardas vermelhos» de Pequim viam com

muito maus olhos os colegas da província, e esta hostilidade degenerava por vezes em confrontos. Exigiam que se limitassem rigorosamente a dez dias a estada dos provincianos e que a alimentação fosse racionada: iam a Pequim para estudar o pensamento do presidente Mao e não para se empanturrarem, razão por que era proibido vender-lhes fruta, ovos e carne.

Os conflitos tinham por vezes um carácter político. Os confrontos eram particularmente violentos junto do Instituto de Medicina, onde um cartaz intimava: «Que os visitantes não-revolucionários da periferia desandem!»

Organizavam-se na Universidade Pedagógica exposições de condenados para os grandes contingentes, que vinham de uma forma organizada. Os condenados eram alinhados às dezenas ao longo da alameda com escritos nas mãos. Os «guardas vermelhos» universitários designavam guias que obrigavam os condenados a repetir em voz alta o que estava escrito nas suas roupas e escritos, a fim de os provincianos poderem convencer-se com os seus próprios olhos da impotência, face aos «jovens revolucionários», dos professores e dos responsáveis do partido outrora venerados.

De um modo geral, a assimilação da «experiência revolucionária» desenrolava-se sem dificuldades e dava resultados tangíveis. Assim, os estudantes do Instituto Pedagógico de Kiring, regressados à sua província, organizavam uma «revolução cultural» à semelhança dos «guardas vermelhos» de Pequim.

Mas às vezes os «camaradas da periferia» reprovavam os vexames e os tratamentos desumanos, recusavam-se compreender os «crimes» praticados nas vítimas da «revolução cultural». Nessa altura eram expulsos com indignação do território da Universidade e eram tratados por «contra-revolucionários».

No Verão passaram pela Universidade Pedagógica representantes da juventude de quase todas as províncias, vindos por vezes de cantos totalmente perdidos, de escolas e colégios técnicos distritais. Entravam facilmente em contacto com os estrangeiros, testemunhando-lhes uma viva curiosidade e falando-lhes com satisfação, sem retraimento, as suas maneiras eram bem mais simples e afáveis do que as dos «guardas vermelhos» de Pequim, cuja animosidade, suspeita, hipocrisia e desconfiança era por eles manifestamente desconhecida. Para eles, até aí hermeticamente isolados e por isso curiosos e ávidos de saber, interessando-se pelas coisas mais comuns, a «revolução cultural» era uma festa maravilhosa: muitos deles nunca tinham ousado sonhar ir a Pequim.

Tinha sempre ocasião de encontrar «guardas vermelhos» da província e conversava com eles interessado. Muitos eram ingénuos, agarotados.

Um jovem abordou-me uma vez no parque da Universidade e perguntou-me:

— Não tem compatriotas louros aqui? Ouvi dizer que entre os brancos há louros com olhos azuis. Gostava tanto de os ver!

Não pude deixar de sorrir; não estava, aliás, à altura de lhe mostrar o que ele queria. Perguntou então:

— Em que estabelecimento de ensino superior de Pequim há negros?

— No Instituto de Línguas.

— Vou lá esta tarde — decidiu resolutamente o jovem agente de ligação da «revolução cultural».

Ao fazer perguntas sobre a União Soviética, os interlocutores mostravam uma espantosa ignorância.

— Satisfaz-lhe ser estudante? — perguntei um dia a um «guarda vermelho» que ia a meu lado no autocarro.

— Não — respondeu ele sem hesitar.

Quando lhe contei que na U. R. S. S. os jovens tinham sede de conhecimentos, de estudos, que queriam tornar-se engenheiros ou especialistas, etc., disse-me com encantadora franqueza:

— Na China é diferente. Lá, ser estudante não quer dizer nada de especial...

Aquando do 1.º de Outubro, dia da festa nacional da R. P. C., cuja celebração exigia o respeito de determinadas conveniências, os «guardas vermelhos» enfureceram-se.

Sentado num banco do parque, escutava um discurso frenético e confuso. O orador, um garoto a julgar pela voz, esganiçava-se.

— Não confiem nos quadros do partido! — gritava ele. — Que respondam perante as massas revolucinárias!... Desmantelemos as minas ao retardador junto do presidente Mao! Os traidores escondem-se no seio do partido, morte aos traidores!

A multidão parecia possessa. Uns repetiam cada apelo do orador, outros assobiavam, outros ainda gritavam e batiam com os pés.

— Viva o maior, o maior, o maior... — a voz do orador quebrou-se — o maior sol vermelho, o nosso grande mestre, grande guia,

grande capitão de guerra e grande timoneiro, o presidente Mao! Viva! Viva! Viva!...

Repetiu ainda durante muito tempo a palavra «viva» e a sua voz perdeu-se num uivo. Mas um barítono vociferou propostas concretas:

— O comité da revolução cultural da nossa universidade regurgita de membros que se introduziram no partido! São odiosos monarquistas, conservadores, hostis às ideias de Mao Tsé-tung! Camaradas revolucionários! Abaixo o comité da revolução cultural! A rebelião é uma causa justa!

Seguiu-se uma desordem indescritível! Os gritos transformaram-se em clamor feroz, as pessoas esmagavam-se, batiam-se, multidões, a julgar pelo barulho de centenas de pés, corriam sobre o terreno e subitamente um furacão humano passou diante de mim.

— Abaixo! Expulsemo-los! — ouvia-se gritar no meio do ruído dos passos e da respiração.

Ouvi dizer ao almoço que os partidários do comité tinham conseguido novamente, não sem dificuldade, é certo, preservá-lo. A «minoria revolucionária», após o seu fracasso, organizou uma grande manifestação sob a palavra de ordem: «É preciso começar pela cabeça!» Em frente da biblioteca, um «guarda vermelho» apelava a que se «marchasse» sobre o comité de cidade do partido.

— O comité da nossa Universidade apoia-se no novo comité de cidade dirigido por Li Siue-feng! Seguem uma linha oportunista, sabotando a revolução cultural! É dever de cada revolucionário, desprezando as dificuldades e a morte, derrubar Li Siue-feng e dispersar o novo comité do partido de Pequim!

O novo comité da cidade estava instalado já há cinco meses; Li Siue-feng viera à nossa Universidade em companhia de Tsiang Ts'ing. Por que razão caíra depois em desgraça?

— O novo comité de cidade tem conivência com o antigo! — gritava uma jovem que saltara para a tribuna. — Fazem voltar os antigos funcionários e têm conciliábulos em casa dos membros do velho comité! O novo comité de novo só tem o nome, na realidade continua a ser o velho bando negro. Abaixo Li Siue-feng! Abaixo o novo comité do partido!

Excitados por estes apelos, os «guardas vermelhos» deixaram a Universidade e dirigiram-se em cortejo para a cidade para derrubar o novo comité da capital.

O cerco do comité de cidade e os comícios realizados nas proximidades duraram vários dias e continuaram após eu ter partido de Pequim. Os «guardas vermelhos» acabaram por ganhar e Li Sieu-feng, secretário do comité do partido de Pequim, foi em breve destituído. Mas isso passou-se depois da minha partida...

Lembro-me de ter passado diante da reunião matinal dos «guardas vermelhos». Centenas de rapazes e de raparigas, com o uniforme verde do exército, estavam alinhados por destacamentos. A um sinal dos chefes, aproximaram do rosto, numa bela imagem de conjunto, o pequeno livro vermelho de Mao Tsé-tung. Vozes roucas gritaram:

— Abrir o livro na página trinta e dois! Preparar!

Todos se concentraram na ordem, com o pequeno livro vermelho aberto na mão direita. O comandante leu com voz de trovão o título do capítulo, que os jovens repetiram em coro,

separando as palavras. As vozes eram inexpressivas, os rostos solenemente contraídos: cumpriam o seu serviço da manhã.

Diante das fileiras de «guardas vermelhos» encontravam-se, ao lado dos jovens chefes, pessoas mais velhas, militares, com uma estrela no quépi e uma braçadeira indicando «instrutor político». Sim, era isto que emergia progressivamente da sombra. O exército, o principal reduto dos maoístas, saía à luz do dia, por trás dos «guardas vermelhos». Tinha provavelmente de acabar o que os «guardas vermelhos» não estavam à altura de fazer.

A partir de Setembro, o exército começou a fornecer uniformes aos «guardas vermelhos». Primeiro deu-lhes roupas já usadas, tiradas dos «stocks», uniformes incompletos. Era por isso que os primeiros «guardas vermelhos» os mais merecedores, os veteranos do movimento, traziam fardas militares usadas e desbotadas: um trazia um blusão militar, outro umas calças, raramente traziam uniformes completos. Depois distribuíram aos «guardas vermelhos» tecido verde dos armazéns militares e eles fizeram uniformes pomposos feitos por medida. Quase todos usavam quépis militares, mas uma insígnia representando Mao Tsé-tung, a cores ou sobre fundo vermelho, brilhava no meio da estrela vermelha militar. De seu os «guardas vermelhos» só conservavam os sapatos de ginástica.

★

Na véspera do 1.º de Outubro, festa nacional da R. P. C., fui avisado de que deveria esperar à tarde a visita de T'ung.

Simples colaborador do gabinete, fora dos primeiros a colocar a braçadeira dos «guardas vermelhos». Dera as suas provas de militante e instalara-se solidamente no ofício.

Ao entrar, T'ung começou a falar, primeiro com hesitação:

— A grande revolução cultural proletária está em curso no nosso país. Tem queixas a apresentar? Não sofreu pessoalmente com ela?

— Não, não sofri pessoalmente, mas tenho queixas.

— Bem, exponha-as.

T'ung deu um suspiro de alívio. Receava encontrar um homem azedado pelos golpes, que felizmente me foram poupados.

Ofereci chá ao «guarda vermelho». Bebeu lentamente e pediu-me que lhe transmitisse todas as minhas causas de descontentamento. Disse-lhe que o plano dos meus trabalhos não fora cumprido por causa da «revolução cultural», que a biblioteca estava fechada, que me tinham dado um outro director de investigação, etc.

T'ung ouviu as minhas reclamações sem se espantar. Em seguida perguntou:

— Que pensa dos acontecimentos políticos na China?

Respondi-lhe que considerava a «revolução cultural» como uma questão interna da China, mas que não a aprovava.

— O povo chinês pensa de outra forma! Os «guardas vermelhos» são os melhores representantes do povo chinês! — declarou o meu interlocutor.

— Não o creio!

Era o impasse.

— Desagrada-me nomeadamente que as livrarias tenham sido fechadas e que já não vendam literatura clássica — disse eu procurando sair desse impasse.

T'ung respondeu num tom de desculpa, um pouco surpreendente se se pensar no que se passava na altura:

— Há «guardas vermelhos» muito jovens, que ainda não estão maduros. Fecham as livrarias por entusiasmo revolucionário. Mas isso passará, tudo se calará. O sistema de educação do povo será reorganizado. As ideias de Mao Tsé-tung penetrarão em toda a parte...

Depois T'ung lançou-se numa longa tirada no espírito das instruções oficiais dadas para a festa. Explicava-se aos estrangeiros a destruição dos monumentos da cultura pelo «entusiasmo revolucionário» das massas, a profanação das igrejas cristãs pelo desejo de lutar contra a religião, etc.

Falávamos ambos uma linguagem diferente, esforçando-nos por evitar as palavras vivas. A parte oficial da conversa estava manifestamente terminada, mas T'ung não se despedia e eu compreendi que a curiosidade o retinha. É certo que estava encarregado de uma missão oficial, mas ele próprio queria saber o mais possível em primeira mão e fez-me muitas perguntas sobre a vida na U. R. S. S., sobre a reforma económica, os preços, os salários, a habitação, etc.

Começou a relembrar a história das relações sino-soviéticas, perguntando a minha opinião sobre todas as acusações formuladas pela propaganda oficial chinesa.

Muitos chineses, mesmo militantes da «revolução cultural» como T'ung, não compreendiam visivelmente as verdadeiras causas da ruptura das relações de amizade entre os nossos dois países. Quando encontravam soviéticos, e essas ocasiões eram extremamente raras, queriam ouvir, com uma curiosidade bem natural, as nossas explicações. Nos anos cinquenta, a China construíra, com a ajuda da União Soviética mais de 250 empresas industriais, que empregaram centenas de milhares de operários, técnicos e engenheiros. A história não conhece exemplos de uma cooperação desta amplitude. Em 1961, a China recusou-a sob a pressão do grupo de Mao Tsé-tung, o que teve graves repercussões na economia chinesa. Mas para os maoístas, a dominação política era bem mais importante que o desenvolvimento económico normal. Usavam calúnias para denegrir a ajuda soviética e a política internacionalista do P. C. U. S. aos olhos do povo chinês, o que não era fácil. As chaminés das fábricas implantadas graças à ajuda da U. R. S. S. fumegavam em toda a China, a tecnologia utilizada era soviética, tal como o equipamento, e os estudantes serviam-se de manuais soviéticos. Além disso, a aventura do «grande salto» e das «comunas populares» trouxera ao povo a miséria e a estagnação económica. Quem reflectisse não podia deixar de pensar nestes factos, apesar da fúria histérica anti-soviética da imprensa maoísta.

— Por que razão os especialistas soviéticos deixaram a China? Porque foram chamados? — perguntava T'ung.

— Porque vocês não os consideravam — respondi eu. — Iniciaram o «grande salto». Era uma loucura num país socialista. Chamavam-lhes «conservadores», humilhavam-nos e os especialistas tiveram de partir.

À palavra «conservador», T'ung aquiesceu sem objectar.

— Além disso, não é verdade que na China tentaram virar os nossos especialistas contra a política soviética? — continuei eu.

— E por que razão a U. R. S. S. deixou de ajudar a China? Não foi isso uma traição?

— Vocês próprios o exigiram. Avançaram uma nova linha geral contra as decisões anteriores do P. C. C. Ou não é verdade que foram vocês a começar a luta política contra a U. R. S. S.?

— Houve fome na China, porque vocês deixaram de nos ajudar! — lançou ele. Era o argumento preferido da propaganda chinesa, servindo para a intoxicação anti-soviética do seu povo.

— É falso! A U. R. S. S. ajudou a construir fábricas e oficinas, enquanto vocês se ocupavam da agricultura. A política do «grande salto» e das «comunas populares», eis o que conduziu ao fracasso da agricultura e à fome no vosso país.

— Sofremos também calamidades naturais.

— A seca e as inundações são naturalmente coisas terríveis, mas nunca atingiram toda a China. Foram as «comunas populares» que arruinaram o país.

— As «comunas populares» darão ainda as suas provas. A situação melhorou nos dois últimos anos.

— Delas só ficou o nome. Vocês reorganizaram-nas mais de uma vez.

— Eu penso que as calamidades naturais foram a origem de tudo — diz T'ung, deixando de responsabilizar a U. R. S. S.

— Vocês gostam muito de dizer e escrever que a política está em primeiro plano. Concordo: a fome foi devida a uma política económica errada, as calamidades foram uma causa secundária.

T'ung evitou responder e eu fiquei definitivamente convencido de que era a minha opinião que o interessava e não o debate em si, que me interrogava para se informar.

Houve um momento de silêncio.

— Há mais alguma coisa que não comprenda na revolução cultural?

— Há muitas coisas que não consigo compreender — respondi. — O movimento ultrapassa largamente a noção de cultura. Será espontâneo ou regido por um plano? Quais são os seus objectivos finais? Não consigo ver claro.

T'ung sorriu e recitou a sua lição:

— A revolução cultural é uma criação das massas, mas desenvolve-se dentro do espírito indicado pelo nosso maior mestre, o presidente Mao. Você não pode compreender na óptica da vossa ideologia! — sorriu com um ar condescendente.

E prosseguiu num tom mais sério:

— A revolução cultural passa por várias etapas. Estamos na primeira, que consiste em derrubar o reino negro estabelecido na China há sete anos. O P. C. C. esteve no poder durante todos esses anos, mas os que estavam investidos desse poder no seio do partido seguiam a via capitalista e preparavam a degeneração, a mudança de cor do nosso país e a

traição nacional. É necessário travar ainda uma grande luta para abater as forças negras. É o que estamos a fazer...

— Segundo vocês, quando terminará a primeira etapa?

— Não sei exactamente, mas penso que será antes do fim do ano. Na nossa Universidade, os «guardas vermelhos» tomaram o compromisso socialista de julgar todos os «indignos e os monstros» antes do dia 1 de Janeiro de 1967. Acho que conseguiremos, embora haja muito trabalho. Depois começará a segunda etapa, que será dominada pelo trabalho de edificação e educação em que os pensamentos de Mao Tsé-tung se espalharão por todo o país. Todos viverão no espírito das ideias de Mao Tsé-tung e todos os estabelecimentos trabalharão no espírito dos seus pensamentos. Transformaremos os usos, os costumes e os hábitos, modificaremos a instrução e a educação, os organismos de Estado, novos homens serão promovidos. Serão transformações revolucionárias e um novo regime revolucionário reinará na China. Esse trabalho apenas começou.

— E a segunda etapa durará muito?

— É difícil dizer. Pensámos primeiro que terminaria por volta de Setembro de 1967, mas agora receio que continui depois disso. A China é um grande país, há muito trabalho. Penso que terminará em Janeiro de 1968.

— E depois disso? Quais são as perspectivas?

— É a primeira vez que no mundo se realiza uma revolução cultural e a China abre à humanidade o caminho do futuro. Ninguém

pode parar a marcha triunfal das ideias de Mao Tsé-tung! Elas ganham actualmente a China e depois estender-se-ão ao mundo inteiro.

— E vão necessitar de muito tempo para isso? — perguntei com ironia.

— Vinte anos — diz T'ung. — Dentro de vinte anos, as ideias de Mao Tsé-tung reinarão no mundo inteiro. Difundi-las-emos em todo o mundo.

— De que modo?

— Pela via revolucionária.

Pensei nos cartazes chineses postos nos cruzamentos: «Preparem-se para calamidades: a fome e a guerra!»

★

Aproximava-se o dia da partida. Ematava as minhas coisas quando Siui e outro colaborador do gabinete entraram no meu quarto.

— Parte porque quer! — declarou Siui num tom vivo. — A Universidade não tinha previsto a sua partida antes do fim do ano.

— Perdão — indignei-me. — Há quinze dias, o ministério do ensino superior exigiu a partida antecipada dos estudantes e estagiários soviéticos. Representantes da embaixada foram especialmente convocados e informados oficialmente.

— Não, não sabemos de nada — obstinavam-se os representantes do gabinete. — Você parte por sua própria iniciativa. Não o acompanharemos nem o ajudaremos no que quer que seja.

No dia seguinte, 6 de Outubro, fui à Universidade entregar os documentos chineses. À entrada, disse ao porteiro que era a última vez que ia ali.

Despediram-se cordialmente de mim no refeitório para os estrangeiros, mas no gabinete quiseram novamente convencer-me de que a «expulsão» era uma «fábula da embaixada».

Terminadas todas as formalidades, pus-me à espera do carro da embaixada e fiquei espantado por nunca mais chegar.

— Vejam como os revisionistas tratam os soviéticos! — repetia o empregado do gabinete.

Não quis continuar a ouvi-lo e, despedindo-me de todos meti pela alameda central até à saída.

Tanta gente. Os «guardas vermelhos» da Universidade Pedagógica recebiam os seus camaradas dos outros estabelecimentos de ensino superior da capital e das províncias, vindos para «confrontar a sua experiência». Os visitantes contavam-se aos milhares. Os «guardas vermelhos» da província amontoavam-se diante dos «ta-tseu-pao» «importantes» ou «históricos» e tomavam notas, ao mesmo tempo que ouviam atentamente as homilias dos guias. Cerca de um terço da multidão, deslocando-se lentamente na alameda repleta de «ta-tseu-pao», era formado por soldados do exército popular de libertação. Chegavam à Universidade em secções ou pelotões, mas desfaziam as fileiras à entrada e iam instruir-se junto dos «guardas vermelhos». Os soldados eram reservados. Olhavam e instruíam-se.

Só Ma me acompanhou até à porta. Perguntei-lhe se ignorava realmente que eu partia

antes de tempo por intimação das autoridades chinesas. Mas jurou que não sabia.

O mal-entendido com o carro ficou esclarecido à saída.

— Acabo de mandar embora o seu carro, já cá veio duas vezes — diz o porteiro. — Tinha-me esquecido de que estava cá.

Passavam veículos cheios de «guardas vermelhos»: estava em curso uma «operação revolucionária» junto do comité de cidade. Felizmente um autocarro parou à porta da Universidade e descarregou um grupo de «guardas vermelhos». Fiz com a mão um gesto de despedida a Ma e saltei antes que a porta se fechasse. Circulava na capital chinesa e os «guardas vermelhos» à minha volta cantavam, glorificando o grande timoneiro.

O comboio partia ao fim da tarde. O autocarro da embaixada que nos levava à estação com o pessoal que nos acompanhava deslizava na obscuridade precoce pelas ruas estreitas de Pequim, evitando as grandes artérias, que podiam estar obstruídas por cortejos de «guardas vermelhos».

Desembocámos finalmente na praça da estação. Estava cheia de milhares de «guardas vermelhos»: de pé, sentados, deitados. Uns chegavam à capital em busca da «revolução cultural», outros voltavam para casa para implantar pela «via revolucionária» as ideias do presidente Mao.

O autocarro teve de ziguezaguear por estreitas passagens lamacentas até chegar às bilheteiras. Faltava já pouco tempo para a partida do comboio. As despedidas foram breves e o comboio partiu em direcção à fronteira mongol, levando-nos para fora do reino da «revolução

cultural». Finalmente, vimos o posto da fronteira: estávamos fora de alcance, já não tínhamos de recear a arbitrariedade dos «guardas vermelhos». Dei mesmo um suspiro de alívio, sentindo de repente como tinha sido penoso viver no país da «revolução cultural».

POSFÁCIO

Cerca de sete anos após os acontecimentos do Verão de 1966, que acabei de descrever, tornou-se evidente que os maoístas não se acalmaram. Difundiram largamente a afirmação de Mao Tsé-tung de que a «revolução cultural» era uma coisa necessária e justa e que era preciso repeti-la na China de seis em seis ou de sete em sete anos. Os maoístas viram-se na necessidade de repetir campanhas maciças de depuração para travar o fluxo crescente das forças novas, sãs, autenticamente socialistas. Uma nova campanha de massas começou na China em 1973, desta vez baptizada «movimento de crítica a Lin Piao e Confúcio». Os que seguiram este movimento de perto encontraram-lhe muitos pontos comuns com a «revolução cultural», que se tornou hoje uma espécie de lema das campanhas maoístas.

A opinião mundial fez um julgamento objectivo da «revolução cultural» na China. Ela foi objecto de análises detalhadas por parte de sábios soviéticos que consideram a «revolução cultural» como um golpe de Estado militar e político realizado pelo grupo de Mao Tsé-tung. Quanto a este livro, limitei-me a contar o que

vi pessoalmente e como compreendi os acontecimento nos seis primeiros meses da «revolução cultural».

Vi uma parte da jovem geração da China conquistada pelo maoísmo, com o que isso implica de lavagem ao cérebro. Foi habituada à violência, a comícios histéricos, ao culto e à glorificação. Sob a influência da demagogia maoísta, perdeu aquela sede de conhecimentos que sempre foi característica do jovem chinês de todas as condições sociais.

Em Janeiro de 1967, os «guardas vermelhos» foram chamados a «tomar o poder». Desmantelaram os organismos do partido e do Estado e as confrontações verbais e físicas tornaram-se a regra. Desenvolveram-se as tendências anárquicas dos «guardas vermelhos».

O país ficou à beira da catástrofe: estava ameaçado de paralisia de toda a actividade construtiva e de paragem da produção. Os «guardas vermelhos» tornaram-se inúteis e mesmo perigosos para os dirigentes maoístas.

No Outono de 1967, Mao Tsé-tung ordenou ao exército que «restabelecesse a ordem». E o exército, obediente às suas ordens, recorreu à força contra os mesmos «guardas vermelhos» que, um ano antes, tinham implantado as «ideias do grande timoneiro». Os recalcitrantes foram punidos, muitos foram fuzilados nos estádios em presença de milhares de espectadores. Um grande número de «guardas vermelhos» foram enviados para o campo sem indicação de tempo, para a «reeducação pelo trabalho rural».

Milhões de jovens foram assim enganados pelo «grande timoneiro» que primeiro os depravou moralmente para depois se desembaraçar deles como de um fardo inútil. A expulsão dos jovens das cidades chinesas tornou-se depois sistemática. Assim, em 11 de Setembro de 1972, o **Diário do Povo** fazia saber que mais de 400 000 pessoas tinham sido enviadas para o campo nesse mesmo ano. O número total dos deportados ultrapassa 20 milhões. A «revolução cultural» nada deu à juventude chinesa, mas muito lhe tirou. Já não lhe é possível terminar os seus estudos e trabalhar na especialidade escolhida. Não lhe é oferecida qualquer perspectiva.

A criação de novos órgãos do poder, os «comités revolucionários» maoístas, começou sob o controle do exército e num clima de agudas lutas internas. Em 7 de Setembro de 1968, o primeiro-ministro Chu En-lai anunciou num comício em Pequim perante cem mil pessoas que «todo o país era vermelho»: tinham-se formado comités revolucionários em todas as províncias e os organismos legítimos do partido e do Estado foram liquidados.

A maioria dos membros do C. C. do P. C. C., do Secretariado e do secretariado político do C. C. foi vítima da repressão maoísta devido à «revolução cultural». Em Abril de 1969 realizou-se o IX Congresso do P. C. C., que na realidade se tornou o congresso constitutivo de um partido novo, maoísta. O relatório da actividade foi apresentado por Lin Piao que, em virtude dos novos estatutos do P. C. C. adoptados no IX Congresso, foi proclamado «sucessor e substituto» de Mao Tsé-tung. O IX Congresso não trouxe à China a estabilidade, porque os problemas que o país enfrentava não foram resolvidos. Eram constantes as alterações pro-

duzidas no seio da nova direcção maoísta criada no congresso.

Tch'en en Po-ta, há muito tempo secretário pessoal de Mao Tsé-tung e que dirigia o «grupo maoísta» para a «revolução cultural» junto do C. C. do P. C. C., foi destituído no Outono de 1970, como anunciou a imprensa estrangeira. Depois, o conselheiro desse mesmo grupo, Kang-Cheng, foi afastado dos assuntos e não voltou a ser visto em público. Ora estes dois personagens tinham entrado no IX Congresso para o Comité permanente do secretariado político do C. C. do P. C. C., composto apenas por cinco membros e que fora chamado à direcção suprema do país.

Lin Piao desapareceu no Outono de 1971. Pequim fabricou uma versão dos acontecimentos de Setembro de 1971, retomada pela imprensa burguesa. Lin Piao era acusado de «dez crimes», nomeadamente de ter «preparado um golpe de Estado contra o presidente Mao Tsé-tung» e o «rapto de Mao Tsé-tung», tentado «assassinar o presidente Mao», etc. Lin Piao foi também acusado de «traição» e de «tentativa de fuga para o estrangeiro».

O «caso Lin Piao» implicou uma nova purga. Desde Setembro de 1971, dos 21 membros eleitos para o secretariado político pelo IX Congresso do P. C. C., participa menos de metade nos trabalhos e já só restam dois dos cinco membros do Comité permanente do secretariado político. Mao Tsé-tung e Chu En-lai.

A conjuntura dos anos 1972-1973 obrigou os dirigentes chineses a lançarem-se em subtis manobras de política interna e externa. Restabeleceram na economia certas formas e métodos de gestão verificados pela experiência de

desenvolvimento dos países socialistas, a imprensa dedicou-se novamente a enaltecer o papel do partido, uma parte dos quadros vítimas da repressão foi reabilitada. A R. P. C. foi admitida na O. N. U. Pequim voltou a proclamar os princípios da coexistência pacífica. Simultaneamente, a China estabelecia relações com os regimes mais reaccionários, procurando aproximar-se dos países capitalistas ocidentais, principalmente com os Estados Unidos.

Verificavam-se igualmente alterações na política cultural. Pequim queria que o mundo esquecesse os métodos selvagens e o vandalismo da «revolução cultural». A venda dos romances clássicos chineses foi autorizada. Os museus reabriram as suas portas, pelo menos aqueles onde era possível dissimular as destruições da «revolução cultural».

É evidente que tudo isto não passou de abandonos muitos superficiais, tácticos, da linha anterior, que permaneceu no essencial, mas o seu objectivo era claro. E o sinal de Pequim foi compreendido pela imprensa burguesa ocidental, que faz grande alarde de um «abrandamento» da linha de Pequim, vendo em toda a parte «realizações», mesmo no domínio da cultura.

Porém, os subterfúgios tácticos da propaganda maoísta não farão esquecer a ninguém que os dirigentes actuais são responsáveis pela «revolução cultural». Foi Mao Tsé-tung o promotor e o estratega dessa «revolução», com os seus excessos e vandalismos.

Toda a vida pública da China continua a estar impregnada do culto de Mao Tsé-tung. Como anteriormente, a política dos dirigentes maoístas distinguem-se por um anti-sovietismo

visceral que tem por objectivo dividir as forças revolucionárias da nossa época por aspirações de hegemonia de grande potência e pelo desprezo pelos interesses fundamentais do povo chinês. A União Soviética é promovida a inimigo n.º 1. Pequim criticou violentamente as propostas soviéticas sobre o desarmamento, sobre a proibição de empregar armas nucleares. A diplomacia maoísta esforça-se por entravar o desanuviamento na Europa. A imprensa chinesa publica fábulas sobre a situação na U. R. S. S., lança diatribes contra os outros países socialistas e os partidos comunistas e operários.

Não houve, portanto, qualquer alteração substancial do regime maoísta. E se a imprensa ocidental demonstra indulgência para com os organizadores de pogroms, as vítimas da «revolução cultural» não o podem esquecer. Na China muita gente perdeu parentes durante a «revolução cultural»: uns foram torturados até à morte, outros suicidaram-se ao fim de muitos vexames e humilhações. Também a jovem geração enganada não esquecerá o passado. As frágeis bases da política maoísta, que fez desaparecer a elite do país e enfraqueceu extremamente a China, tornam precários todos os aspectos da vida da sociedade chinesa moderna.

O X Congresso do P. C. C., reunido antes do tempo, em Agosto de 1973, ocupou-se essencialmente da distribuição dos postos e das funções. Foi convocado num clima de agudas querelas intestinas entre os maoístas «radicais» e os «pragmáticos», mas, quaisquer que sejam as suas divergências entre fracções ou pessoais, todos confirmaram a «linha de Mao Tsé-tung», tão nefasta para o povo chinês, e relançaram

a propaganda anti-soviética na China. É manifesto que os dirigentes chineses raramente estão de acordo entre si. Ora, sem concórdia, os problemas importantes vêem a sua solução adiada para as calendas gregas.

O X Congresso do P. C. C. não se debruçou sobre nenhum problema económico, porque os próprios maoístas ignoram para onde conduzir o país e como ultrapassar o atraso da economia chinesa. O congresso continua a não abordar também o problema da cultura que continua num estado miserável, desqualificando de forma escandalosa os dirigentes de Pequim aos olhos do resto do mundo. A sua linha cultural e política condu-los a um impasse. À parte a designação dos novos organismos dirigentes, o congresso não resolveu nenhum dos problemas que se colocam ao país, não abriu quaisquer perspectivas ao povo chinês, a não ser a promessa, ou melhor, a ameaça de organizar periodicamente campanhas do género da «revolução cultural»... Uma promessa de sofrimentos e duras provas para o povo chinês.

Desde o Verão de 1973 que a vida cultural chinesa tem sido novamente perturbada pela campanha de «crítica a Lin Piao e Confúcio». Atacaram-se os músicos chineses pela sua atitude «doentia» em relação à música de Beethoven, Tchaikovski, Mozart, Débussy; a música sinfónica europeia clássica é novamente proclamada «perniciosa» do ponto de vista de classe, foram perseguidos os que tinham convidado orquestras estrangeiras em 1972-1973, os que tinham ido aos concertos e os que lhes tinham consagrado artigos na imprensa.

No cinema, Pequim escolheu para alvo o filme **Chungkuo** rodado pelo italiano Miche-

langelo Antonioni, especialmente convidado para o efeito pelas autoridades chinesas, que deram toda a sua ajuda para a rodagem daquele documentário de três horas e meia.

O filme foi visto por funcionários chineses e projectado na Europa sem objecção durante perto de um ano. Mas, em Fevereiro de 1974, Pequim enfureceu-se subitamente contra o filme e os chineses que tinham participado nas filmagens.

Uma grande «erva venenosa» foi igualmente descoberta no teatro chinês: a ópera **Três Peregrinações a T'ao-feng**, montada na província de Chansi. Os maoístas encheram-na de calúnias sobre a «grande revolução cultural proletária» e a «linha justa do presidente Mao».

Em 1974, os jornais oficiais de Pequim voltaram a elogiar a «revolução cultural» e os «guardas vermelhos». O mal semeado pelos maoístas não foi arrancado, pelo contrário, está em condições de exercer uma influência preponderante em todos os aspectos da vida política chinesa.

A sorte quis que a «revolução cultural» me surpreendesse em Pequim, numa cidade estudantil, onde eu era o único estrangeiro da Europa. Sofri perseguições dos meus vizinhos por ver os vexames sofridos pelo professor Ko, o meu director de pesquisa. Ouvir falar dos acontecimentos de um país longínquo é uma coisa, ser testemunha delas, assistir à repressão contra pessoas que se conheciam pessoalmente, com as quais se trabalhou e viveu, é outra bem diferente. Eu descrevi sem artifícios o que vivi.

Apesar de todas as recordações penosas, mantenho a convicção, uma convicção baseada

na experiência, de que a maioria dos chineses da geração madura continua a sentir simpatia pela U. R. S. S. e a ausência de perspectivas da política maoísta reconhecida por qualquer chinês que reflita nela, reforça-me essa ideia.

No domínio das relações sino-soviéticas, os maoístas tendo começado por comícios diante da embaixada da U. R. S. S. em Pequim, chegaram a provocações armadas na fronteira sino-soviética. A política firme e consequente do P. C. U. S., elaborada pelo XXIV Congresso, contrariou a política aventureira dos maoístas. A linha consequente do P. C. U. S. e do governo soviético em relação à China associa a defesa consequente dos princípios do marxismo-leninismo, o reforço da unidade dos países da comunidade socialista e do movimento comunista internacional com uma resposta enérgica a qualquer ataque aos interesses do povo soviético. Leonid Brejnev, secretário-geral do C. C. do P. C. U. S., disse no seu discurso eleitoral de 14 de Junho de 1974: «No que diz respeito às nossas relações com a China, continuaremos naturalmente a ripostar à calúnia anti-soviética, protegendo firmemente os interesses do nosso Estado e preservando a nossa segurança. Permaneceremos ao mesmo tempo partidários da normalização das relações com a China, do restabelecimento da amizade com o grande povo chinês na base segura do internacionalismo proletário. Resumindo, em relação a este importante problema, aplicaremos igualmente com espírito consequente a linha do XXIV Congresso do nosso partido.»

VOLUMES PUBLICADOS:

1 — **Anticomunismo e Coexistência entre Países Socialistas e Capitalistas**/A. Boutenko e outros
2 — **O ABC da Política**
3 — **O Socialismo Científico**/Marx, Engels e Lénine
4 — **Contra o Revisionismo**/M. A. Dynnik
5 — **Os Trabalhadores e o Capitalismo Monopolista de Estado**/ /L. Tarassov e K. Ianov
6 — **Princípios do Materialismo Histórico**/A. Spirkine e O. Yakhot
7 — **O Partido Marxista-Leninista — Um Partido de Tipo Novo**/ /R. Kahánova
8 — **Racismo e Imperialismo**/Piotr Chastitko
9 — **Os Trotskistas e a Juventude**/Mikhaïl Basmanov
10 — **Os Comunistas e a Social-Democracia**/V. Vassine, S. Gribanov e I. Undassynov
11 — **Princípios do Materialismo Dialéctico**/A. Spirkine e O. Yakhot
12 — **Controle Operário sobre a Produção**/V. Vinogradov
13 — **Intelectualidade e Individualismo**/Marx, Engels, Lénine e outros
14 — **A Classe Operária Irá Desaparecer?**/N. Gauzner
15 — **O Partido Comunista na Sociedade Socialista**/Gueorgui Chakhnazarov
16 — **História da Luta contra o Trotskismo**/Serguéi Dmitriev e Vsévolod Ivanov
17 — **A Fraude Sakarov-Soljenitsine**/Gus Hall
18 — **A Aliança entre os Monopólios e a «Clique» Militar**/Alexandre Deïkine
19 — **China — A Política Económica ao Serviço da Hegemonia**/ /V. Viatski
20 — **Independência Económica e Sector Público**/A. Levkovski
21 — **A Doutrina dos «Países Pobres e Países Ricos»**/K. Ivanov
22 — **Problemas da Luta pela Unidade do Movimento Comunista**/ /Alexandr Sóbolev
23 — **O Mercado Socialista Mundial**/V. Shastitko
24 — **Problemas da Luta Ideológica Contemporânea**/A. Iakovlev, G. Smirnov, V. Mchvéniéradzé, S. Popov, V. Skaterchtchikov e S. Kaltakhtchian
25 — **O Sistema Eleitoral Soviético**/Vitali Latov
26 — **O Fenómeno e a Essência**/M. M. Rosental e G. M. Straks
27 — **Sobre a Coexistência Pacífica entre os Estados dos Dois Sistemas**/Dmitri Tomachevski
28 — **Sobre a «Convergência» dos Sistemas Socialista e Capitalista**/L. Leontyev
29 — **Organizações Económicas Internacionais da Comunidade Socialista**/V. Morozov
30 — **O Capitalismo e as Consequências Sociais da Revolução Técnico-Científica**/N. Gauzner

31 — **Os Kolkhozes — Cooperativas Agrícolas Soviéticas**/N. Mymrikov

32 — **Jorge Dimitrov — Sobre a Frente Única**/Ilia Kiulovski

33 — **A Economia Socialista**/Léonide Abalkine

34 — **A Emulação Socialista**/Semião Guershberg

35 — **Sobre o Anarquismo, o Trotskismo e o Maoísmo**/Boris Leibzon

36 — **A Europa — Cooperação ou Divisão?**/Vsevolod Kniajinski

37 — **A Eficácia da Gestão Económica Socialista**/Boris Goubine

38 — **As Vantagens da Divisão Internacional Socialista do Trabalho**/A. Chaparov e I. Motorine

39 — **Problemas da Industrialização dos Países em Vias de Desenvolvimento**/Vários

40 — **Lénine — Vida e Obra**/V. Zévine e G. Golikov

41 — **A Democracia Burguesa — Teoria e Prática**/A. Michine

42 — **A Lógica da História**/Víktor Neznánov

43 — **A Aldeia Soviética**/Alexei Emelianov

44 — **O Método de Industrialização Socialista**/V. Diatchenko

45 — **Os Comunistas Hoje**/Boris Leibzon

46 — **O Marxismo Contra o Comunismo Igualitário**/L. Pozina

47 — **O Revisionismo de Direita**/V. Granov

48 — **O Leninismo e a Revolução Cultural**/A. Arnoldov

49 — **O Nacionalismo — Ideologia e Política**/S. Agalev e Y. Oganisian

50 — **Como Superar o Atraso Económico**/Latif Maksudov

51 — **Organização da Indústria e Construção na U. R. S. S.**/A. Omarov

52 — **A História dos Estados Unidos e o Problema Negro**/R. Ivanov

53 — **A Nacionalização Socialista, Via do Progresso**/V. Gavriline

54 — **O Liberalismo Americano**/A. Valyuzhenich

55 — **A «Revolução Cultural» vista de perto**/Alexei Jelokhovtsev

Se deseja receber, gratuita e periodicamente informações bibliográficas sobre a actividade da Editorial Estampa queira enviar-nos, num simples postal, o seu nome e morada.

Os livros requisitados à Editorial Estampa serão prontamente enviados contra reembolso, pelo preço de capa. As despesas de expedição e cobrança serão suportadas por nós.

EDITORIAL ESTAMPA

R. da Escola do Exército, 9 r/c.-D.
Tel. 555663 Lisboa-1 — Portugal

Título: *A «Revolução Cultural» Vista de Perto*
Autor: Alexei Jelokhovtsev
Editor: Editorial Estampa, Lda.
Tiragem: 3200 ex.
Acabou de imprimir em: 28 de Abril de 1977
Oficinas: Guide - Artes Gráficas, Lda.
LISBOA — PORTUGAL